

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Evenize de Cássia Batista Marques da Silva

**COMUNICANDO A SAÚDE: A GRIPE CAUSADA PELO VÍRUS AH1N1
E A CULTURA DO JORNALISMO EM TRÊS JORNAIS REGIONAIS**

Sorocaba/SP

2012

EVENIZE DE CÁSSIA BATISTA MARQUES DA SILVA

**COMUNICANDO A SAÚDE: A GRIPE CAUSADA PELO VÍRUS AH1N1
E A CULTURA DO JORNALISMO EM TRÊS JORNAIS REGIONAIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura

Orientador: Doutor Paulo Celso da Silva

Sorocaba/SP

2012

Ficha Catalográfica

Silva, Evenize de Cássia Batista Marques da
S579c Comunicando a saúde : a gripe causada pelo vírus AH1N1 e a
cultura do jornalismo em três jornais regionais / Evenize de Cássia
Batista Marques da Silva. -- Sorocaba, SP, 2012.

130 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade
de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2012.

Bibliografia: 102-105.

1. Jornalismo. 2. Sensacionalismo no jornalismo. 3. Influenza A
(H1N1). I. Silva, Paulo Celso da, orient. II. Universidade de
Sorocaba. III. Título.

EVENIZE DE CÁSSIA BATISTA MARQUES DA SILVA

**COMUNICANDO A SAÚDE: A GRIPE CAUSADA PELO VÍRUS AH1N1
E A CULTURA DO JORNALISMO EM TRÊS JORNAIS REGIONAIS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e Cultura da
Universidade de Sorocaba.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:

Ass: _____

Pres. Doutor Paulo Celso da Silva (UNISO)

Ass: _____

1º Exam.: Doutora Tarcyanie Cajueiro dos Santos
(UNISO)

Ass: _____

2º Exam.: Doutora Vera Regina Toledo Camargo
(Labjor/UNICAMP)

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado inteiramente aos meus familiares pelo incentivo, pelos exemplos de vida e pela compreensão que tiveram nesse período longo em que muitas vezes estive ausente.

Faz-se necessário destacar minha mãe, Leonilda Guilherme, mulher de índole e caráter irreparáveis, que soube superar com garra os desafios que a vida lhe impôs e criou duas filhas com base em valores fortes como dignidade e honestidade. É nela que eu penso quando a situação está difícil e, durante o caminho percorrido até a elaboração desta dissertação, não foram poucos. Por saber do esforço que minha mãe empregou na minha criação e formação e na dedicação que ela tem até hoje para me ajudar a compreender que somos todos aprendizes nesta vida, devo essa homenagem especial.

Por também ser responsável por muito do que sou hoje e pelo que eu ainda serei, esta dissertação é também dedicada especialmente à minha irmã, Eveline de Cássia Batista Carvalho, com muito orgulho, minha grande referência por ser humana, dedicada, esforçada, professora vocacionada, amorosa e competente e, além de tudo, uma mãe presente, consciente e responsável.

Devo nominar ainda meu pai Ranulfo Batista Neto, minha madrastra Walkíria Sieves e meu padrasto Jair Francisco Martinho, por serem presentes, amigos e dignos do meu respeito. Às crianças da minha vida, Lucas, Letícia, Marina e Rafael, meus sobrinhos lindos que me fizeram conhecer o amor mais intenso que já vivi até hoje.

Finalmente, dedico ao meu marido, Marcel Stefano Tavares Marques da Silva, meu confidente, meu incentivador, posição essa que ele desempenha de forma incondicional. Foi ele quem me apresentou o mestrado e, antes mesmo de eu começar, me fez experimentar ao seu lado como seria longo e trabalhoso o caminho e como definitivamente cada esforço seria compensado ao final com a sensação de dever cumprido.

Por tudo isso e por muito mais que nós sabemos e sentimos, posso garantir que dedicar o trabalho ao Marcel é pouco. O justo é dizer que este trabalho é nosso, porque sem ele essa conquista não existiria.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Marcel, pela calma, paciência, pelo incentivo, por não ter me deixado desistir tantas vezes, me fazendo acreditar que tudo daria certo. Obrigada ainda pela ajuda que eu nunca terei como retribuir e pela qual serei grata para o resto da minha vida.

À minha mãe Leonilda, por tudo que fez por mim, pelas palavras de incentivo e por entender todas as vezes que não pude estar junto. Ao meu pai, Ranulfo, por me animar lembrando que depois de tanto esforço, em breve eu poderia descansar e me divertir.

À minha irmã Eveline e meu cunhado Jonas, pelo apoio e pela disposição em escutar e orientar. À minha sogra Márcia, pelo interesse e pelas palavras de incentivo. À minha cunhada Mônica, pelo carinho e pela ajuda com a tradução. Aos meus cunhados Fred, Christian e Luciane, pela atenção e por estarem sempre dispostos a ajudar.

Aos meus quatro sobrinhos, Lucas, Letícia, Marina e Rafael, pela alegria, pela sinceridade nas emoções e por me proporcionarem momentos muito valiosos capazes de relaxar, me inspirar e dar forças para continuar.

Agradeço aos amigos que me ajudam a esvaziar a cabeça de tempos em tempos, Anclar Patric, Edileine Guimarães, Luciane Fogaça, Carolina Magoga, Ângela Fiorenzo, Poliana Machado, Gabriele Camargo, Rosi Silva e Marli Hoffmann, pela amizade de verdade, uma relação que preservamos e reforçamos com laços fortes e muita alegria a cada encontro.

Obrigada a Valter Calis por permitir a flexibilização do meu horário de trabalho para frequentar as aulas e pelo apoio na reta final quando os prazos estavam curtos e sua compreensão foi essencial. Agradeço ainda aos companheiros de trabalho que também vibraram em momentos importantes e, interessados, me ouviram comentar como estava o curso, Mariana Campos, Míriam Bonora, Thiago Cordeiro e Mariana Mariano. Um agradecimento especial à Larissa Gallep, que viveu praticamente ao mesmo tempo o desafio do mestrado e, em um telefonema rápido, foi capaz de me deixar mais tranquila para a qualificação.

Obrigada à professora Luz Marina Polis, a quem tive o prazer de conhecer durante minha especialização na FAAP, por ter prontamente intercedido para que eu conseguisse acesso ao acervo do jornal Vale Paraibano para esta pesquisa. Aos funcionários da Uniso que me ajudaram com as tarefas burocráticas, especialmente à Nathália Moreno, pela simpatia e prontidão. À minha colega de turma Marta Beraldo, pela companhia, pelo carinho, pelo grande prazer da convivência e pelas palavras de mãe.

Manifesto aqui meu respeito e admiração, agradecendo especialmente a Osvando José de Moraes, meu orientador durante a maior parte do mestrado, por ter verdadeiramente acompanhado e contribuído muito para este trabalho com grande generosidade, compartilhando seu conhecimento e tendo muita paciência com a minha falta de tempo. Ao Paulo Celso da Silva, que assumiu a orientação deste trabalho na reta final, pela confiança e apoio.

Impossível nominar e explicar a importância que tantas pessoas tiveram nesta jornada, mas posso afirmar que sou uma privilegiada por contar com apoio de muitos.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos
alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso
aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho analisa o conteúdo publicado em três jornais - Cruzeiro do Sul (de Sorocaba), Diário da Região (de São José do Rio Preto) e Vale Paraibano (de São José dos Campos), todos do interior do Estado de São Paulo - sobre a gripe causada pelo vírus Influenza A-H1N1 durante a pandemia da doença, ocorrida no ano de 2009. Tendo como base metodológica a Análise de Conteúdo e o Jornalismo Comparado, além do amparo teórico da Agenda Setting, trabalhamos com os textos de Laurence Bardin, Maxwell McCombs e José Marques de Melo, tendo ainda contribuições de Mauro Wolf, Guy Debord e Jean Baudrillard, entre outros. Foram investigadas 322 unidades jornalísticas, publicadas no mês de agosto de 2009, levando em consideração as categorias de jornalismo opinativo e informativo. A análise desse material se mostrou necessária para verificar como se deu a cobertura jornalística a respeito da chamada “nova gripe”, observando critérios quantitativos e qualitativos sobre o conteúdo publicado. Para tal, uma a uma, as matérias publicadas foram analisadas e resultaram no preenchimento de tabelas contendo indicadores estabelecidos para classificar e analisar o universo pesquisado. Essa metodologia aplicada teve como parâmetro os trabalhos dos autores já citados e também as classificações temáticas conceituadas pelas pesquisadoras Luiza Massarani e Flávia Medeiros, com adaptações e ajustes considerados pertinentes à presente pesquisa. O estudo verificou, entre outros itens, a apuração das notícias e as fontes mais utilizadas para o fornecimento de dados; além de quais recursos os jornais utilizaram para a publicação de um assunto de grande interesse da população naquele momento em que uma doença nova avançava pelo mundo. Verificamos ainda qual foi a relação entre os conteúdos publicados e a manifestação dos leitores por meio de cartas enviadas para os periódicos e como o contexto regional foi abordado pelos matutinos pesquisados. Com o levantamento, foi possível concluir que a temática mais abordada pelos jornais pesquisados foi sobre medidas de controle da doença, seguida pelas unidades sobre o alastramento e as mortes provocadas pela gripe. O terceiro tema mais publicado foi o conjunto entre denúncias e situações de medo e insegurança relacionadas à doença. As notícias sobre as mortes foram focadas na contagem, muitas vezes diária, dos óbitos e, em alguns casos, baseadas em informações não oficiais e sem identificar as fontes e a origem dos dados publicados. Por fim, a partir das evidências de espetacularização da notícia e da publicação massiva de números de casos e de mortes, da superficialidade e das contradições encontradas em uma parte das matérias, concluímos que o conteúdo veiculado contribuiu para o pânico na sociedade durante o período da pandemia.

Palavras-chave: Jornalismo. Comunicação em Saúde. Espetacularização da notícia. Vírus Influenza A-H1N1.

ABSTRACT

This paper analyzes the content published by three newspapers - Cruzeiro do Sul (Sorocaba), Diário da Região (São José do Rio Preto) and Vale Paraibano (São José dos Campos), all in the state of São Paulo - on influenza caused by Influenza A (H1N1) virus during the pandemic of the disease in 2009. Having as methodological basis Content Analysis and Comparative Journalism, as well as the theoretical support of Agenda Setting, we worked with Laurence Bardin, Maxwell McCombs e José Marques de Melo texts, taking contributions from Mauro Wolf, Guy Debord and Jean Baudrillard among others. We investigated 322 journalistic units published in August 2009, taking into consideration the categories of informative and opinionated journalism. The analysis of this material proved necessary to verify how was the news coverage about the so-called “new flu”, observing quantitative and qualitative criteria on published content. For that, one by one, the published articles were analyzed and resulted in the completion of tables containing indicators established to classify and analyze the research universe. The applied methodology had as parameter the work of the authors cited above and also the thematic classifications conceptualized by researchers Luiza Massarani and Flávia Medeiros, with adaptations and adjustments considered relevant to this research. The investigation checked, among other things, the news verification and the most often used data sources, besides which resources the newspapers used to publish an issue of great interest to the population at that moment when a new disease was spreading worldwide. We also verified what was the relationship between the published content and the readers expression through letters sent to the newspapers and how the regional context was approached by the studied papers. With the survey, it was concluded that the most discussed topic in the studied newspapers was disease control measures, followed by units on spread and deaths caused by the flu. The third most published subject was a combination of complaints and situations of fear and insecurity related to the disease. News of the mortality were focused on counting, often daily, of the deaths and in some cases, based on unofficial information and without identifying the sources and origin of published data. Finally, from the evidence of the spectacularization of news and massive publication of numbers of cases and deaths, from the superficiality and contradictions found in some of the articles, we conclude that the posted content contributed to society panic during the pandemic.

Keywords: Journalism. Health communication. Spectacularization News.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Metodologia.....	15
1.1.1 Escolha dos Jornais.....	15
1.1.2 Escolha das Teorias	18
1.1.3 Objetivos e Hipóteses	19
1.1.4 Metodologia adotada para análise dos jornais	20
1.1.5 Construção dos Indicadores.....	21
1.1.6 Apresentação dos capítulos	32
2 MEDIA e SOCIEDADE.....	34
2.1 Análise de Conteúdo.....	40
2.2 Agenda Setting	41
3 RESULTADOS ENCONTRADOS NOS JORNAIS	44
3.1 Jornal Vale Paraibano	44
3.2 Jornal Diário da Região	50
3.3 Jornal Cruzeiro do Sul	55
4 ANÁLISE DOS TRÊS JORNAIS	60
5 A MORTE COMO NOTÍCIA.....	73
5.1 Espetacularização ou Serviço?	86
5.2 Ética jornalística e Ética da informação	89
6 CONCLUSÃO.....	96
ANEXOS	106
ANEXO A – Brasil descarta casos de gripe suína.....	106
ANEXO B – Página A7 – Cruzeiro do Sul	107
ANEXO C – Associação Paulista de Jornais.....	108
ANEXO D – Item obrigatório	110
ANEXO E – Espera por atendimento chega a duas horas.....	111
ANEXO F – Vale tem quarta morte por gripe suína	112
ANEXO G – Grupo quer parar aula em escola modelo	113
ANEXO H – Gripe Suína – Di@rinho	114
ANEXO I – Cinismo sem fim	115
ANEXO J – Escola pede ‘kit’ de higiene contra a doença.....	116
ANEXO K – Preocupação com a gripe	117

ANEXO L – Contradições sobre a gripe	118
ANEXO M – Gentileza gera gentileza	119
ANEXO N – Gripe suína.....	120
ANEXO O – Para infectologista, pobre corre mais risco.....	121
ANEXO P – Câmara considera ações contra a gripe insuficientes	122
ANEXO Q – Arcebispo recomenda mudança nas missas.....	123
ANEXO R – A luta contra a gripe suína	124
ANEXO S – População teme andar em ônibus lotado	125
ANEXO T – Gripe suína e o turismo	126
ANEXO U – H1N1, globalização da gripe	127
ANEXO V – Cautela e caldo de galinha.....	128
ANEXO X – A dura decisão dos pais	129
ANEXO Z – Férias prolongadas	130

1 INTRODUÇÃO

Noventa anos após a pandemia da Gripe Espanhola, causada pelo vírus Influenza A-H1N1, ter assustado o mundo e tirado a vida de 25 a 40 milhões de pessoas entre 1918 e 1919, uma nova mutação do A-H1N1 foi notícia nos meios jornalísticos, tornando-se motivo de temor nos cinco continentes no ano de 2009.

Se o poder devastador do vírus no organismo humano foi semelhante nas duas ocasiões – com elevado poder de contágio, mesma forma de transmissão, evolução rápida e alta taxa de morbidade – é possível dizer que uma particularidade da primeira pandemia do século XXI se deve à localização temporal: em plena Era da Informação e do Conhecimento.

Graças à evolução tecnológica e à facilidade para propagação de notícias em tempo real por todo o planeta, via internet, a população mundial pôde acompanhar o avanço da doença, inicialmente restrita a alguns países, mas rapidamente disseminada, ignorando as fronteiras geográficas, o que não aconteceu durante a disseminação da gripe espanhola no início do século anterior.

O acesso à informação, tão importante para a orientação da população - especialmente sobre métodos de prevenção bastante conhecidos, tais como evitar confinamento e locais com aglomeração, evitar a automedicação, não compartilhar objetos de uso pessoal e usar lenço descartável para tossir e espirrar -, também teve como efeito colateral a propagação do medo e do pânico coletivo, à medida que as informações divulgadas anunciavam cada novo país afetado e, posteriormente, os óbitos causados pela doença.

Em março de 2009 começaram as primeiras notícias sobre a multiplicação dos registros da então chamada “gripe suína” no México. No mês seguinte, os óbitos já chamavam a atenção da população mundial assim como também chamava a atenção a facilidade com a qual o vírus se espalhava por aquele país e chegara aos Estados Unidos. Se, durante a pandemia de Gripe Espanhola, as pessoas doentes se locomoviam de navio e levavam consigo o vírus matador, em 2009 o inimigo microscópico se locomoveu mais rápido ainda e conquistou o mundo de avião, apesar das tentativas frustradas de barreiras sanitárias nos aeroportos.

No Brasil, as notícias sobre o tema aumentaram em abril daquele ano, com os primeiros casos registrados na Argentina, anunciando a aproximação da doença. Com mais informações disponíveis, o assunto tomou a sociedade e o medo da chamada “nova gripe” se

disseminou. No início da pandemia, ao se referir à doença, o termo mais empregado era “gripe suína”, não apenas entre leigos, mas em geral e até as autoridades de saúde utilizaram essa nomenclatura. Essa referência surgiu porque, entre os primeiros casos da doença, houve registros de porcos infectados em países como México e Canadá e ventilou-se a possibilidade desses animais serem hospedeiros para o novo tipo de vírus circulante. A própria Organização Mundial da Saúde manteve o uso deste nome por vários meses, mas em 30 de abril de 2009 se manifestou oficialmente informando que deveria ser abandonado o termo “gripe suína”, passando a chamar a doença de gripe Influenza A- H1N1.¹

A nota da OMS, em seguida apoiada por outras instituições universais, foi motivada por apelos dos produtores de carne de porco de países como Canadá e México, alegando que as informações sobre a doença provocavam interferências e sanções no mercado e estariam causando até sacrifícios de animais em algumas localidades, como também foi noticiado pela imprensa na época.

Apesar da recomendação para que o termo “suína” fosse desvinculado da doença, isso não aconteceu de fato, pois já estava incorporado ao vocabulário das pessoas que mantiveram o seu uso. Essa continuidade não ocorreu apenas entre as pessoas leigas, nas ruas, escolas, empresas e instituições diversas, mas também na imprensa e entre os profissionais da saúde.

Enquanto as pessoas precisavam entender melhor como se proteger, predominavam no noticiário as informações sobre o avanço da doença, o perigo, o risco anunciado da chegada da gripe ao país. Registrado o primeiro caso de brasileiro infectado, em maio de 2009, o foco se voltou para os Estados e rapidamente para os municípios. A imprensa, em geral, anunciou quais eram as localidades que já tinham casos registrados e se tornou uma obrigação diária dos órgãos oficiais informar o número de suspeitos, o número de casos confirmados e se havia registro de óbito.

À imprensa coube disseminar números e propagar informações que nem sempre podiam ser acompanhados com clareza pela população e não ajudavam a orientar aqueles que precisavam se prevenir. Dia após dia, as notícias apresentaram uma sucessão de números, casos suspeitos, descartados, confirmados, de forma que nem o mais atento leitor/espectador seria capaz de saber se aquela informação se referia a algo que ele já havia lido ou ouvido no dia anterior ou tratava-se de um dado novo.

¹ Reportagem: “OMS vai abandonar gripe suína e usar apenas nome científico”. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae.oms-vai-abandonar-gripe-suina-e-usar-apenas-nome-cientifico-363481,0.htm>, acesso em 08 de julho de 2012.

Como exemplos, podemos citar duas notícias publicadas pelo mesmo veículo, nos dias 27 e 28 de abril de 2009², quando ainda não havia casos confirmados no Brasil. Na primeira delas, segundo o portal de notícias Folha Online, não havia evidências da circulação do vírus no país e na segunda, exatamente no dia seguinte, são citados 20 casos suspeitos.

Se acompanhar o noticiário de um único veículo já causava insegurança, mudar de canal, acessar portais informativos, ler mais de um jornal ou recorrer a todas essas fontes juntas tornava praticamente impossível saber o que realmente estava acontecendo, qual era a situação da doença no país, os riscos coletivos e individuais e o que cada pessoa deveria fazer.

Mesmo com o fácil acesso e, praticamente, em tempo real, para acompanhar a evolução da doença e buscar informações úteis em sites oficiais ou específicos de notícias, ou ainda através da televisão, o jornal impresso continuou sendo fonte de notícias buscada pela sociedade diariamente, seja pelo comprador de exemplares avulsos nas bancas, pelo assinante que recebe o periódico em casa ou mesmo nas versões desses jornais digitalizadas e disponíveis na internet.

Com a falsa impressão de deter o poder de buscar e escolher alternativas de informação, o leitor, o espectador, o ouvinte ou, simplesmente, o cidadão que precisava saber mais sobre a nova doença, acabou recebendo informações massificadas independente de qual fonte estivesse acessando.

Tal situação já fora descrita por Theodor Adorno ao conceituar a Indústria Cultural como uma ilusão de escolha, tendo em vista que é o processo de produção que determina o que e como será a notícia. Ao receber informação uniformizada, sentencia Adorno, a sociedade torna-se incapaz de assumir uma postura crítica diante dos fatos e do contexto que lhe é sugerido.

Uma sociedade que, não obstante toda racionalização, se mantém irracional, essa tendência fatal, passando pelas agências da indústria, transforma-se na intencionalidade astuta da própria indústria. Para o consumidor, não há mais nada a classificar que o esquematismo da produção já não tenha antecipadamente classificado. (ADORNO, 2002, p. 09)

Talvez por não conseguir distinguir ou desconfiar das informações oferecidas pelos meios de comunicação de massa, como comentou Adorno, durante o episódio da Gripe A-H1N1 no Brasil, o receptor reagiu consumindo automaticamente as mesmas informações,

² Ver Anexo A na página 106

pois, embora pudesse recorrer a veículos diferentes, o conteúdo era o mesmo. Com tantas fotos e imagens veiculadas mostrando pessoas de máscaras e usando álcool em gel, uma busca desenfreada de consumo aumentou, ocasionando, inclusive, aumento de preços e falta de produtos nas prateleiras.³

Enquanto a doença avançava pelo mundo, pesquisadores trabalhavam para saber mais sobre ela, a fim de poder orientar sobre prevenção e, possivelmente, como veio a ocorrer depois, desenvolver uma vacina. Informações como essa, poderiam gerar certa segurança ou sensação de tranquilidade no cidadão carente de orientações, mas para isso dependeriam de escolhas da imprensa. Em se tratando da atuação dos veículos de notícias em relação a novas doenças, Medeiros e Massarani (2011) definem os diferentes efeitos que podem ser gerados a partir das opções de cobertura da imprensa.

De acordo com escolhas feitas na cobertura de uma doença emergente, a mídia pode ajudar a promover o pânico ou tranquilizar suas audiências. Diversos estudos mostram que a cobertura midiática de doenças emergentes tem sido extensa e, em muitos casos também, pouco precisa, alarmista ou sensacionalista. (MEDEIROS; MASSARANI, 2011, p. 43)

Quando se trata de saúde pública, o foco sobre o papel importante da mídia fica ainda mais apurado, tendo reconhecida relevância e, porque não dizer, influência também na prevenção e até no tratamento de certas doenças (EPSTEIN, 2000, p.161).

Considerando o interesse de toda a sociedade nesta temática, bem como a própria abrangência do trabalho da imprensa e esse poder de disseminar informações, observamos ainda que o comunicador serve de ponte entre o público, a sociedade e as fontes oficiais - que detêm as informações do momento e são responsáveis pelas políticas públicas que devem ser amplas e acessíveis a todo cidadão. O mesmo ocorre em relação aos pesquisadores - que estão buscando mais informações a respeito das doenças existentes, formas de prevenção, tratamento e cura.

Apenas as conquistas da ciência, cada vez mais admiráveis, não bastam para resolver as dificuldades. É preciso que elas cheguem até as pessoas. Tornem-se de domínio público. E isso ainda vai exigir muita atenção política e jurídica, de grandes massas para acontecer. (MONTSERRAT FILHO in CAVALCANTI FILHO, 1994, p. 99)

³ Ver Anexo B na página 107

Com o crescimento dos temas que envolvem a saúde das pessoas no Brasil, observado nas últimas décadas, a ocorrência da pandemia de gripe no ano de 2009 mostrou-se uma oportunidade relevante para se observar a conduta da imprensa para a cobertura de temas de grande interesse científico e social, por envolver, objetivamente, o risco à saúde pública.

Foi neste contexto que surgiu a inspiração para o presente trabalho, partindo do entendimento básico de que o que é divulgado, publicado, veiculado pela imprensa interfere no comportamento da sociedade que pode se posicionar e tomar posturas diante dos fatos (MENDEZ, 2000, p.95).

O objetivo foi analisar como se deu a atuação desses periódicos no episódio citado e verificar como foi a prática das publicações em divulgar as notícias naquele período, bem como, observar o comportamento dos jornais à existência ou não de editoriais em saúde nesses veículos. Com esse apontamento teórico-prático observado nesta pesquisa, pretende-se contribuir para a área do jornalismo, proporcionando uma reflexão aos gestores dos jornais ou ainda aos profissionais da área. Pretendemos proporcionar às empresas e aos jornalistas um trabalho que sirva de referência para uma reflexão crítica sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido nas redações, e, dessa forma, tentar ajudá-los a prestar um melhor serviço ao seu público e à sociedade, que carece de informação de qualidade e orientações adequadas para que possa atuar e agir de maneira correta dando a sua contribuição ao coletivo, interferindo positivamente neste universo tão complexo e abrangente chamado saúde pública.

Os meios de comunicação podem ser extremamente eficazes para envolver o público com os assuntos da saúde, pois, de forma atraente, induzem as pessoas ao desenvolvimento de novas ideias que podem gerar ações de prevenção de doenças. Haja vista a questão recente da vacinação que combate a Influenza H1N1. (REIS, 2010, p.19)

1.1 Metodologia

1.1.1 Escolha dos Jornais

Para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, optamos por trabalhar com jornais do interior do Estado de São Paulo. Essa escolha se deu pela possibilidade de haver um público mais carente de informações científicas mais publicadas pela mídia nos grandes centros. Apesar de, atualmente, pessoas de qualquer lugar conseguirem acessar as informações disponibilizadas por meio digital, é justamente pelos jornais impressos que ainda

boa parte desses munícipes obtém informação com credibilidade. Além de informar, os jornais impressos diários acabam exercendo um papel de colaborador na educação e diminuição do analfabetismo científico existente na população brasileira. E a escolha se deu exclusivamente pelo interior do Estado de São Paulo por estar mais próximo de nossa realidade.

Definido o objetivo de trabalharmos com jornais que estão localizados fisicamente fora dos grandes centros, e focando o trabalho nos jornais do interior do Estado de São Paulo, buscamos uma entidade que unisse esses veículos e chegamos à Associação Paulista de Jornais (APJ).⁴

A APJ reúne catorze jornais do interior do Estado de São Paulo, com realidades bastante diferentes. Não existe um padrão entre eles. Uns são maiores, em formato standard, impressos em páginas coloridas e podem ser encontrados diariamente nas bancas, outros são de tamanhos menores, com páginas em preto e branco, alguns têm tiragem mais restrita e outros não circulam às segundas-feiras.

Como não haveria tempo hábil suficiente para pesquisar todos eles, focamos naqueles jornais publicados em cidades com mais de 400 mil habitantes, tendo como base os números apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, conforme mostra o **Quadro 1**, que aborda as cidades e suas respectivas populações⁵.

Quadro 1 – Jornais da APJ, com cidade-sede e número de habitantes

Cidade	Jornal	População
<i>Santo André</i>	<i>Diário do Grande ABC</i>	676.407
São José dos Campos	Vale Paraibano	629.921
<i>Sorocaba</i>	<i>Cruzeiro do Sul</i>	586.625
<i>São José do Rio Preto</i>	<i>Diário da Região</i>	408.258
Mogi das Cruzes	O Diário	387.779
Jundiaí	Jornal de Jundiaí	370.186
Piracicaba	Jornal de Piracicaba	364.571
Bauru	Jornal da Cidade	343.937
Franca	Comércio da Franca	318.640
Limeira	Jornal de Limeira	276.022

⁴ Ver mais sobre a Associação Paulista de Jornais no Anexo C na página 108

⁵ Dados coletados em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> (acessado em 01 de maio de 2012)

Americana	O Liberal	210.638
Araraquara	Tribuna Imprensa	208.662
Presidente Prudente	O Imparcial	207.610
Araçatuba	Folha da Região	181.579

Fonte: Elaboração Própria

Diante desse parâmetro estabelecido, chegamos aos jornais: **Vale Paraibano**, da cidade de São José dos Campos, que tem 629.921 habitantes; **Cruzeiro do Sul**, produzido na cidade de Sorocaba, que tem 586.625 habitantes e, por fim, o jornal **Diário da Região**, produzido na cidade de São José do Rio Preto, que tem 408.258 habitantes. Como pode-se observar, o jornal Diário do Grande ABC também se encaixou neste primeiro parâmetro, mas ele acabou sendo descartado da análise, por motivos que serão explicados logo a seguir.

É preciso deixar claro que a escolha de cidades com mais de 400 mil habitantes foi um parâmetro usado para definir os jornais a serem pesquisados, uma vez que se a densidade populacional fosse menor, 300 mil habitantes por exemplo, o número de jornais a serem pesquisados seria de oito veículos, o que, praticamente, inviabilizaria a pesquisa, por conta do enorme prazo que seria necessário para mapear, separar e analisar uma a uma as matérias dentro dos jornais impressos.

Necessário destacar também que optou-se por descartar também o jornal Diário do Grande ABC por conta da proximidade com a Capital, com características de uma cidade de grande porte, o que não se encaixava no nosso propósito que era de analisar as matérias publicadas em jornais de cidades interioranas do Estado de São Paulo.

Levando-se em conta que os três jornais escolhidos são produzidos e distribuídos em locais não tão próximos um ao outro e representam regiões diferentes do ponto de vista econômico, social e cultural, acreditamos que conseguimos um corpus interessante para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Outro detalhe importante que ajudou a consolidar a pesquisa nesses três jornais foi o fato dos jornais pesquisados terem sido lançados em diferentes épocas: o mais velho é o Cruzeiro do Sul (criado em 1903), acompanhado de O Diário da Região (de 1950) e do Vale Paraibano (de 1996). Os anos de existência de um jornal, apesar desse não ser o foco de nossa pesquisa, pode influenciar na política editorial deste mesmo periódico (sendo mais ou menos conservador), então, acreditamos que essa é uma informação relevante para a nossa escolha, pois nosso corpus pesquisado tem um representante de jornal centenário, outro com 59 anos e outro com 13 anos. Com essa formatação, tivemos a oportunidade de observar a atuação

dessas três diferentes políticas editoriais em um cenário nacional de saúde pública que os colocava em um momento em comum, apesar de cada um desses jornais estar inserido em situações regionais distintas.

1.1.2 Escolha das Teorias

Para que a pesquisa sobre o assunto nas páginas dos jornais ficasse completa foi necessária a abordagem de várias teorias que abarcassem todas as características presentes nos textos e também fora deles.

Para o estudo dos conteúdos publicados pelos três jornais sobre a temática A-H1N1, optamos por usar a **Análise de Conteúdo**, tendo como base os parâmetros usados pela professora Laurence Bardin, no livro *Análise de Conteúdo* (1977), com edição revisada e ampliada em 2011. A análise de conteúdo foi usada para analisar isoladamente cada matéria publicada pelos três jornais observados nesta pesquisa e evidenciar suas tendências utilizadas pelos jornalistas na diagramação e publicação das matérias sobre a temática aqui pesquisada.

Apesar do jornalismo de Ciência não ser o foco deste trabalho, usamos como parâmetro para esta pesquisa o conceito de Unidades Jornalísticas nos estudos comparativos desenvolvidos por José Marques de Melo (1972) e devidamente testados na esfera do Jornalismo Científico (Marques de Melo, 1986), bem como utilizado por tantos outros pesquisadores desde então, como em Guimarães et al (2003) e, mais atual, em Marques da Silva (2011).

Também abordamos nesta pesquisa a teoria da **Agenda Setting**, que mostra a semelhança entre a agenda selecionada e publicada pelos veículos de comunicação de massa com a agenda pública, ou seja, aquilo que vira assunto principal na sociedade. Essa teoria, iniciada no final da década de 1960, por Maxwell McCombs, mostra como a imprensa pauta os principais assuntos discutidos pela sociedade. Tendo como base os estudos de McCombs, a Agenda Setting é, segundo ele, a “habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública”.

Nos dias de Will Roger e Walter Lippman, o jornal diário era a principal fonte de informação sobre os assuntos públicos. Hoje nós temos também a televisão e uma variedade de novas tecnologias de comunicação, mas o ponto central é o mesmo. Para quase todas as preocupações da agenda pública, os cidadãos tratam de uma realidade de segunda-mão, uma realidade que é estruturada pelos relatos dos jornalistas sobre estes eventos e situações. [...] As notícias do dia nos alertam sobre os últimos eventos e modificações dos amplos ambientes que estão além de nossa experiência imediata. Mas os jornais e as notícias da TV, mesmo as bem editadas páginas de um jornal tablóide ou de um site da web fazem muito mais do que

sinalizar a existência de temas e eventos importantes. Na sua seleção diária e apresentação de notícias, os editores e diretores de redação focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naqueles que são as mais importantes questões do dia. (McCOMBS, 2009, p.17-18)

Durante o período de publicação de matérias sobre a temática A-H1N1, em vários momentos, o interesse jornalístico se chocou frontalmente com os direitos dos profissionais envolvidos na área médica e, principalmente, com as pessoas doentes e até mesmo com o direito das pessoas mortas, bem como, de suas famílias. Diante disso, também buscamos respaldo teórico na área da **ética**, para discutirmos as atitudes de publicação da imprensa interiorana durante a pandemia.

Outro ponto de suporte teórico nesta área da ética é dado pelos trabalhos desenvolvidos pelo professor Isaac Epstein, que tem uma vida acadêmica relacionada à temática ligada à saúde e ao jornalismo e longo conhecedor sobre as questões dos diferentes Ethos que permeiam os profissionais da saúde.

1.1.3 Objetivos e Hipóteses

Objetivos gerais

- Analisar o conteúdo de três jornais do interior de São Paulo na cobertura da pandemia da gripe causada pelo vírus A-H1N1.

Objetivos específicos

- Analisar como se deu a divisão entre os gêneros jornalísticos na abordagem da doença
- Analisar quais fontes de informação foram utilizadas e quais os recursos mais usados para dar destaque ao conteúdo divulgado
- Verificar quais os temas mais abordados e analisar a relação entre esses conteúdos quanto ao tipo de informação que foi fornecida ao leitor que precisava saber como se proteger de uma nova doença
- Verificar se os conteúdos publicados pelos jornais tiveram relação com a manifestação dos leitores
- Analisar se a circulação regional dos jornais pesquisados interferiu no conteúdo publicado sobre a gripe
- Analisar a veiculação de notícias sobre óbitos

- Ampliar o debate sobre esta temática e, com o resultado obtido nesta pesquisa, tentar contribuir com a prática das redações em futuras coberturas de saúde, principalmente, em casos de epidemias.

Hipóteses

- A mídia impressa interiorana esteve mais dedicada à divulgação numérica sobre o avanço da doença do que à orientação sobre a prevenção da gripe.
- Ao invés de informar, a mídia impressa interiorana acabou contribuindo com o pânico na sociedade durante o período da pandemia.

1.1.4 Metodologia adotada para análise dos jornais

Para a análise do conteúdo publicado sobre a gripe causada pelo vírus A-H1N1 pelos três jornais pesquisados, o primeiro passo foi a realização de uma leitura flutuante das edições do mês de agosto de 2009 de cada um deles para identificação das publicações que traziam algum conteúdo sobre o assunto. Esse período foi escolhido por ainda ser o auge da pandemia no Brasil, uma vez que o declínio dos casos foi observado no país a partir da semana epidemiológica nº 37/2009, entre 13 e 19 de setembro daquele ano, segundo dados oficiais do Ministério da Saúde.⁶

Somando os três periódicos, foram consideradas 83 edições impressas, sendo 31 do jornal Cruzeiro do Sul, 26 do jornal Vale Paraibano e 26 do jornal Diário da Região, sendo que a menor quantidade de exemplares dos dois últimos jornais justifica-se pelo fato desses matutinos não serem publicados às segundas-feiras.

Dentre as 83 edições que passaram pela primeira leitura para identificação de todas as publicações relacionadas à gripe, 73 tiveram algum conteúdo veiculado sobre a doença em suas páginas internas. Foram considerados nesta identificação todos os estilos e formatos, que foram catalogados como Unidades Jornalísticas, universo composto por material informativo, como notas, reportagens, tabelas e quadros informativos; e também o material opinativo, ou seja, artigos, editoriais e cartas.

As chamadas e manchetes de primeira página não foram consideradas unidades jornalísticas, pois, segundo nosso entendimento, elas são resumos de unidades que estão publicadas na íntegra nas páginas internas. Consideramos que essa inclusão geraria

⁶ Fonte: Informe epidemiológico influenza pandêmica H1N1 2009 - Abril, 2010. **BEPA, Bol. epidemiol. paul. (Online)**, São Paulo, v. 7, n. 76, abr. 2010. Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-42722010000400003&lng=pt&nrm=iso
Acesso em: 18 de junho de 2012

duplicidade para as mesmas notícias e interferiria na contagem e interpretação dos dados, casos as chamadas e a manchete na capa fossem contabilizadas. Ao final deste primeiro levantamento foram identificadas 322 unidades jornalísticas publicadas pelos três jornais (145 no Cruzeiro do Sul, 56 no Diário da Região e 121 no Vale Paraibano).

A primeira leitura, que funcionou apenas como uma varredura superficial de cada edição impressa para conhecer o universo a ser pesquisado, embasou a definição da metodologia para análise específica de todo o material identificado. Nesta etapa do trabalho, foi elaborada uma tabela para ser preenchida com as informações de cada unidade jornalística publicada com base em cinco indicadores adotados e explicados a seguir.

1.1.5 Construção dos Indicadores

Na primeira leitura de identificação, verificamos que dois dos três jornais avaliados, no caso o Diário da Região e o Cruzeiro do Sul, publicaram unidades de opinião produzidas pelo próprio veículo, no caso dos editoriais, ou por colaboradores, em forma de artigos ou ainda redigidas pelos leitores, por meio de cartas a respeito da então chamada nova gripe. Diante desta constatação, consideramos estabelecer dois tipos de parâmetros que pudessem separar os conteúdos de acordo com o estilo: informativo ou opinativo.

Na literatura são várias as denominações e definições sobre a classificação do conteúdo jornalístico, conforme destaca Marques de Melo (1994) ao propor uma discussão “sobre a natureza das duas categorias jornalísticas historicamente localizadas” que são o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. Para o autor:

O reconhecimento da existência de duas categorias fundamentais no jornalismo obtém o consenso dos profissionais e estudiosos da área, independentemente das concepções ideológicas que assumem ou do modelo de produção econômica que caracteriza a sociedade respectiva. (MARQUES DE MELO, 1994. p.24)

Considerando a presença de conteúdo informativo e opinativo no universo pesquisado, decidimos que esta classificação deveria ser a primeira na análise de todas as unidades jornalísticas identificadas para, então, determinar os demais itens a serem analisados especificamente para cada uma dessas categorias.

Mundialmente, são várias as denominações e definições sobre a classificação do conteúdo jornalístico de acordo com o período e o local do estudo. Especificamente para o jornalismo brasileiro, Marques de Melo partiu do parâmetro de Luiz Beltrão com a divisão

dos vários gêneros jornalísticos em três categorias: Jornalismo informativo, Jornalismo interpretativo e Jornalismo opinativo (Ibidem, 1994. p. 59), para propor a sua própria classificação, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 – Categorias e Gêneros Jornalísticos

<p><i>A) Jornalismo informativo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nota 2. Notícia 3. Reportagem 4. Entrevista 	<p><i>B) Jornalismo opinativo</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Editorial 6. Comentário 7. Artigo 8. Resenha 9. Coluna 10. Crônica 11. Caricatura 12. Carta
---	---

(Marques de Melo, 1994, p.64/65)

Ao comentar a divisão criada por Beltrão, escolhida como ponto de partida para sua proposta, Marques de Melo menciona que o autor categoriza de acordo com as tendências que marcaram o movimento peculiar da atividade jornalística, acompanhando as mutações tecnológicas e socioculturais que marcam a sociedade. (Ibidem. p.59) Considerando esse critério, partimos da classificação de Marques de Melo e ousamos elaborar e adotar uma nova configuração que consideramos mais atual para o jornalismo impresso praticado no país e compatível com o universo pesquisado no presente trabalho, conforme classificação apresentada no Quadro 3.

Quadro 3 - Classificação das unidades jornalísticas

Categoria	Gênero	Definição
<i>Jornalismo informativo</i>	<u>Reportagem</u>	Conteúdo jornalístico publicado em página interna do jornal impresso, composto minimamente por um texto principal e um título. Pode ou não estar acompanhado de foto ou de outros recursos de diagramação e ilustração que complementam a informação do texto como tabelas, quadros, infográficos, legendas, citações em destaque.
	<u>Nota</u>	Breve conteúdo jornalístico publicado em página interna do jornal. Apresenta um título reduzido e uma notícia curta, sem profundidade e detalhamento.
	<u>Quadro/tabela</u>	Conteúdo informativo organizado em tópicos ou itens. Pode ser usado para complementar uma reportagem ou, apresentado separadamente das outras unidades jornalísticas da página.
<i>Jornalismo opinativo</i>	<u>Artigo</u>	Texto assinado, de conteúdo opinativo, de livre escolha temática e temporal. Produzido por colaboradores fixos ou eventuais do jornal, em geral são especialistas em alguma área do conhecimento ou considerados formadores de opinião.
	<u>Editorial</u>	Texto não assinado que expressa a opinião institucional da empresa jornalística sobre determinado assunto. Normalmente são publicados em espaços fixos, nas primeiras páginas internas do jornal, acompanhados apenas de título, mas podem ser ilustrados por gravuras ou fotos de acordo com o projeto gráfico ou a decisão editorial.
	<u>Carta</u>	Manifestação do leitor, de caráter opinativo e com autoria identificada. As cartas são publicadas em espaços próprios, fixos nas primeiras páginas do jornal.

Fonte: Elaboração própria.

A partir desta classificação, foram definidos quais outros componentes de cada unidade jornalística deveriam ser observados em critérios quantitativos e qualitativos para embasar a Análise do Conteúdo (BARDIN, 2003). As questões foram organizadas em cinco indicadores, sendo dois deles gerais, ou seja, aplicados tanto para as unidades informativas, quanto para as de opinião, e outros três indicadores específicos para o conteúdo informativo, considerando fatores diretamente ligados à decisão editorial como o destaque dado para a

matéria na página, a presença ou não de foto para ilustrar a reportagem ou se aquela notícia foi manchete principal do jornal naquela edição, por exemplo.

Estabelecidos os critérios a serem analisados em cada uma das 322 matérias publicadas pelos três jornais, partimos para uma leitura em profundidade desse material. Cada unidade jornalística foi analisada separadamente e, a partir das informações observadas, foram preenchidas tabelas para a posterior interpretação dos dados, levando em conta cinco indicadores:

- Identificação da unidade jornalística (chamado **Indicador 1**);
- Classificação temática (chamado **Indicador 2**)
- Destaque das unidades informativas no jornal (chamado **Indicador 3**)
- Classificação do destaque das unidades informativas (chamado **Indicador 3.1**)
- Conteúdo e apuração das unidades informativas (chamado **Indicador 4**)

Esses 5 indicadores estão dispostos da seguinte forma na Tabela, conforme mostra a Imagem 1.

Imagem 1 – Modelo da tabela

Unidade jornalística: (nome do arquivo)

Página:

Data: /08/2009

Jornal:

Título:

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística						
Categoria				Informativo	Opinativo	
Natureza da informação				Primária	Secundária	
Autoria				Sim	Não	
Abrangência			Local	Regional	Nacional	Internac.
Produção		Redação	Agência	Não ident.	Do leitor	Misto
Gênero		Reportag.	Nota	Quadro	Artigo	Editorial
					Carta	

Indicador 1

Indicador 2 – Classificação temática						
Categoria	Alastram.	Contenção	Personaliz	Back-ground	Denúncia / Medo / Insegur.	Outro
Informativo						
Opinativo						

Indicador 2

Indicador 3 - Destaque das unidades de Jornalismo Informativo						
a) Tem chamada na primeira página do jornal?				Sim	Não	
b) Foi manchete principal do jornal?						
c) Na página interna, é a manchete da página?						
d) Está ilustrada por foto?						
e) Está ilustrada por infográfico, tabela, quadro?						
f) Está na metade superior da página?						
g) Ocupou quantas colunas?		1	2	3	4	5
						6
3.1. Classificação:			Destaque:	Baixo	Médio	Alto

Indicador 3

Indicador 3.1

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo					
a) O título e o texto estão em concordância?			Parcial	Sim	Não
b) Enfatizou denúncia ou reclamação?				Sim	Não
c) Enfatizou orientação sobre prevenção ou cuidados?				Sim	Não
d) A notícia é sobre óbito?				Sim	Não
e) Quanto à situação do óbito:		Confirmado	Suspeito	Especulado	Descartado
f) Quem é fonte da matéria?		Oficial	Especializ.	Outra	Não ident.
g) Matéria tem entrevista com personagem?		Paciente	Familiar	Outro	Não
h) Enfatizou pessoas com pânico, medo, dúvidas?				Sim	Não

Indicador 4

Fonte: Marques da Silva (2012)

Fonte: Elaboração própria

Cada indicador está dividido da seguinte forma:

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística

O primeiro indicador é composto por seis itens de identificação de cada unidade publicada, todos respondidos de maneira objetiva: Categoria, Natureza da Informação, Autoria, Abrangência, Produção, Gênero.

Categoria - O primeiro, denominado Categoria, visou à classificação do conteúdo enquanto informativo ou opinativo.

Natureza da Informação - O segundo item foi quanto à ‘Natureza da Informação’, para apontar se a unidade se enquadrava no critério de informação primária ou secundária. Apesar de o nosso propósito não ser o estudo da divulgação de ciência pelos jornais, utilizamos este conceito com o objetivo de identificar por quem e com qual tipo de texto determinado conteúdo tinha sido produzido.

Segundo Marques da Silva (2011);

Há vários estudiosos do assunto que conceituam sobre as diferenças na utilização deste ou daquele verbete para a melhor classificação. Epstein divide a Divulgação Científica como Comunicação Primária e Comunicação Secundária.

Para o autor, a:

Comunicação Primária – É aquela que se dirige aos colegas da mesma especialidade. Utiliza conceitos e linguagens específicas.

Comunicação Secundária – É aquela que se dirige ao público leigo. É o campo da divulgação ou popularização da ciência.

(Bertol, Epstein, 1998, p. 13, in MARQUES DA SILVA, 2011)

Autoria – O terceiro item foi sobre a identificação do autor do texto, situação considerada relevante porque a autoria não se trata apenas de um componente ilustrativo, como parte da diagramação daquela unidade específica ou do projeto gráfico da publicação onde o material jornalístico está inserido. A identidade do autor está diretamente ligada à responsabilidade pelo conteúdo publicado tanto nas matérias noticiosas quanto no conteúdo de opinião, conforme prevê a chamada Lei de Imprensa (Lei nº 3.232/1992)⁷.

Conforme prevê a legislação, quando um conteúdo não tem identificação da autoria a responsabilidade pelas informações é transferida à empresa jornalística. Quando o material encontra-se assinado, a responsabilidade é solidária entre o autor, seja ele ligado ou não à empresa, e à empresa jornalística. Especificamente os editoriais não são assinados já que aquele espaço, normalmente localizado nas primeiras páginas da publicação, expressa a opinião da empresa jornalística, ou seja, expõe ao leitor qual é a posição que a direção do jornal ou da instituição que mantém a empresa tem a respeito de determinado assunto.

Segundo Juarez Bahia,

O editorial – no jornal, na revista, no rádio, na televisão – é a voz do dono, é o seu ponto de vista, o que pensa e o que diz o publicador (aqui no sentido literal de quem dá a última palavra para que o veículo chegue ao mercado). Não é uma opinião assinada por isso mesmo – porque se tem como natural a evidência de sua autonomia. (BAHIA, 1990, p.98, v. 2)

⁷ Ver <<http://www.jornalistas-rs.org.br/?pagina=juridicoler&id=23>> Acesso em: 04 de agosto de 2012.

O editorial, portanto, não trata das colocações de um único profissional, jornalista ou o editor-chefe, mas sim da opinião institucional, por isso, os textos não assinados conferem responsabilidade pelo conteúdo à empresa jornalística.

Quanto ao conteúdo informativo assinado, no caso das reportagens e notas, a presença do nome do jornalista que produziu o texto, além de valorizar a autoria identificando quem a elaborou, possibilita ao leitor ou ao entrevistado identificar o profissional para contatá-lo, bem como para, no caso do leitor assíduo daquela publicação, identificar os jornalistas que costumam escrever sobre determinados assuntos. Nos jornais de médio e grande porte, as redações costumam organizar a equipe de repórteres por editorias ou em setores temáticos, o que permite ao jornalista, que passa a ser chamado de ‘setorista’, se preparar para cobrir determinados assuntos como Saúde ou Meio Ambiente, bem como, conhecer mais as fontes a serem entrevistadas, dominar a legislação pertinente, o que, em tese, pode garantir maior profundidade de apuração e maior variedade de abordagens na cobertura e na produção do material jornalístico.

Abrangência - A quarta linha da primeira tabela de análise dos jornais observou a ‘Abrangência’ da unidade jornalística publicada sobre a gripe A-H1N1. O objetivo foi verificar como os matutinos pesquisados distribuíram a cobertura da pandemia entre os assuntos que aconteceram em nível local, ou seja, da própria cidade onde o jornal está instalado; regional, considerando as cidades próximas ou da área de circulação do jornal; nacional e internacional. Essas classificações foram criadas para apontar se o periódico pesquisado ofereceu ao seu leitor variedade de informação a respeito da doença, permitindo comparar diferentes dados como números de casos, óbitos, bem como as medidas preventivas adotadas em diferentes locais e, ainda, um prospecto geral sobre a evolução da doença no Brasil e no mundo, específico para as notícias nacionais e internacionais.

Produção - O quinto item do Indicador 1 foi sobre a ‘Produção’ do texto, verificando se a unidade jornalística possuía alguma identificação quanto ao local de produção, ou seja, se a reportagem foi feita pela própria redação, se foi conteúdo de agência de notícias, conteúdo oficial de órgãos governamentais, por exemplo, ou se não houve qualquer identificação quanto à produção.

Gênero - Por fim, a sexta linha da primeira tabela foi a identificação do ‘Gênero’, ou seja, do formato em que o conteúdo jornalístico foi publicado observando critérios e definições já mencionados acima no Quadro 2.

Indicador 2 – Classificação temática

Para este item, especificamente voltado à temática das publicações analisadas, foram consideradas cinco variáveis para classificação de cada unidade jornalística feita a partir de uma leitura em profundidade. Os quatro primeiros itens foram usados por Medeiros e Massarani (2010, p.45/46) abordando os enquadramentos utilizados para construir as matérias sobre a gripe. Tendo em vista o objetivo deste trabalho, um quinto conceito, específico para abordagens críticas e de denúncia foi incorporado à lista para a análise das unidades publicadas.

- 1) Alastramento da doença / vitimização, em que o foco incide sobre o número de casos suspeitos, confirmados e/ou descartados, bem como as mortes causadas pela nova gripe;
- 2) Contenção, em que o foco principal está nas medidas sanitárias tomadas por governos, empresas e cidadãos para evitar a infecção ou tratar a doença;
- 3) Personalização, que enfatiza o drama das pessoas afetadas pela nova gripe;
- 4) Background científico-médico, em que se descreve pesquisas, recapitulam-se resultados conhecidos e descobertas ligadas à doença, relatam-se aplicações ou usos médicos potenciais já conhecidos;
- 5) Denúncia, medo, insegurança, abordagens que colocam em dúvida ou descrédito o serviço público ou a informação pública dos quais depende o cidadão em situação de epidemia.

Indicador 3 – Destaque das unidades de Jornalismo Informativo

O terceiro indicador é específico para as unidades de Jornalismo Informativo. Foi criado considerando recursos de diagramação ou as opções editoriais utilizadas em cada notícia publicada que podem chamar a atenção para aquela unidade jornalística no jornal do dia. A palavra destaque tem aqui o sentido de visibilidade ou ênfase associada a recursos como fotos, quadros, localização da notícia na página e chamada na primeira página do jornal, por exemplo. A presença ou ausência desses e de outros itens pode garantir mais ou menos destaque a uma unidade jornalística em relação às demais que foram publicadas em uma mesma página ou no conteúdo todo da edição do jornal naquele dia.

Consideramos como itens relevantes para esta análise quantitativa sete características ou recursos editoriais que podem dar mais visibilidade ou destaque, chamando mais a atenção para aquela matéria, conforme mostra o Quadro 4.

Quadro 4 – Itens para identificar o destaque das unidades publicadas

Itens considerados para identificar o destaque das unidades publicadas		
Item	Resposta	Critério adotado
A) Ter chamada na primeira página	Sim ou Não	Independente do tamanho, do formato, da presença de foto, da localização na página, resumo da notícia com indicação da página interna para leitura do conteúdo completo.
B) Ser a manchete principal do jornal	Sim ou Não	Foi considerada manchete principal a chamada de primeira página com fonte maior no título e no alto da página. A que tem maior visibilidade entre as demais.
C) Ser manchete na página interna	Sim ou Não	Foi considerada manchete de página a notícia publicada no alto da página, com fonte de tamanho maior no título. Não foi considerado tamanho do texto para a classificação.
D) Ilustrada por foto	Sim ou Não	Não foi considerada a quantidade de imagens associadas à notícia, mas sim a presença ou ausência desse tipo de ilustração.
E) Ilustrada por infográfico, quadro, tabela	Sim ou Não	Não foi considerada a quantidade desses recursos associados à notícia, apenas a presença de pelo menos um deles como recursos de ilustração.
F) Localizada na metade superior da página	Sim ou Não	Foi considerado se pelo menos o título da notícia foi publicado na metade superior da página, dando maior visibilidade ao conteúdo.
G) Número de colunas	1,2,3,4,5,6	Jornais no formato standard têm suas páginas internas divididas em seis colunas. Consideramos que, quanto maior é o espaço, maior é o destaque da notícia.

Fonte: Elaboração própria

Indicador 3.1 – Classificação do destaque/visibilidade da unidade de Jornalismo Informativo

Além da categorização acima para a avaliação quantitativa, consideramos relevante criar um indicador de caráter qualitativo para avaliar como se deu a visibilidade das publicações de jornalismo informativo referentes à gripe A-H1N1 nos jornais pesquisados.

Para isso, estabelecemos pesos e valores às respostas dos itens do Indicador 3, com o objetivo de avaliar não apenas cada item de forma isolada, mas também o conjunto deles e o potencial qualitativo, ou seja, qual a importância que o jornal daquele dia conferiu às unidades jornalísticas.

Atribuímos pontuação 1 (um) para cada resposta positiva (Sim) nos primeiros seis itens (de A a F) no Indicador 3. Para o item G, atribuímos pontuação gradativa de acordo com o maior número de colunas ocupadas, partindo de 1 (um) para uma coluna, que é o espaço mínimo horizontal que uma notícia pode ocupar, e assim sucessivamente até 6 (seis) para seis colunas.

Usando mais uma vez o critério de pesos e valores, a partir da soma dos pontos atribuídos aos sete itens do Indicador 3, criamos uma escala de classificação do destaque ou visibilidade daquela unidade de jornalismo informativo na publicação impressa. Considerando os sete itens adotados, a possível variação de pontos somados por cada unidade foi de, no mínimo, 01 - para notícias que tiveram todas as respostas negativas (Não) para os itens de A a F e ocuparam uma única coluna na classificação do item G – à soma máxima de 12 (doze) pontos – no caso de matérias que tiveram todas as respostas positivas (Sim) nos itens de A a F e também marcaram seis pontos por ocuparem seis colunas na página.

Partindo da variação entre 01 e 12 pontos, foram estabelecidos três níveis de destaque em escala crescente. Unidades que somaram de 01 a 04 pontos foram consideradas de Baixo destaque; Unidades que somaram de 05 a 08 pontos, foram classificadas como de Médio destaque e, por fim, as unidades que tiveram pontuação entre 09 e 12, foram classificadas como de Alto destaque.

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo

O indicador número quatro teve como propósito avaliar o conteúdo relacionado à gripe contido nas unidades jornalísticas informativas, bem como a apuração realizada na produção das mesmas. O indicador é composto por oito perguntas, conforme mostra o Quadro 5.

Quadro 5 – Itens considerados no Indicador 4

Itens considerados para aferir conteúdo e apuração		
a) O título e o texto estão em concordância?	Sim / Não / Parcialmente	Verifica se a informação do título resume o conteúdo principal da notícia.
b) Enfatizou denúncia ou reclamação?	Sim / Não	Foi considerada ênfase a presença de denúncia ou reclamação em itens que funcionam como pontos de

		atração para a leitura do texto principal: título, fotos, legendas, olho (citações em destaque no texto), quadros, tabelas.
c) Enfatizou orientação sobre prevenção ou cuidados?	Sim / Não	Foi considerada ênfase a presença de informações sobre prevenção e cuidados contra a gripe em itens que funcionam como pontos de atração para a leitura do texto principal: título, fotos, legendas, olho (citações em destaque no texto), quadros, tabelas.
d) A notícia é sobre óbito?	Sim / Não	Verifica se a notícia tem o óbito como assunto principal.
e) Quanto à situação do óbito:	1 – Confirmado 2 – Suspeito 3 – Especulado 4 – Descartado	As classificações 1, 2 e 4 são próprias dos órgãos oficiais de saúde. São considerados suspeitos os casos que foram notificados á autoridade local de saúde por se enquadrarem em critérios clínicos e/ou técnicos estabelecidos pela autoridade nacional de saúde. A condição de "caso suspeito" permanece enquanto o paciente aguarda resultado de exame ou o período adequado para essa realização. O resultado positivo ou negativo do exame laboratorial ou outro critério clínico previamente estabelecido é que difere o caso que antes era suspeito e passa a ser classificado como confirmado ou descartado. A classificação 3, de óbito Especulado, foi inserida considerando dados que não são confirmados pelos órgãos oficiais, como boatos, casos divulgados a partir de informações de fontes leigas, por exemplo.
f) Quem é fonte da matéria?	1 – Oficial 2- Especializada 3 – Outra 4 - Não identificada	Para a opção 1 - Fonte Oficial, consideramos autoridades da saúde em qualquer esfera de governo. Para a opção 2 - Fonte especializada, consideramos pesquisadores, médicos ou outros profissionais de saúde. Como Outras fontes, opção 3, estipulamos as fontes de outras áreas escolhidas para falar do assunto.
g) Matéria entrevista com personagem?	1 – Paciente 2 – Familiar de paciente 3 – Outro	Como pacientes e familiares consideramos pessoas que tinham alguma relação com a gripe e foram entrevistadas na unidade jornalística.

h) Enfatizou pessoas com medo, pânico, insegurança?	Sim / Não	Foi considerada ênfase a presença de pessoas com medo, em situação de pânico ou insegurança em itens que funcionam como pontos de atração para a leitura do texto principal: título, fotos, legendas, olho (citações em destaque no texto), quadros, tabelas.
---	-----------	---

Fonte: Elaboração própria.

1.1.6 Apresentação dos capítulos

A organização deste trabalho está estruturada em cinco capítulos, sendo o primeiro esta Introdução, composta pela contextualização do tema abordado, a divisão adotada para o trabalho e a exposição da metodologia, incluindo o descritivo sobre os jornais pesquisados. Neste capítulo, o leitor é contextualizado sobre quais foram os parâmetros que levaram à produção desta pesquisa, quais os contextos existentes em dois momentos: durante a publicação das matérias pelos jornais e também os existentes durante a elaboração desta pesquisa.

Para o segundo capítulo, selecionamos a fundamentação teórica abordando a Teoria da Agenda-Setting, a Análise de Conteúdo e do Jornalismo Comparado. Nesta parte, fazemos uma revisão da literatura existente sobre as temáticas apresentadas nesta pesquisa. Tal capítulo serve para definir conceitos e aclarar quais foram as bases teóricas que deram suporte e parâmetros antes que lançássemos nosso olhar para os jornais e nos debruçássemos na análise de cada uma das matérias publicadas.

Os resultados encontrados durante a pesquisa propriamente dita encontram-se no capítulo três, com o detalhamento do trabalho realizado. No Capítulo quatro, optamos por analisar e discutir os resultados obtidos na pesquisa. É nesta parte que, considerando as teorias escolhidas, fazemos uma interpretação das práticas usadas pela imprensa interiorana naquele período da A-H1N1. Neste capítulo, também é realizada, com base na amostra delimitada de um mês (de um universo jornalístico maior) – a inferência dos textos tendo como base a Análise de Conteúdo proposta por BARDIN (2011).

No quinto capítulo analisamos como os três jornais se referiram às mortes ocorridas por conta da pandemia da gripe A-H1N1. Analisamos também se a forma como essas notícias foram publicadas pode ser caracterizada como uma espetacularização da notícia ou se foi prestação de serviço.

No último Capítulo, o sexto, apresentamos nossa conclusão final e recomendações para outros pesquisadores que optarem por seguir nesta mesma linha temática de pesquisa. Por não se tratar de uma obra fechada, deixamos um espaço com as sugestões de futuras

pesquisas em espaços promissores que observamos em nossa análise, mas não pudemos nos aprofundar por não ser o foco de nossa pesquisa. Ao final do trabalho é possível encontrar os documentos dispostos no Apêndice e Anexo, que dão maior compreensão ao texto apresentado ao longo desta dissertação.

2 MEDIA E SOCIEDADE

Estudar os efeitos provocados pelos meios de comunicação na sociedade é um desafio desde que a comunicação de massa começou a ser discutida em meados do século passado, mas tem se tornado uma necessidade cada vez maior e mais atual à medida que os media estão mais e mais imediatistas e abrangentes no que se refere respectivamente à rapidez com que as informações são veiculadas e a capacidade de atingir, em curtíssimo espaço de tempo, um número incalculável de pessoas, isso tudo graças à constante e acelerada evolução e propagação dos meios digitais e virtuais.

A proposta aqui é a reflexão sobre a influência que os meios de comunicação exercem sobre seus receptores e como as teorias da comunicação abordam este contexto. Esta influência vai além da escolha dos temas que despertam o interesse do cidadão e pautam – além da imprensa – as discussões da sociedade, conforme definido pela teoria da Agenda Setting, mas também no que se refere à mensagem e ao efeito que esta causa no receptor que, cada vez tem menos tempo de procurar outras fontes de informação e é bombardeado com notícias que, muitas vezes, foram apuradas de maneira apressada e, não raro, foram apenas reproduzidas em cascata não apenas por jornais, mas também por sites e páginas das redes sociais.

Muito mais do que indicar ou até determinar quais são os assuntos nos quais seu receptor vai pensar e deve discutir - como apontou a teoria do agendamento formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970 - ou ainda as reações e comportamentos que as mensagens são capazes de gerar neste homem da sociedade de massa - viés este explorado anteriormente, mais precisamente no período entre guerras, pela Teoria Hipodérmica - com a evolução do pensamento comunicacional, outras linhas, como a do Newsmaking apontam também ser possível que a mensagem provoque reações e influencie a construção da realidade social dos indivíduos.

Embora não haja um rigor linear nesta abordagem, o contexto histórico e o processo de evolução das principais teorias da área do jornalismo, não ficam excluídos desta breve análise do assunto. Entretanto, para dar início e considerar desde a Teoria Hipodérmica, é necessário abordar o conceito de sociedade de massa que, segundo Mauro Wolf (WOLF, 2005), é fundamental para a compreensão desta teoria.

São muitas as «variantes» detectáveis no conceito de sociedade de massa. Para o pensamento político oitocentista de cariz conservador, a sociedade de massa é, sobretudo, a consequência da industrialização progressiva, da revolução dos

transportes e do comércio, da difusão de valores abstratos de igualdade e de liberdade. Estes processos sociais provocam a perda da exclusividade por parte das elites que se vêem expostas às massas.

O enfraquecimento dos laços tradicionais (de família, comunidade, associações de ofícios, religião etc.) contribui, por seu lado, para afrouxar o tecido conectivo da sociedade e para preparar as condições que conduzem ao isolamento e à alienação das massas.

Uma corrente diversa é representada pela reflexão sobre a «qualidade» do homem-massa resultante da desintegração da elite. Ortega y Gasset (1930) descreve o homem-massa como sendo a antítese da figura do humanista culto. A massa é a jurisdição dos incompetentes, representa o triunfo de uma espécie antropológica que existe em todas as classes sociais e que baseia a sua acção no saber especializado ligado à técnica e à ciência. Nesta perspectiva, a massa «é tudo o que não se avalia a si próprio - nem no bem nem no mal - mediante razões especiais, mas que se sente “como toda a gente” e, todavia, não se aflige por isso, antes se sente à vontade ao reconhecer-se idêntico aos outros» (ORTEGA y GASSET, 1930, 8). (WOLF, 2005, p. 7).

Segundo Wolf, os estudos de comunicação de massa destacam-se basicamente em duas linhas, sendo a mais difundida delas, a corrente americana, cujos estudiosos se dedicavam a explorar a influência dos meios de comunicação no público receptor. Já a linha europeia, tinha como alvo as determinações estruturais do pensamento humano.

Ainda segundo o autor, atualmente, as pesquisas sobre comunicação estão na confluência dessas duas correntes, embora sem valorizar os aspectos sociológicos desta atuação como era anteriormente. Sustentando a análise de que os estudos circulam entre as duas linhas – americana e europeia -, verificamos as definições atuais de meios de comunicação de massa que, de modo geral, não deixam de considerá-los como instituições que produzem, reproduzem e distribuem conhecimentos.

Cumprida esta etapa de contextualização, vale ressaltar ainda que, na primeira metade do século passado, a ideia reinante de massa era de um conteúdo consolidado e totalmente homogêneo, no qual, ainda segundo Wolf, os membros não são individuais, mas parte deste todo e que, eliminando as opiniões diferentes, caminham para uma ideia dominante, ou seja, um isolamento de cada indivíduo na massa anônima.

É a composição desta sociedade que sustenta a Teoria Hipodérmica, firmada em um período trágico entre guerras e regimes totalitários e que faz uma associação direta entre a mensagem que é recebida e o comportamento do receptor, advinda do pensamento psicológico behaviorista.

As reflexões seguintes, em geral, contestaram, tentaram desconstruir ou modificar tais conceitos da Teoria Hipodérmica. Mas especificamente o Modelo de Lasswell, que também ficou conhecido como uma evolução da Teoria Hipodérmica. Para Harold Lasswell, para que

ocorra a comunicação é necessário responder aos seguintes questionamentos: “o quê”, “por que canal”, “a quem”, “com qual efeito?”.

Em suas pesquisas, Lasswell debruçou-se em torno da análise dos efeitos e da análise dos conteúdos. A evolução em relação à Teoria Hipodérmica fica bastante clara no que se refere aos efeitos causados pela mensagem no receptor. Se pela Teoria Hipodérmica, baseada na linha behaviorista de análise do comportamento, afirmava-se que o indivíduo submetido a estímulos gerava respostas sem resistência, por sua vez, o Modelo de Lasswell explicou que a influência dos meios de comunicação de massa em seus destinatários é resultado de uma mediação entre as resistências que este receptor ativa e isso ocorre de várias formas.

De acordo com o Modelo de Lasswell, quem elabora as mensagens tem a possibilidade e a iniciativa de controlar os possíveis efeitos que serão provocados no público que recebe as informações. O emissor tem, portanto, a decisão de manipular e controlar esses efeitos a partir da forma e do conteúdo das informações que serão veiculadas. Um contraponto acaba sendo a questão da previsibilidade, uma vez que nem todas as reações são previsíveis, o que foi comprovado por meio de pesquisas, apontando que, na prática, quando as pessoas ouviam, por exemplo, uma mensagem, nem sempre os efeitos eram os previstos.

Diante da relação entre os processos psicológicos e as demais variáveis que interferem no processo de comunicação devido à participação do indivíduo no processo, ocorre um rompimento com o caráter imediatista e com a uniformidade dos efeitos que se seguem.

Dentre as teorias que representam uma superação da Teoria Hipodérmica, está o estudo dos meios de comunicação resultante dos estudos psicológicos experimentais que propôs uma revisão do processo comunicativo entendido como uma relação mecanicista e imediata entre estímulo e resposta, escancarando, talvez pela primeira vez, a questão da complexidade dos elementos e das variáveis que surgem da relação entre emissor, mensagem e destinatário. Apesar de apontar a capacidade persuasiva que se confere ao emissor, os estudos também apontam que nem sempre o efeito pretendido pode ser obtido. Diante desses estudos, ficou claro que a persuasão é possível, mas para isso é necessário considerar os fatores pessoais que interferirão na maneira do destinatário interpretar aquela mensagem.

Por outras palavras, «as mensagens dos meios de comunicação contêm características particulares do estímulo que interagem de maneira diferente com os traços específicos da personalidade dos elementos que constituem o público. Desde o momento em que existem diferenças individuais nas características da personalidade dos elementos do público, é natural que se presuma a existência, nos efeitos, de variações correspondentes a essas diferenças individuais. (DE FLEUR, 1970, 122 apud WOLF, 2005. p.26)

Ainda entre as linhas de estudos que superaram a Teoria Hipodérmica, o mesmo autor destaca abordagem empírica de campo ou “dos efeitos limitados”. Conforme Wolf (ibidem, p. 32-33), essa abordagem une os processos de comunicação de massa às características do contexto social em que eles se realizam.

Enquanto na Teoria Hipodérmica se falava em manipulação ou propaganda e na teoria psicológica experimental se tratava da persuasão, nesta outra frente de estudos, como o nome indica, aborda-se a influência, mas não apenas aquela que é exercida pela mídia, mas a influência que ocorre nos relacionamentos comunitários. Sendo assim, dentro desta vertente, ocorrem duas linhas de estudos, sendo uma delas direcionada ao que se chama de composição diferenciada dos públicos e dos modelos de consumo de comunicação de massa, e a outra voltada a estudar como se dá a mediação social que caracteriza esse consumo.

Na seara das teorias da comunicação vale destacar a Teoria Funcionalista das Mídias. Apesar de esta tratar das funções dos meios de comunicação de massa e não dos efeitos que provocam, que são o alvo desta breve análise, não pode deixar de ser observada com o mínimo aprofundamento como as demais já citadas e as que virão. Vale mencionar que esta teoria definiu a problemática da mídia considerando que o sistema social é no seu todo como um organismo, no qual cada parte tem sua função para integração e preservação do sistema. Por este ponto de vista, o equilíbrio da sociedade está relacionado ao funcionamento de toda a engrenagem, ou seja, das relações funcionais que se estabelecem entre os indivíduos e os subsistemas.

Neste ponto, é mais que necessário voltar a citar Wolf (ibidem, p. 56), que a partir dos estudos do teórico funcionalista Charles Wright pontua as funções da sociedade e do indivíduo. Quanto à sociedade, com uma difusão de informações cumprem-se duas funções: alerta os cidadãos quanto aos perigos e imprevistos e fornece os instrumentos para eles realizarem atividades cotidianas institucionalizadas. Já em relação ao indivíduo, a existência dos meios estabelece três funções: atribuição de status e prestígio às pessoas e aos grupos que se fazem objetos de atenção por parte da mídia; reforço do prestígio para os que almejam ser considerados cidadãos bem informados; e o reforço das normas sociais vigentes.

Em se tratando de sociedade e de suas respostas aos estímulos, é necessário citar a Teoria Crítica, apesar de não detalhar e explorar aqui as ideias da Escola de Frankfurt e dos seus criadores, ela nos leva a abordar a questão da indústria cultural, um dos temas mais próximos da questão dos efeitos dos meios de comunicação de massa.

Pela lógica da indústria cultural, o indivíduo é manipulado e à medida que ela se solidifica mais pode agir nas necessidades do consumidor, conduzindo-o e disciplinando-o.

“A ubiquidade, a repetitividade e a padronização da indústria cultural fazem da cultura moderna de massa um meio de controle psicológico extraordinário” (Ibidem, p. 78).

A conclusão é que este indivíduo perde a capacidade de agir de maneira autônoma e o conflito entre impulsos e consciência soluciona-se com a adesão aos valores impostos, sem nenhum tipo de resistência.

Conforme Wolf, entre a abordagem da teoria crítica e a “pesquisa administrativa”, há a diferença da concepção dos meios. Enquanto a pesquisa administrativa os interpreta como instrumentos utilizados para atingir determinados objetivos, a teoria crítica, por sua vez, aponta os “meios de comunicação de massa como instrumentos de reprodução de massa que, na liberdade aparente dos indivíduos, repropõem as relações de força do aparato econômico e social”. (Ibidem, p. 87).

Enquanto ciência geral dos signos que estuda os fenômenos culturais, a Semiótica, apesar de não considerada uma teoria, precisa ser mencionada neste trabalho, devido às composições de signo, objeto e interpretante, e o estudo dos fenômenos culturais como sistemas sîgnicos, isto é, sistemas de significação.

E se para a Teoria Crítica, o indivíduo perde sua autonomia, a partir da década de 80 do século passado, com as chamadas novas tendências em teoria de comunicação, há mudanças no cenário dos estudos em comunicação, superando a questão da problemática ideológica. Nesta nova fase, os efeitos são considerados como possíveis de ocorrer e os estudos abordam questões disciplinares específicas e de efeitos que ocorrem em longo prazo, influenciando os receptores e a realidade social deles.

Pela hipótese da Agenda Setting, a mídia não é persuasiva, embora os meios de comunicação influenciem quanto aos temas que serão discutidos ou ignorados pela sociedade. Pela pesquisa da teoria do agendamento, o público tem facilidade para incluir ou excluir os assuntos do seu conhecimento e do seu interesse de acordo com o que é abordado ou pautado pelos media.

Como prever o fato, o ato que irá virar notícia? Até que encontre bolas de cristal, tarólogas e videntes que tenham um bom grau de acerto sobre o que irá acontecer no futuro, a empresa jornalística tem como um de seus desafios o de imaginar o que irá acontecer no porvir, na tentativa de estar no lugar certo na hora certa para obter a melhor fotografia e a melhor história, contá-la e, ao final do dia publicá-la, para que o produto final (a produção editorial) esteja disponível nas mãos do receptor de notícias e, com isso, se consolide o processo econômico que movimenta a indústria da comunicação.

O objetivo dessa tentativa de previsão dos fatos é simples: diante de um tremendo caos de informações disponíveis no dia a dia, os jornalistas, pauteiros e editores responsáveis em uma redação, precisam tentar organizar essa quantidade de informações de forma a planejar previamente a publicação de um produto ao final do dia. Não se pode correr o risco de chegar ao final da noite e não haver conteúdo para ser colocado em um pedaço de papel em branco, que é o que são páginas dos jornais antes de terem as notícias impressas.

Essa tentativa de organizar o caos só foi possível com o Newsmaking que é o processo de agendamento das notícias. Ou seja, o pré-agendamento dos eventos que acontecerão no dia seguinte. Com isso, as redações conseguem organizar em parte o sistema de funcionamento da redação de acordo com o “funcionamento” – mesmo que caótico – do mundo lá fora, o mundo da notícia factual.

Com esse pré-agendamento garante-se para a edição a ser fechada - normalmente, à noite -, um número razoável de notícias que caso não haja nada de factual nas ruas em determinado dia, haverá número suficiente de matérias já produzidas a ponto de evitar que a edição do dia seguinte corra o risco de não sair por conta das páginas em branco.

O Newsmaking nada mais é do que a tentativa de organizar o espaço e o tempo entre a produção industrial do jornal com o dia a dia, ou melhor, o minuto a minuto da notícia.

A agenda de serviços, nas suas diferentes formas e características organizativas, é constituída essencialmente pela lista diária de acontecimentos que sobrevirão e cuja noticiabilidade é, em grande parte, dada como certa. Trata-se, obviamente, de acontecimentos previstos no tempo, fixados antecipadamente, em agenda, por isso, na sua maioria, são fatos que se situam na esfera político-institucional-administrativa ou judiciária, e que permitem que os órgãos de informação organizem com uma certa antecedência o seu próprio trabalho”. [...] A agenda de serviços é a encenação implícita das notícias. O conteúdo varia, indo dos acontecimentos formais da política (visitas oficiais, coroações, eleições, períodos legislativos etc) aos acontecimento culturais, religiosos, sociais ou desportivos (a atribuição dos prêmios Nobel, o fim do Ramadã, etc) [...] A atitude negativa em relação às notícias de agenda de serviço generalizou-se, revelando que a sua persistência é devida a imperativos organizativos mais fortes do que os propósitos e as preferências dos jornalistas. Esses imperativos são constituídos pelas definições sólidas dos acontecimentos noticiáveis e pela necessidade de programar, antecipadamente, o mais possível dentro de processos essencialmente complexos. (GOLDIN – ELLIOT, 1979, 93 apud WOLF, 2005, p.105)

2.1 Análise de Conteúdo

Para interpretar os dados coletados além dos significados imediatos, ou seja, além do que as mensagens dos jornais mostram à primeira vista, mas mais especificamente sobre o que elas veiculam e como veiculam, escolhemos a Análise de Conteúdo conforme conceituado por Laurence Bardin.

Sem que isso tenha sido determinante para a escolha e, portanto, sem maior profundidade a respeito, consideramos relevante a origem da Análise de Conteúdo que, no início do século passado, se desenvolveu de maneira mais localizada nos Estados Unidos, de acordo com o rigor científico da medida e para estudos essencialmente de material jornalístico. Reconhecidamente um dos trabalhos pioneiros desta época, na Escola de Jornalismo de Columbia, foi um inventário com o objetivo de medir o grau de sensacionalismo nos artigos publicados por um órgão de imprensa (BARDIN, 2011, p. 21).

Concretamente para a adoção desse conjunto de instrumentos metodológicos no presente trabalho, pesou o fato da Análise de Conteúdo ser uma ferramenta que permite o uso conjunto de dados qualitativos e quantitativos ou porque aceita mais favoravelmente a combinação entre a compreensão clínica e a contribuição estatística (Ibidem, 2011, p.27).

Com o passar dos anos, foi a partir da maior variedade de problemas submetidos à interpretação, bem como dos aperfeiçoamentos técnicos que, a partir dos anos 1950, a Análise de Conteúdo deixou de ser considerada exclusivamente de alcance descritivo como nos primeiros registros citados acima. Especificamente neste contexto, a evolução histórica da Análise de Conteúdo foi considerada fundamental para sua adoção nesse trabalho. Isso se fundamenta na raiz da presente pesquisa tendo como objeto de estudo a conduta e a postura da imprensa, o que não pode ser analisado exclusivamente enquanto medida e no formato de inventário para que possa levar a alguma possível conclusão e apontamentos sobre o cumprimento ou não por parte da imprensa do seu papel específico de informar durante a cobertura dos temas de saúde.

Para isso, consideramos que a Análise de Conteúdo, com seu conjunto de técnicas para análises das comunicações traria uma importante contribuição para este trabalho por permitir verificar se as visões superficiais sobre a atuação da imprensa exploradas até aqui como introdução realmente estão contidas no material a ser explorado. Além disso, proporcionando a verificação de sentidos para além dos resultados objetivos, ampliando uma análise que pode alcançar causas, ações e reações dessa conduta da mídia na sociedade.

Quanto à função ou o objetivo da Análise de Conteúdo, Bardin (2011), afirma:

[...] toma-se consciência de que a sua função ou seu objetivo é a inferência. Que esta inferência se realize tendo por base indicadores de frequência, ou, cada vez mais assiduamente, com a ajuda de indicadores combinados (cf. análise das coocorrências), toma-se consciência de que, a partir dos resultados da análise se pode regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações. (BARDIN, 2011. p.27)

A inferência de conhecimentos proporcionada pela análise de conteúdo reforça a justificativa para sua escolha. Ao levar em conta a prática diária do jornalismo, suas condições de produção e de recepção, como é a proposta deste trabalho, é necessário ir além da descrição dos conteúdos, visando ao alcance das inferências por meio dos indicadores quantitativos ou qualitativos. A descrição dos conteúdos, entretanto, deve ser a primeira etapa da análise, incluindo uma enumeração de características, seguida pelas inferências que são deduções lógicas a partir do conteúdo explorado, dando passagem para a última etapa, das interpretações das características identificadas. Sendo assim, ainda conforme Bardin (2011), as inferências podem ajudar a responder o que levou a determinado enunciado ou, ainda, quais as conseqüências que determinado enunciado pode levar.

2.2 Agenda Setting

Todo, ou quase todo, estudante de jornalismo deve ter pensado um dia em quanto os veículos de comunicação influenciam na opinião pública. As observações e evidências empíricas do dia a dia nos mostram que essa influência existe. As pessoas repetem muito daquilo que é transmitido a elas pelos produtos midiáticos de massa sem sequer desconfiar. Mas quais são as formas de provar e mensurar essa influência? Foi pensando nisso que os pesquisadores americanos Maxwell McCombs, David Weaver e Don Shaw conceberam, em 1968, a Teoria da Agenda, também conhecida mundialmente como Agenda Setting que, segundo McCombs (2009), “evoluiu a partir de uma descrição e explanação da influência que a comunicação de massa tem na opinião pública sobre os temas atuais.” Segundo ele, “esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada da função agendamento dos veículos noticiosos”.

Os jornais comunicam uma variedade de pistas sobre a saliência relativa de tópicos de nossa agenda diária. A matéria principal da p.1, a página de capa versus a página interior, o tamanho do título, e mesmo o tamanho de uma matéria comunicam a saliência dos tópicos da agenda noticiosa. (McCOMBS, 2009, p.18)

McCombs (2009) argumenta que “para todos os veículos noticiosos”, a repetição do tópico, ou seja, a publicação de matérias em tamanhos, posicionamento na página, tamanho, com chamadas destacadas na página e na capa do jornal, “dia após dia é a mais importante mensagem de todas sobre sua importância”.

A influência se dá, segundo McCombs, pois:

Os públicos usam estas saliências da mídia para organizar suas próprias agendas e decidirem quais assuntos são os mais importantes. Ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público. A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torna o foco da atenção e do pensamento do público – e, possivelmente, ação – é o estágio inicial na formação da opinião pública. (Ibidem, p.18)

Com base em uma pesquisa feita com eleitores americanos indecisos, na cidade de Chapel Hill, McCombs observou o efeito do agendamento e afirmou, categoricamente, que “a agenda da mídia estabelece a agenda pública”.

A principal afirmativa da Teoria da Agenda é que os temas enfatizados nas notícias acabam considerados ao longo do tempo como importantes pelo público. [...] Ao contrário da lei das mínimas consequências, esta é uma declaração sobre um efeito causal forte da comunicação massiva no público – a transferência de saliência da agenda da mídia para a agenda pública. (Ibidem, p.22)

Segundo McCombs, “a informação fornecida pelos veículos noticiosos joga um papel central na constituição de nossas imagens da realidade. E, além disso, é o conjunto total da informação fornecida pelos veículos noticiosos que influencia estas imagens”.

Essas afirmações e conceituações da Agenda Setting são importantes para mostrar e deixar claro o quanto a mídia pode influenciar no dia a dia das pessoas e, mais especificamente na nossa pesquisa, que envolve saúde pública, como a mídia acaba

influenciando e causando um clima de pânico quando não toma os devidos cuidados em noticiar a morte de pacientes da gripe A-H1N1.

Há casos, como veremos mais adiante, em que o jornal publicou que os casos de gripe eram maiores do que aqueles números informados pelos serviços da Vigilância Epidemiológica, órgão responsável por fazer o controle estatístico da doença e divulgação à imprensa. De tal forma, que o número de mortes apresentado pelo específico veículo de comunicação só foi efetivamente alcançado pelos dados oficiais um bom período depois.

Ao tentar se antecipar às declarações oficiais dos órgãos públicos de saúde e tentar “furar” – como se diz no jargão jornalístico – a fonte da informação, com o intuito de tirar a credibilidade desses órgãos, o jornalismo acaba causando também uma sensação de insegurança na população. O resultado disso foi uma correria desnecessária às Unidades Básicas de Saúde (UBS) por pessoas que temiam por sua saúde. Essa intensa busca, consequentemente, gerou superlotação e um pior atendimento nas unidades.

Aqui, não podemos afirmar, mas podemos, hipoteticamente, dizer que graças à agenda de pânico da mídia, ao invés de levar informação e mais tranquilidade à população em um momento já bastante tenso, em plena pandemia, a mídia pode ter sido responsável pela morte de pessoas, ao ocasionar a superlotação das unidades básicas de saúde por pessoas que não estavam tão doentes e evitar, por causa da superlotação, o pronto atendimento dos realmente necessitados.

McCombs (2009) afirma que “um dos grandes méritos da Teoria da Agenda é esta sua diversidade geográfica e cultural nas evidências que replicam os principais aspectos desta influência dos veículos de comunicação de massa na sociedade” e diz que, para os jornalistas, a Agenda Setting ajuda a discutir eticamente “sobre que tipo de agenda a mídia está dando preferência”.

3 RESULTADOS ENCONTRADOS NOS JORNAIS

3.1 Jornal Vale Paraibano

Tabela 1 – Informações coletadas no jornal Vale Paraibano

Jornal: Vale Paraibano

São José dos Campos (SP)

Período: 01 a 31 de agosto de 2009

Conteúdo analisado: 121 unidades jornalísticas

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística							
Gênero					Informativo	Opinativo	
					121	0	
Natureza da informação					Primária	Secundária	
					0	121	
Autoria					Sim	Não	
					36	85	
Abrangência				Local	Regional	Nacional	Internac.
				50	51	11	9
Produção		Redação	Agência	Não ident.	Do leitor	Misto	Outros
		87	5	29	0	0	0
Formato		Reportag.	Nota	Quadro	Artigo	Editorial	Carta
		92	26	3	0	0	0

Indicador 2 – Classificação temática						
Gênero	Alastram.	Contenção	Personaliz	Back-ground	Denúncia / Medo / Insegur.	Outro
Informativo	31	73	5	8	4	0
Opinativo	0	0	0	0	0	0

Indicador 3 - Destaque das unidades de Jornalismo Informativo							
					Sim	Não	
a) Tem chamada na primeira página do jornal?					32	89	
b) Foi manchete principal do jornal?					6	115	
c) Na página interna, é a manchete da página?					25	96	
d) Está ilustrada por foto?					41	80	
e) Está ilustrada por infográfico, tabela, quadro?					31	90	
f) Está na metade superior da página?					53	68	
g) Ocupou quantas colunas?		1	2	3	4	5	6
		60	9	9	17	4	22
Indicador 3.1 - Classificação:				Destaque:	Baixo	Médio	Alto
					76	21	24

Indicador 4 – Conteúdo e apuração das unidades de Jornalismo Informativo						
a) O título e o texto estão em concordância?				Parcial	Sim	Não
				12	108	1
b) Enfatizou denúncia ou reclamação?				Sim	Não	
				13	108	
c) Enfatizou orientação sobre prevenção?				Sim	Não	
				40	81	
d) A notícia é sobre óbito?				Sim	Não	
				29	92	
e) Quanto à situação do óbito:			Confirmado	Suspeito	Especulado	Descartado
			21	9	0	1
f) Quem é fonte da matéria?			Oficial	Especializ.	Outra	Não ident.
			69	14	35	5
g) Matéria tem entrevista com personagem?			Paciente	Familiar	Outro	Não
			7	6	13	98
h) Enfatizou pessoas com pânico, medo, dúvidas?				Sim	Não	
				15	116	

Fonte: Elaboração própria

Distribuição do conteúdo pesquisado

Em agosto de 2009, o jornal Vale Paraibano não circulava às segundas-feiras, o que delimitou o universo a ser pesquisado para o presente trabalho em 26 edições. Deste total, 22 edições tiveram algum conteúdo sobre a gripe A-H1N1 publicado, somando 121 unidades jornalísticas.

A distribuição desse material ao longo do mês apontou uma concentração maior de publicações na semana entre os dias 11 e 16 de agosto (terça-feira a domingo), com 47 unidades, número equivalente a 38,8% do total publicado durante todo o período estudado, alcançando uma média de 6,7 unidades por dia neste período.

O dia do mês com o maior número de unidades publicadas foi 13 de agosto, com 12 notícias ocupando duas páginas inteiras (8 e 9) do Primeiro Caderno. Quatro edições não tiveram nenhum conteúdo de gripe publicado, mais especificamente nos dias 19, 23, 29 e 30 de agosto, contribuindo para a curva decrescente que a distribuição de matérias apresentou justamente nos últimos dez dias de agosto. A semana com menor concentração de matérias publicadas foi de 25 a 30 de agosto (de terça-feira a domingo), somando 13 unidades, média de 2,1 por dia.

Durante a leitura dos jornais, observamos como uma característica editorial do Vale Paraibano o fato de conteúdo publicado sobre a gripe estar sempre condensado em uma ou duas páginas por dia. Independente da abrangência de assunto local, nacional, internacional, as unidades sobre a gripe encontravam-se sempre agrupadas, várias vezes em páginas inteiras sobre a doença. Todas as 26 páginas que tiveram algum conteúdo sobre a gripe foram publicadas no Primeiro Caderno.

Apresentação e análise dos resultados

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística

O Vale Paraibano não publicou nenhuma unidade de jornalismo opinativo como editoriais, artigos ou cartas, sobre a gripe ao longo do mês de agosto de 2009. Todas as 121 unidades publicadas pelo matutino foram da categoria informativa e distribuídas em três gêneros: reportagem, nota e quadro informativo. O maior número foi das reportagens, com 92 unidades, o que correspondeu a 76% do total. Foram ainda publicadas 26 notas e 3 quadros informativos.

Quanto à abrangência das notícias, a cobertura de assuntos de nível regional (referente às cidades vizinhas ou da área de circulação do jornal) e local (da própria cidade onde está instalado o jornal) praticamente tiveram a mesma distribuição com respectivamente 51 e 50 unidades cada uma, seguidas de 11 notícias nacionais e 9 internacionais.

Essa distribuição demonstrou que o perfil regional não estava presente apenas no nome da publicação, mas também era uma característica marcante na cobertura dos assuntos, não apenas de São José dos Campos, mas daquele conjunto de cidades que compõem o chamado Vale do Paraíba.⁸

Quanto à identificação da autoria nas unidades publicadas, 36 notícias (ou 29,7% do total) tiveram o nome do autor publicado, contra 85 unidades sem créditos para o autor. Do total publicado, 24%, ou seja, 29 notícias no universo de 121, não tinham qualquer identificação sobre a produção daquele conteúdo, 82% das unidades (87 notícias) foram produzidas pela própria redação do jornal e 4% (5 unidades) foram identificadas como conteúdo de agência de notícias.

Indicador 2 - Classificação do tema

Deste total, quanto à classificação temática, predominou a publicação de matérias sobre a Contenção da gripe, ou seja, abordando as medidas sanitárias de prevenção por meio de órgãos públicos, empresas ou mesmo pelos cidadãos com o objetivo de conter a doença. Foram exatas 73 unidades com este viés, correspondendo a 60,3% do total. Em seguida, o segundo tema mais comum foi o Alastramento, com notícias sobre a propagação da gripe, casos e óbitos registrados, com 31 unidades, sendo 25,6% das 121 publicadas.

O restante das notícias ficou dividido entre as classificações temáticas de Personalização (com 5 unidades ou 4%), Background Científico-médico (8 unidades ou 6,6%) e conteúdos sobre Denúncias, Medo ou Insegurança, que colocam em dúvida ou descrédito o serviço público ou a informação pública (com 4 unidades publicadas no Vale Paraibano, 3% do total).

⁸ Vale do Paraíba: A mesorregião do Vale do Paraíba Paulista é uma das quinze mesorregiões do estado brasileiro de São Paulo. É formada pela união de 39 municípios (...). O Vale do Paraíba, em sua porção paulista, encontra-se a leste do estado, sendo eixo de ligação entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Entre as Serras da Mantiqueira e do Mar, possui um importante e diversificado pólo industrial. Seu nome advém do Rio Paraíba do Sul, que atravessa e dá personalidade a toda a região. São José dos Campos é a maior cidade da região e entre as mais importantes estão: Jacareí, Pindamonhangaba, Caraguatatuba, Guaratinguetá e Cruzeiro.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_do_Vale_do_Para%C3%ADba_Paulista

Indicador 3 – Destaque das unidades de Jornalismo Informativo

Observando os componentes que conferem maior ou menor visibilidade ou destaque às unidades nas edições diárias do Vale Paraibano, verificamos que 26% das notícias (32 unidades) tiveram chamada na primeira página, sendo que 5% do total (6 unidades) foram a manchete principal da edição.

Das 121 unidades publicadas, 25 (20,6%) foram manchete de página, 41 (34%) estavam ilustradas por alguma foto, 31 (25,6%) estavam acompanhadas de algum tipo de gráfico, quadro ou tabela e 53 (44%) estavam localizadas na metade superior da página, espaço mais nobre do jornal.

Especificamente sobre o espaço horizontal ocupado por cada unidade, verificamos que 60 unidades (49,5%) estavam acomodadas em uma única coluna e 22 unidades (18% do total) ocuparam o espaço máximo de seis colunas.

Indicador 3.1 – Classificação do destaque

Pelo critério de pontuação estabelecido e que subdividiu as unidades publicadas de acordo com os fatores de destaque ou visibilidade que tiveram no jornal, verificamos que, no Vale Paraibano, a maioria das matérias sobre a gripe tiveram destaque Baixo na edição. Foram 76 unidades, equivalentes a 63% do total, que somaram de 01 a 04 pontos nos sete itens do indicador 3.

O outros 37% ficaram assim divididos: 20% (24 notícias) com destaque Alto, somando de 09 a 12 pontos e 17% (21 notícias) com destaque Médio, somando de 05 a 08 pontos no Indicador 3.

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo

Analisando a pertinência do título das notícias em relação ao texto, observamos que no Vale Paraibano, 89,2% dos títulos (de 108 unidades) estavam em concordância com o conteúdo da matéria, 10% (referentes a 12 notícias) tiveram títulos parcialmente de acordo com os textos completos e uma única notícia, correspondente a menos de 1% do universo avaliado, não apresentava título de acordo com o corpo da matéria.

A unidade em questão é um quadro publicado na página 8 do Primeiro Caderno, no dia 13 de agosto, intitulado “Item obrigatório” (Anexo D) e contendo três fotografias de pessoas

usando máscaras cirúrgicas, acessório usado para prevenir a contaminação pelo vírus da gripe principalmente em unidades de saúde, mas também adotado espontaneamente por pessoas saudáveis para autoproteção. Além das imagens, a unidade tem um texto curto em forma de legenda descrevendo as imagens e informando que a gripe foi tema de palestra promovida pela Prefeitura de São José dos Campos. Em nenhum momento, o texto ou as fotos reforçam o conteúdo do título, não há nenhuma referência à possível obrigatoriedade do uso de máscaras, por isso, consideramos que essa notícia teve título em discordância.

Sobre a ênfase dada a denúncias e reclamações, dentre as matérias publicadas pelo Vale Paraibano, 13 apresentaram essa condição, número equivalente a 10,7% do total. Um exemplo assinalado neste item é uma reportagem do dia 15 de agosto, publicada na página 04 do Primeiro Caderno com o título “Espera por atendimento chega a duas horas” (Anexo E). A ênfase de reclamação ou crítica foi considerada no título e também na legenda da foto que trouxe a inscrição “Longa espera”.⁹

Por sua vez, o número de matérias que deram algum tipo de ênfase a orientações e métodos de prevenção foi maior, chegando a 40 unidades, quantidade correspondente a 33% do total de 121 publicadas. Um exemplo de reportagem que enfatizou prevenção é uma matéria publicada no dia 09 de agosto, na página 10 do Primeiro Caderno, sob o título “Vale tem quarta morte por gripe suína” (Anexo F). A notícia era sobre um óbito, mas apesar disso, a reportagem também ofereceu informações e orientações sobre prevenção, este enfoque ocorreu em situação de destaque três vezes: a primeira delas, na legenda de uma foto, informando que pacientes usavam máscaras para evitar contaminação enquanto aguardavam atendimento; a segunda foi um quadro informativo intitulado “Certo e errado” com o esclarecimento sobre cinco afirmações sobre a gripe; a terceira ênfase à prevenção ocorreu com um trecho de uma entrevista, na qual um médico infectologista explica forma de contágio e fala sobre o comportamento que as pessoas devem adotar para se proteger, esta citação, foi apresentada entre aspas, em destaque na página – recurso de diagramação chamado ‘olho’.¹⁰

De todas as unidades sobre a gripe que constaram do Vale Paraibano em agosto de 2009, 23,9%, ou 29 matérias, eram sobre algum tipo de óbito. Todas essas unidades se basearam em dados oficiais para a divulgação sobre as mortes, sendo que nas 29 notícias, foram feitas referências 21 vezes a óbitos confirmados, 9 vezes a óbitos considerados

⁹ Apesar de conter duas situações de destaque no critério reclamação e denúncia, para nossa avaliação esta unidade foi apenas contabilizada uma vez, já que as respostas estabelecidas para este item são Sim ou Não.

¹⁰ Apesar de conter três situações de destaque para prevenção, para nossa avaliação esta unidade foi apenas contabilizada uma vez neste critério, já que as respostas do item são apenas Sim ou Não.

suspeitos e 01 vez a óbito descartado (quando o resultado de exame laboratorial apontou negativa do diagnóstico). Não houve nenhuma citação de óbitos especulados, não confirmados pela autoridade de saúde e alvos de boatos e informações não oficiais, por exemplo.

Na cobertura da gripe durante o mês de agosto de 2009, o Vale Paraibano realizou entrevistas com pessoas que tiveram alguma relação com a doença em menos de um quarto das unidades jornalísticas publicadas. Das 121 matérias identificadas para o presente estudo, 98 (80,9%) não utilizaram o recurso da entrevista com personagens. Nas 23 unidades que apresentaram algum tipo de entrevista, pacientes foram identificados e serviram de fonte em 7 unidades, familiares de pacientes estiveram presentes em 6 unidades e outras pessoas, sem relação mencionada com a gripe, como cidadãos em geral, pais de alunos que tiveram as aulas adiadas no início de agosto ou pessoas comentando medidas prevenção, por exemplo, foram mencionados em 13 unidades. A soma dos três tipos de personagem é superior ao número de unidades porque algumas matérias apresentaram mais de um tipo de personagem.

Sobre o tipo de fonte que a unidade jornalística identificou, entrevistou ou a quem atribuiu informações prestadas ao longo do texto, no Vale Paraibano predominou a busca por fontes oficiais, como autoridade municipal ou estadual de saúde em qualquer nível hierárquico. Essas fontes oficiais foram registradas em 69 unidades. Já as fontes especializadas, como médicos, especialistas, pesquisadores e funcionários de hospitais, por exemplo, foram mencionadas em 14 unidades. Houve ainda a participação de outras fontes, não relacionadas à área da saúde, como diretores de escola falando da volta às aulas, por exemplo, totalizando 35 unidades. Por fim, 5 unidades não tiveram nenhuma identificação ou menção à fonte que forneceu dados.

No último item a ser analisado no Indicador 4, sobre a possível ênfase dada a situações e pessoas com medo, pânico ou dúvidas sobre a gripe, verificamos a ocorrência de 15 unidades nessas condições, número equivalente a 13,2% do total publicado pelo Vale Paraibano. Para exemplificar, escolhemos a reportagem “Gripe suína – Grupo quer parar aula em escola modelo”, cujo subtítulo embasou a classificação neste critério: “Por receio de epidemia, professores e alunos do Estevam Ferrari pleiteiam interrupção temporária das atividades”. (Anexo G).

3.2 Jornal Diário da Região

Tabela 2 – Informações coletadas no jornal Diário da Região

Jornal: Diário da Região

São José do Rio Preto (SP)

Período: 01 a 31 de agosto de 2009

Conteúdo analisado: 56 unidades jornalísticas

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística							
Categoria				Informativo	Opinativo		
				51	5		
Natureza da informação				Primária	Secundária		
				0	56		
Autoria				Sim	Não		
				48	8		
Abrangência			Local	Regional	Nacional	Internac.	
			22	27	7	0	
Produção		Redação	Agência	Não ident.	Do leitor	Misto	Outros
		42	6	3	4	1	0
Gênero		Reportag.	Nota	Quadro	Artigo	Editorial	Carta
		48	1	2	0	1	4

Indicador 2 – Classificação temática						
Categoria	Alastram.	Contenção	Personaliz	Back-ground	Denúncia / Medo / Insegur.	Outro
Informativo	27	21	0	0	1	2
Opinativo	1	0	1	0	3	0

Indicador 3 - Destaque das unidades de Jornalismo Informativo							
				Sim	Não		
a) Tem chamada na primeira página do jornal?				24	27		
b) Foi manchete principal do jornal?				6	45		
c) Na página interna, é a manchete da página?				25	26		
d) Está ilustrada por foto?				16	35		
e) Está ilustrada por infográfico, tabela, quadro?				16	35		
f) Está na metade superior da página?				43	8		
g) Ocupou quantas colunas?		1	2	3	4	5	6
		7	6	8	8	2	20
3.1. Classificação:				Destaque:	Baixo	Médio	Alto
					17	15	19

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo					
a) O título e o texto estão em concordância?			Parcial	Sim	Não
			17	34	0
b) Enfatizou denúncia ou reclamação?			Sim	Não	
			1	50	
c) Enfatizou orientação sobre prevenção?			Sim	Não	
			13	38	
d) A notícia é sobre óbito?			Sim	Não	
			7	44	
e) Quanto à situação do óbito:		Confirmado	Suspeito	Especulado	Descartado
		4	2	0	1
f) Quem é fonte da matéria?		Oficial	Especializ.	Outra	Não ident.
		23	7	18	5
g) Matéria tem entrevista com personagem?		Paciente	Familiar	Outro	Não
		2	1	6	42
h) Enfatizou pessoas com pânico, medo, dúvidas?			Sim	Não	
			3	48	

Fonte: Elaboração própria

Distribuição do conteúdo pesquisado

A primeira leitura realizada nas edições do Diário da Região do mês de agosto de 2009 foi feita em um total de 26 edições, já que o periódico não era veiculado às segundas-feiras. Foram identificadas 23 edições com algum conteúdo jornalístico sobre a gripe A-H1N1, totalizando 56 unidades publicadas.

A média diária foi de 2,15 unidades, sendo que a maior concentração desse conteúdo se deu na semana entre 11 de agosto, uma terça-feira, e 16 de agosto, um domingo. Neste período foram registradas 16 unidades, uma média de 2,6 por dia. A semana com menor quantidade de matérias publicadas foi a de 25 a 30 de agosto, com 9 unidades, média de 1,5 por edição. O máximo de unidades publicadas num único dia foi 4, nas edições veiculadas nos dias 08, 16 e 22 de agosto. Três edições não tiveram nenhum conteúdo sobre a gripe publicado, o que ocorreu nos dias 09, 21 e 23 de agosto.

As unidades de jornalismo informativo foram publicadas de maneira pulverizada entre os cadernos do jornal, dependendo do tema. As notícias foram colocadas nas páginas do Caderno de Cidades, do Caderno Vida & Arte, destinado ao noticiário cultural, como também as páginas de Esportes e do caderno infantil Diarinho, em formato tablóide que, na edição do dia 08 de agosto dedicou a capa inteira e mais duas páginas e meia, do total de oito, à gripe. (Anexo H) Do total de 56 unidades publicadas sobre a gripe, o Diário da Região destinou 5 a conteúdos da categoria opinativa. Essas unidades foram publicadas sempre no Caderno A.

Apresentação e análise dos resultados

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística

O conteúdo veiculado pelo jornal Diário da Região sobre a gripe A-H1N1 ao longo do mês de agosto de 2009 foi dividido entre 51 unidades de jornalismo informativo, correspondente a 91% do total, e 5 de jornalismo opinativo, 9% do total.

As unidades de opinião foram quatro cartas de leitores e um editorial publicado no dia 22, com o título: “Cinismo sem fim”. O editorial aborda uma situação ocorrida no Senado e contém um destaque com a inscrição “Gripe suína virou desculpa para Brasília ressuscitar a CPMF, agora chamada CSS” (Anexo I). Já as unidades de jornalismo informativo foram 48 reportagens (85%), uma nota e dois quadros informativos. Dentre todas as unidades, oito não tinham identificação de autoria, e 48 estavam assinadas, número equivalente a 85% do total.

A identificação da produção também predominou no Diário da Região, com 42 unidades identificadas como da própria redação, seis unidades de agência de notícias, quatro unidades assinadas por leitores e uma unidade mista, identificada como produção conjunta entre a redação e agência. Restaram apenas três unidades sem identificação de produção, número que corresponde a 5% do universo total.

Quanto à abrangência das notícias, o Diário da Região ficou evidenciado como um jornal de caráter regional, já que a cobertura de assuntos de nível regional (referente às cidades vizinhas ou da área de circulação do jornal) somou 27 unidades jornalísticas e superou as 22 notícias que foram focadas em assuntos locais (da própria cidade onde está instalado o jornal). Não foram identificadas notícias internacionais sobre a gripe durante o período pesquisado no Diário da Região e as notícias nacionais foram sete.

Indicador 2 - Classificação do tema

Quanto à classificação temática das unidades que abordaram a gripe, o diário da Região, dedicou mais espaço ao Alastramento da doença, com divulgações sobre casos e óbitos, que somaram 27 unidades de categoria informativa e 01 da categoria opinativa, representando juntas 50% de todo o conteúdo publicado sobre a doença. Em segundo lugar ficaram as 21 unidades que trataram de assuntos relacionados às medidas de Contenção da gripe, correspondendo a 37,5% do universo total de 56 unidades registradas no jornal ao longo do mês. A terceira classificação mais comum foi a de Denúncia/Medo/Insegurança, com quatro unidades publicadas (7,1%), sendo uma informativa e três opinativas.

Não foram registradas unidades informativas de Personalização e nem classificadas como Background médico-científico e duas unidades não se enquadraram em nenhuma das classificações disponíveis. Entre as unidades opinativas, ainda foi registrada uma unidade de Personalização.

Indicador 3 – Destaque das unidades de Jornalismo Informativo

No indicador criado para identificar itens de visibilidade ou destaque das unidades de jornalismo informativo, o Diário da Região, teve 47% das 51 matérias jornalísticas (24 unidades) com chamadas de primeira página, sendo que 6 unidades (11,7% do total da categoria informativa) foram a manchete principal da edição.

Das 51 unidades publicadas, 25 (49%) foram manchete de página. Ficaram empatados os números de unidades ilustradas por foto e por infográficos e tabelas, cada uma com 16 unidades ou 31,3%. Quanto à localização, a absoluta maioria das unidades, sendo 43 do total de 51 informativas, número equivalente a 84,3%, foi publicada na metade superior da página.

Quanto ao tamanho do espaço ocupado em colunas, ficou demonstrado que no Diário da Região, a maior parte das notícias sobre a gripe ocupou espaço grande na página. Trinta unidades ficaram entre quatro e seis colunas do jornal, sendo que o maior número foi de seis colunas, somando vinte unidades, 39,2% do total dentre as informativas.

Indicador 3.1 – Classificação do destaque

Na classificação das unidades pelo maior ou menor destaque que tiveram nas edições do jornal, o conteúdo informativo publicado no Diário da Região foi dividido equilibradamente entre as três classificações. A partir do critério de pontuação estabelecido, verificamos que 19 unidades tiveram Alto destaque, 15 unidades tiveram Médio destaque e 17 unidades ficaram com Baixo destaque.

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo

Observando a concordância entre títulos e textos das 51 matérias jornalísticas encontradas, verificamos que 34 unidades estavam com os títulos adequados e 17 apresentaram títulos parcialmente adequados. Nenhuma unidade teve título não pertinente com o conteúdo integral da notícia.

Uma única unidade enfatizou algum tipo de denúncia ou reclamação foi publicada no dia 26 de agosto, na página 4B, sob o título “Escola pede ‘kit’ de higiene contra a doença”, trazendo uma reclamação dos pais que tiveram que adquirir o material pedido pela escola pública. (Anexo J)

As pautas sobre pânico, medo e denúncias também tiveram espaço reduzido no Diário e tiveram três unidades publicadas ao longo de todo o mês de agosto, número equivalente a pouco mais de 5% das notícias. Um exemplo para este item é a reportagem “Preocupação com a gripe suína marca retorno às aulas”, publicada em 18 de agosto, na página 4B. (Anexo K)

Mais de um quarto das unidades informativas enfatizaram informações de prevenção e orientação ao leitor em fotos, legendas quadros e fotos, por exemplo, com 13 unidades identificadas neste quesito, número correspondente a 25,5%. Foi o caso da reportagem

publicada na página 5B, no dia 16 de agosto, com o título: “Gripe suína, primeira lição na volta às aulas”. Para ser classificada neste critério de ênfase para prevenção, foram considerados na matéria um quadro com orientações, foto e legenda mostrando um aluno usando álcool gel disponível na escola.¹¹

Quanto à cobertura de óbitos, das 51 notícias jornalísticas, sete abordaram mortes (13,7%), sendo que todos os dados sobre os óbitos foram baseados em informações oficiais dos órgãos de saúde, com quatro unidades sobre óbitos confirmados, duas sobre óbitos suspeitos e uma sobre óbito descartado. Não foi registrada nenhuma notícia sobre óbito especulado, baseado em boato ou alguma informação não confirmada por órgãos competentes na área da saúde.

Dentre as fontes que a equipe do Diário da Região mais identificou em suas matérias jornalísticas sobre a gripe, predominaram as citações de fontes oficiais, que apareceram em 23 unidades, porém, o segundo tipo de fonte mais utilizada foi de outras áreas, com 18 citações, seguidas pelas fontes especializadas, com sete citações. Cinco matérias não tiveram qualquer fonte identificada no texto.

As entrevistas com personagens, como cidadãos, pacientes e familiares de pacientes não foram um recurso de apuração ao qual recorreram os profissionais do Diário. Dentre as unidades informativas, 42 (ou 82,3%) não tiveram entrevistas com personagens.

¹¹ Apesar de conter três situações de destaque para prevenção, para nossa avaliação esta unidade foi apenas contabilizada uma vez neste critério, já que as respostas do item são apenas Sim ou Não

3.3 Jornal Cruzeiro do Sul

Tabela 3 – Informações coletadas no jornal Cruzeiro do Sul

Jornal: Cruzeiro do Sul

Sorocaba (SP)

Período: 01 a 31 de agosto de 2009

Conteúdo analisado: 145 unidades jornalísticas

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística							
Categoria					Informativo	Opinativo	
					131	14	
Natureza da informação					Primária	Secundária	
					0	145	
Autoria					Sim	Não	
					71	74	
Abrangência				Local	Regional	Nacional	Internac.
				73	20	42	10
Produção		Redação	Agência	Não ident.	Do leitor	Nota oficial	Articulista
		61	23	51	7	1	2
Gênero		Reportag.	Nota	Quadro	Artigo	Editorial	Carta
		113	18	0	4	3	7

Indicador 2 – Classificação temática						
Categoria	Alastram.	Contenção	Personaliz	Back-ground	Denúncia / Medo / Insegur.	Outro
Informativo	41	66	1	3	18	2
Opinativo	0	6	0	1	7	0

Indicador 3 - Destaque das unidades de Jornalismo Informativo							
					Sim	Não	
a) Tem chamada na primeira página do jornal?					47	84	
b) Foi manchete principal do jornal?					13	118	
c) Na página interna, é a manchete da página?					36	95	
d) Está ilustrada por foto?					62	69	
e) Está ilustrada por infográfico, tabela, quadro?					5	126	
f) Está na metade superior da página?					76	55	
g) Ocupou quantas colunas?		1	2	3	4	5	6
		35	40	17	26	3	10
3.1. Classificação:				Destaque:	Baixo	Médio	Alto
					75	42	14

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo						
a) O título e o texto estão em concordância?				Parcial	Sim	Não
				18	103	10
b) Enfatizou denúncia ou reclamação?				Sim	Não	
				11	120	
c) Enfatizou orientação sobre prevenção?				Sim	Não	
				22	109	
d) A notícia é sobre óbito?				Sim	Não	
				31	100	
e) Quanto à situação do óbito:		Confirmado	Suspeito	Especulado	Descartado	
		21	5	5	2	
f) Quem é fonte da matéria?		Oficial	Especializ.	Outra	Não ident.	
		53	11	51	17	
g) Matéria tem entrevista com personagem?		Paciente	Familiar	Outro	Não	
		1	1	14	115	
h) Enfatizou pessoas com pânico, medo, dúvidas?				Sim	Não	
				8	123	

Fonte: Elaboração própria

Distribuição do conteúdo pesquisado

Para o levantamento inicial do conteúdo publicado sobre a gripe no jornal Cruzeiro do Sul, foram consideradas 31 edições de todo o mês de agosto de 2009, já que o jornal circula de segunda a domingo. Foram identificadas 29 edições com alguma publicação sobre a doença. As duas edições que não tiveram nenhum conteúdo sobre a gripe ao longo do mês foram as dos dias 09 e 30.

Identificamos 145 unidades jornalísticas publicadas, uma média de 4,6 por dia. Apenas duas edições tiveram uma única unidade publicada, o que ocorreu nos dias 24 e 31. A maior concentração de publicações sobre a gripe ocorreu na semana de 11 a 17 de agosto, somando 59 unidades publicadas, número equivalente a 40% do total publicado ao longo de todo o mês. Nesta semana, a média de unidades por dia subiu para 8,4, quase o dobro do que foi observado ao longo de todo o mês.

As duas edições com maior número de unidades foram as dos dias 13 e 14 de agosto, respectivamente com 12 e 13 unidades publicadas. No dia 13, uma das unidades era opinativa e foi um Editorial intitulado “Contradições sobre a gripe”, no qual o jornal cita a forma como os dados estavam sendo divulgados, as orientações das autoridades para evitar o pânico e ao mesmo tempo determinando adiamento das aulas, por fim, aborda a circulação de emails abordando “suposto descontrole dos casos” e que repórteres reclamam do acesso às informações. (Anexo L) No dia 14, duas unidades foram opinativas, sendo um Artigo no caderno feminino em uma coluna que leva o nome de “Gentileza gera Gentileza” (Anexo M) e uma Carta de leitor comentando o editorial do dia anterior (Anexo N).

A semana com menor quantidade de notícias publicadas foi a última do mês, de 24 a 30 de agosto, com o total de 19 unidades, média 2,7 por dia.

O Cruzeiro do Sul não editorializou o assunto gripe em um único caderno ou em páginas específicas. Em geral, as notícias internacionais sobre o assunto foram publicadas na página Exterior, normalmente no caderno B. O conteúdo regional também ficou desvinculado do conteúdo local, mesmo em se tratando do mesmo assunto. No dia 21 de agosto, por exemplo, seis páginas de quatro cadernos diferentes tiveram publicada alguma informação sobre a gripe, totalizando oito matérias. As unidades ocuparam três páginas do caderno A, com uma nota de cobertura do legislativo na página A-3, uma notícia de cidade da região na página A-4, uma notícia local e duas regionais na página A-5, uma matéria de economia sobre o preço da carne suína no caderno de Economia – página C-4, uma nota na página 3 do

caderno feminino Ela e uma nota em coluna sobre celebridades na página 5 do caderno Mais Cruzeiro.

Apresentação e análise dos resultados

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística

Dentre as 145 unidades jornalísticas publicadas pelo Cruzeiro do Sul sobre a gripe A-H1N1 durante o mês de agosto de 2009, 131 foram unidades de jornalismo informativo e 14 unidades foram de jornalismo opinativo. Quanto ao gênero, as unidades informativas ficaram divididas entre 113 reportagens, 18 notas e nenhum quadro informativo. As unidades opinativas foram de três tipos, sendo quatro artigos, três editoriais e sete cartas de leitores.

A abrangência das notícias foi predominantemente de assuntos locais, com 73 unidades (50,3%), seguida por assuntos nacionais, com 42 unidades (29%). As unidades de abordagem regional, ou seja, a cobertura nas cidades da região de circulação do jornal ou cidades vizinhas ficou apenas em terceiro lugar, com vinte unidades (13,7%), seguida pelas informações internacionais, com dez unidades (7%).

A maioria das unidades publicadas pelo Cruzeiro do Sul não continha identificação de autoria. Foram 74 unidades sem assinatura, contra 71 assinadas.

Indicador 2 - Classificação do tema

Do total de 145 unidades publicadas, a classificação temática predominante foi a de Contenção, com 49,6% do total, com 72 unidades. O segundo tema mais comum foi o Alastramento, com 28,2% e 41 unidades e o terceiro foi o de Denúncia, Medo e Insegurança que, entre unidades informativas e opinativas, somou 25 unidades, equivalentes a 17,2% do universo completo. Houve ainda Background médico-científico em quatro unidades (2,7%), Personalização com uma unidade e outras duas unidades não classificadas dentro da temática estabelecida para o presente trabalho.

Indicador 3 – Destaque das unidades de Jornalismo Informativo

Especificamente nas unidades informativas, observamos que 47 unidades tiveram chamadas de primeira página, correspondente a 35,8% das 131 notícias sobre a doença

publicadas durante todo o mês. Treze delas foram as manchetes principais nas primeiras páginas, 10,8% do total de unidades informativas.

No conteúdo interno, 76 unidades foram publicadas na metade superior da página (58%) e 36 unidades foram manchete de página (27,5% do total). Quanto ao uso de imagem para ilustrar as matérias, esse foi um recurso usado em quase metade das notícias do Cruzeiro do Sul, com 62 unidades, 47%, ilustradas por pelo menos uma foto. Já o uso de gráficos e tabelas informativas para complementar as matérias foi observado em cinco unidades ao longo de todo o mês de agosto.

Quanto ao espaço horizontal ocupado pelas unidades jornalísticas, verificamos que 70% delas foram publicadas em até três colunas, sendo 35 em uma coluna, 40 em duas colunas e 17 em três. Os 30% restantes ficaram divididos em quatro colunas, com 26 unidades, cinco colunas, com três unidades e dez unidades ocupando o espaço máximo de seis colunas.

Indicador 3.1 – Classificação do destaque

O critério de pontuação adotado para elencar as unidades de acordo com o destaque que tiveram na edição do jornal apontou que 57% das 131 notícias publicadas pelo Cruzeiro do Sul tiveram baixo destaque. Foram 75 unidades com pontuação entre 01 e 04 na escala que variou até 12. Na segunda classificação, de 05 a 08 pontos, correspondentes ao nível médio de destaque foram identificadas 42 unidades (32%). Já as matérias que ficaram com alto destaque foram no total de 14 unidades (10,6%).

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo

Dentre as unidades informativas, 7,6 das publicações do Cruzeiro do Sul sobre a gripe tiveram títulos que não estavam em concordância com o conteúdo interno da matéria. Foram identificadas 10 unidades nessa condição, além de outras 18 cujos títulos estavam parcialmente de acordo com o texto e 103 com títulos pertinentes. Um exemplo de título em não concordância é a reportagem intitulada: “Para infectologista, pobre corre mais risco”, publicada na página A7, do dia 11 de agosto. Apesar da afirmação feita no título, segundo o texto da matéria, o médico entrevistado emite a opinião, mas pondera afirmando que não há estudos que comprovem tal tendência baseada em maior suscetibilidade de acordo com a classe social. (Anexo O)

Quando o foco da análise foi a ênfase dada a denúncias e reclamações, dentre as matérias publicadas, 11 apresentaram essa condição, número equivalente a 8,4% do total. Um exemplo é a reportagem: “Câmara considera ações contra a gripe insuficientes”, publicada no dia 14 de agosto, na página A-8. (Anexo P)

O número de matérias que deram algum tipo de ênfase a orientações e métodos de prevenção foi o dobro, com 22 unidades, equivalentes a 16,8%. Um desses exemplos foi uma reportagem publicada no dia 14 de agosto, na página A-8 sob o título “Arcebispo recomenda mudanças nas missas”. A notícia está assinada para a Agência Estado e se baseia em uma orientação do arcebispo de Brasília, destacando o título com enfoque em prevenção. (Anexo Q) Outro exemplo de ênfase à prevenção foi a cobertura feita pelo caderno infantil, Cruzeiroiro, que dedicou capa e duas páginas inteiras com dois títulos: “A luta contra a gripe suína também depende de você” e “Lavando as mãos corretamente”; um quadro informativo ilustrado com dicas de prevenção e duas legendas informando atitudes corretas. (Anexo R)

Oito unidades enfatizaram pessoas com medo, pânico ou dúvidas sobre a gripe. Uma das matérias identificadas neste critério foi a reportagem: “População teme andar de ônibus lotado” que, além do título, teve uma legenda de foto dizendo que “Usuários temem ser contaminados dentro dos ônibus com janelas fechadas”, em contrapartida não aborda cuidados e dicas sobre a importância de manter janelas abertas. (Anexo S)

Já a incidência de unidades sobre óbitos foi maior, chegando a 31 unidades ou 23,6%. Dentre essas notícias, 21 eram sobre óbitos confirmados, cinco sobre casos suspeitos e dois comunicaram sobre casos descartados. Porém, o que chamou a atenção foi que foram registradas cinco unidades sobre óbitos especulados, ou seja, casos não confirmados pelas autoridades de saúde, baseados em informações como boatos, dados ou informações de fontes não oficiais.

Quanto às entrevistas realizadas com personagens, o Cruzeiro apresentou uma entrevista com paciente, uma com familiar de paciente, catorze outros tipos de personagem e 115 unidades sem entrevistas.

4 ANÁLISE DOS TRÊS JORNAIS

Quantidade e Distribuição do conteúdo pesquisado

Em uma análise conjunta e comparativa da cobertura da pandemia da gripe A-H1N1 nos três jornais estudados inicialmente observamos uma variação expressiva na quantidade de unidades publicadas ao longo do mês de agosto de 2009. O jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, foi o que publicou mais unidades ao longo do mês, situação que poderia ser justificada pelo fato de o matutino circular de segunda a domingo, totalizando 31 edições no mês de agosto, enquanto os outros dois jornais pesquisados não eram publicados às segundas-feiras.

Entretanto, apesar de terem o mesmo número de edições ao longo do mês – 26 jornais publicados de terça-feira a domingo – a quantidade de unidades jornalísticas relacionadas à gripe veiculadas pelo Vale Paraibano, de São José dos Campos, foi mais que o dobro das que estamparam o Diário da Região, de São José do Rio Preto, o que não validaria a hipótese de que o maior ou o menor número de unidades estaria relacionado exclusivamente à quantidade de edições publicadas ao longo do mês, conforme pode ser verificado na Tabela 4 e no Gráfico 1.

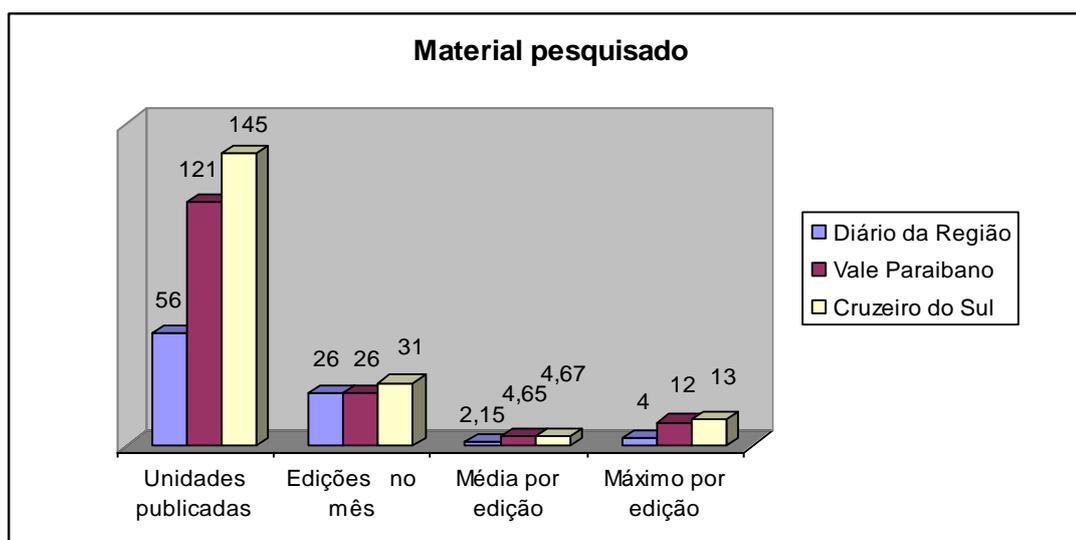
Tabela 4 – Edições e unidades jornalísticas publicadas

Jornal	Unidades publicadas	Edições no mês	Média por edição ¹²	Máximo por edição
Diário da Região	56	26	2,15	4
Vale Paraibano	121	26	4,65	12
Cruzeiro do Sul	145	31	4,67	13

Fonte: Elaboração própria.

¹² A quantidade média de unidades jornalísticas por edição foi calculada com base no total das edições publicadas por cada jornal ao longo do mês, ou seja, em relação a todo o material pesquisado. Não utilizamos para esse cálculo os dias do mês e nem apenas as publicações que continham material sobre a gripe por não considerarmos parâmetros adequados para a comparação.

Gráfico 1 - Edições e unidades jornalísticas publicadas



Fonte: Elaboração própria.

Nesses três comparativos de quantidade geral, o Cruzeiro do Sul foi o jornal que ficou com os maiores números, seguido de perto pelo Vale Paraibano e, por fim, pelo Diário da Região. A proporção observada entre os dois jornais que mais publicaram sobre a gripe, em relação ao jornal que menos publicou, se manteve equiparada nos três itens.

Essa proporção fica bastante clara ao observarmos a média de unidades jornalísticas veiculadas por edições do mês, uma vez que Cruzeiro do Sul e Vale Paraibano publicaram mais que o dobro de unidades (4,67 e 4,65 respectivamente) em comparação com a média do Diário (que ficou na casa dos 2,15).

Quando focamos o número máximo de unidades publicadas em uma única edição de cada um dos três jornais pesquisados, essa diferença quantitativa entre os veículos de Sorocaba e São José dos Campos em comparação com o de São José do Rio Preto fica ainda mais evidente, sendo que o Vale e o Cruzeiro publicaram respectivamente 12 e 13 unidades jornalísticas sobre a gripe em uma única edição, três vezes mais do que o máximo de unidades jornalísticas veiculadas pelo Diário em um único dia de publicação do jornal, que foi 4 unidades. Mais adiante abordaremos com mais profundidade quais foram as notícias publicadas nessas edições em cada um dos jornais.

Além da variação quanto aos números de unidades publicadas por cada um dos veículos estudados, decidimos observar a distribuição das unidades dia a dia, ao longo de todo o mês de agosto e verificamos que o Vale Paraibano e o Cruzeiro do Sul apresentaram curvas semelhantes, com maior número de notícias concentrado no meio do mês, seguido de um

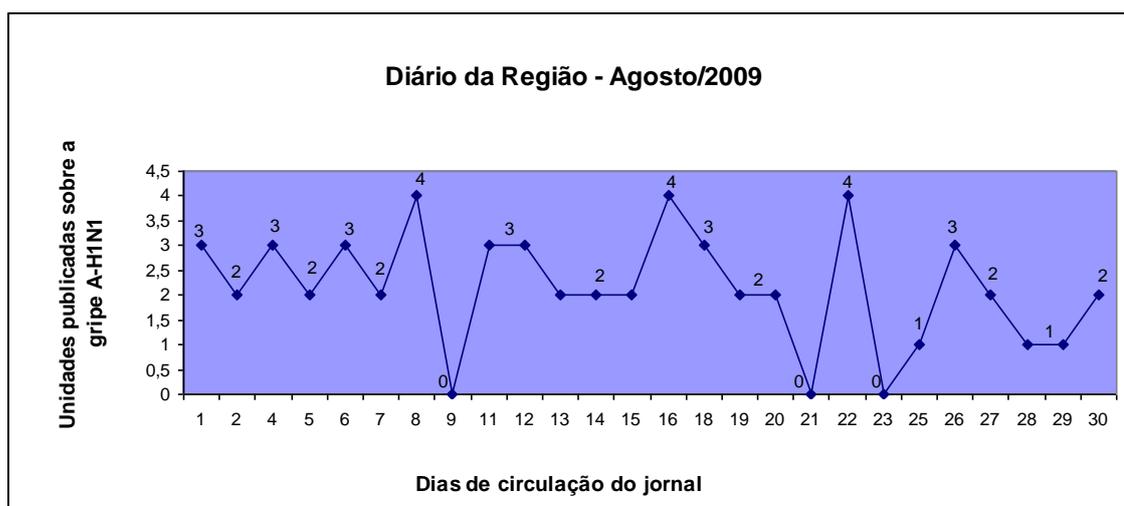
declínio e uma nova ascensão por volta do dia 22, finalizando com um declínio a partir do último terço de agosto, conforme pode ser observado nos Gráficos 2, 3 e 4.

Já o Diário da Região, visualmente apresentou oscilação ao longo das quatro semanas de agosto, mas também concentrou a maior quantidade de unidades na mesma semana que os outros jornais, de 10 a 17 de agosto. Uma curiosidade é que em uma única semana, de 11 a 17 de agosto, o Cruzeiro do Sul publicou o total de 59 unidades jornalísticas sobre a nova gripe, superando o número total de 56 unidades veiculadas pelo jornal Diário da Região ao longo de todo o mês de agosto.

Nenhum dos jornais pesquisados publicou conteúdos sobre a gripe em todas as edições do mês. No Cruzeiro do Sul, das 31 edições de agosto de 2009, 29 tinham conteúdo sobre a gripe e duas não tiveram nenhuma citação sobre a doença, o que foi observado nos dias 09 e 30 de agosto, dois domingos. O Vale Paraibano, como não circulava às segundas-feiras, teve publicadas 26 edições ao longo do mês de agosto, das quais 22 tiveram alguma informação sobre a gripe veiculada e quatro sem nenhum conteúdo relativo à doença, nos dias 19, 23, 29 e 30, uma quarta-feira, um sábado e dois domingos.

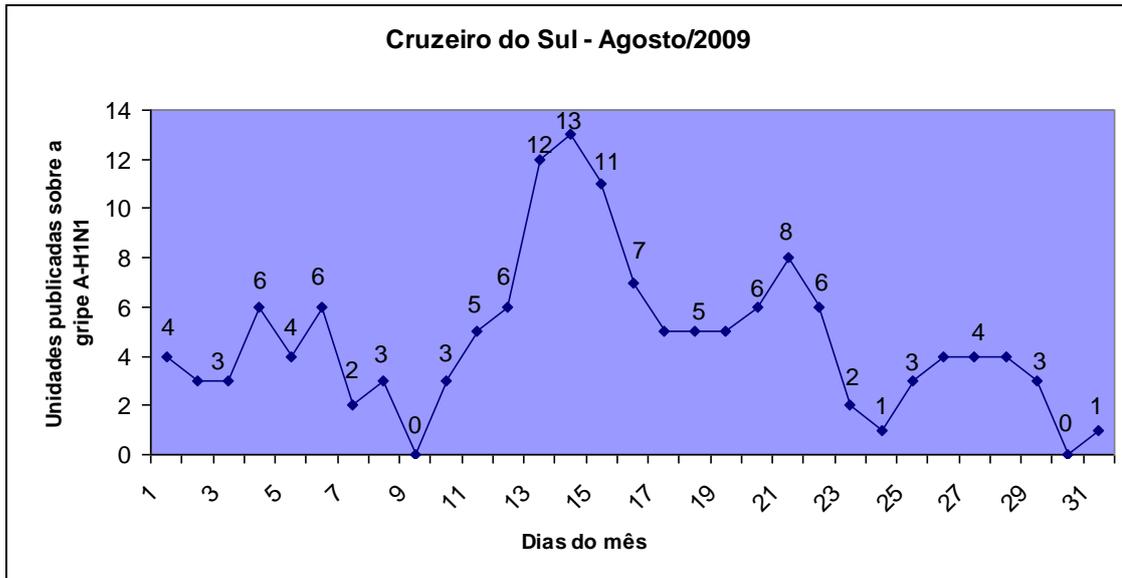
No jornal Diário da Região, das 26 edições publicadas de terça-feira a domingo, 23 tiveram alguma unidade jornalística publicada sobre a gripe. As três edições que não tiveram nenhum conteúdo relativo à doença foram veiculadas nos dias 09, 21 e 23, dois domingos e uma sexta-feira.

Gráfico 2 – Presença de Unidades sobre a Gripe por edição do Diário da Região



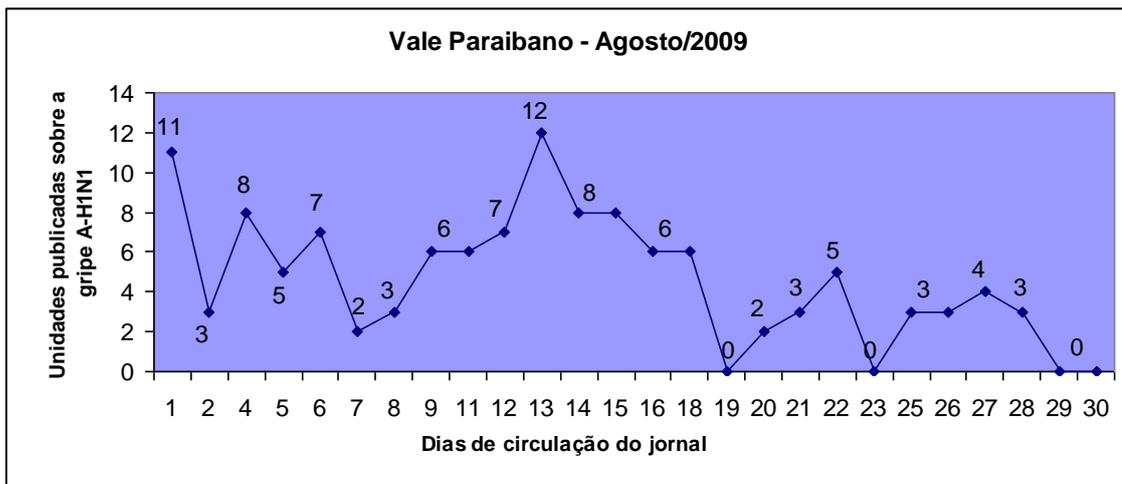
Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 3 - Presença de Unidades sobre a Gripe por edição do Cruzeiro do Sul



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4 - Presença de Unidades sobre a Gripe por edição do Vale Paraibano



Fonte: Elaboração própria.

Indicador 1 – Identificação da unidade jornalística

Categorias – Jornalismo Opinativo e Jornalismo Informativo

No item que especificou o conteúdo de caráter informativo ou opinativo sobre a gripe publicado nos jornais, observamos que predominou absolutamente o Jornalismo Informativo. Mas enquanto o Vale Paraibano publicou exclusivamente material noticioso em vários

formatos, Diário da Região e Cruzeiro do Sul tiveram publicadas unidades de jornalismo opinativo.

No Diário da Região foram cinco unidades de opinião, número que representa 9%, do total de 56 unidades publicadas pelo veículo no período considerado para esta pesquisa. Já o Cruzeiro do Sul, publicou 14 unidades de opinião, equivalentes a 9,7% das 145 unidades sobre a gripe contabilizadas ao longo do mês.

O gênero opinativo

No Diário da Região, as cinco unidades de opinião foram divididas em quatro cartas de leitores e um editorial que não abordava especificamente a situação da gripe, mas sim uma tentativa do Senado de reativar a cobrança da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) usando como argumento o avanço da gripe (Anexo I).

Já no Cruzeiro do Sul, dentre as 14 unidades que estavam na categoria do jornalismo opinativo, foram identificadas sete cartas de leitores, quatro artigos e três editoriais. O Cruzeiro foi o único dos jornais pesquisados a publicar artigos e o que mais publicou editoriais.

Dentre os quatro artigos, não foram observadas críticas ou denúncias, todos foram baseados em informações relacionadas à contenção da gripe como medidas preventivas, por exemplo. Dois artigos foram publicados em suplementos, um deles no caderno Turismo do dia 18, na página 4, com o título “Gripe suína e o Turismo” (Anexo T). Em sua coluna semanal, um sorocabano que vivia na Alemanha abordou as recomendações sanitárias que estavam sendo feitas aos viajantes pela Europa e as suas impressões sobre o momento de cuidados com a saúde e o desejo de viajar. O outro foi publicado no caderno feminino, chamado Ela, do dia 14, na página 4, na coluna semanal “Gentileza gera Gentileza”. (Anexo M) A autora faz breve menção à gripe usando como gancho as medidas preventivas para abordar um conto em que pais recomendam restrições ao filho quanto à aproximação física de outras pessoas.

Os outros dois artigos foram publicados na página A-2, em espaços próprios para este gênero. O primeiro deles, no dia 06, foi intitulado “H1N1 – globalização da gripe e o adiamento da volta às aulas”, no qual o articulista, identificado como sendo editor de um portal voltado à área da educação, defende a importância de respeitar as recomendações dos pesquisadores sobre evitar locais com aglomeração de pessoas, como as escolas e também opina e argumenta sobre outras medidas indicadas. (Anexo U)

Por fim, o último artigo foi publicado no dia 22 de agosto, assinado por um médico e com o título “Cautela e caldo de galinha...”. (**Anexo V**) O articulista aborda doenças que dizimaram milhares de pessoas como a peste bubônica, passando para a pandemia da gripe espanhola, falando da precariedade de informações e conhecimentos científicos na época em comparação com as orientações e recursos disponíveis no período atual (2009) em relação à gripe H1N1. O autor finaliza citando medidas preventivas que deveriam ser adotadas por todos e fazendo uma referência ao ditado popular que usou no título.

Já os três editoriais publicados pelo jornal Cruzeiro, todos na página A-3, fizeram críticas aos órgãos de saúde em relação às informações divulgadas, às medidas recomendadas à população ou os serviços prestados. No dia 17 de agosto, o tema foi abordado em metade do espaço destinado ao Editorial diariamente, com o título “A dura decisão dos pais”. (**Anexo X**) O texto começa mencionando que a população está assustada e criticando o fato de a Prefeitura local ter cancelado shows e eventos, mas ter mantido, até aquele momento, a previsão de retorno às aulas após primeiro adiamento.

O outro editorial, intitulado “Contradições sobre a gripe” foi publicado no dia 13, (**Anexo L**) e aborda várias recomendações das autoridades de saúde, inclusive de outros estados e do Ministério da Saúde, criticando o acesso aos dados sobre óbitos e fazendo uma referência à disseminação de mensagens eletrônicas alarmantes sobre a doença, mensagens que, por todo o exposto no texto, não estariam sendo “rejeitadas de pronto” pela população.

Outro editorial, publicado no dia 03 de agosto, com o título “Férias prolongadas”, elogia a decisão dos gestores de escolas públicas e particulares ao adiarem a volta às aulas como medida preventiva. O texto cita logo no início a atitude tomada pela direção do “Colégio Politécnico – Cruzeiro do Sul - FUA”, que a tem o mesmo nome e a mesma fundação mantenedora do jornal. Por fim, critica atendimentos prestados e o que chama de desencontros em postos de saúde “que não ajudam a criar um clima de segurança na população”. (**Anexo Z**)

O gênero informativo

Quanto ao conteúdo de jornalismo informativo, Diário da Região e Vale Paraibano publicaram unidades dos três gêneros adotados para a classificação deste item: Reportagem, Nota e Quadro Informativo. Já o Cruzeiro do Sul foi o único jornal que não utilizou o formato de Quadro independente de outras unidades para dar informações complementares, como dicas de prevenção, orientações sobre sintomas ou mesmo o número de casos da doença. Em

todas as vezes que os quadros apareceram nas páginas do Cruzeiro, estavam diretamente associados a alguma reportagem, por exemplo, não sendo usados como um recurso a mais para a publicação do conteúdo jornalístico de caráter informativo como fizeram o Vale Paraibano e o Diário da Região, com 3 e 2 unidades registradas respectivamente.

Nos três jornais, o gênero predominante foi a reportagem, com 76% das unidades informativas publicadas pelo Vale Paraibano (92 reportagens), 86% das unidades informativas publicadas pelo Cruzeiro do Sul (com 113 reportagens) e 94% das unidades informativas publicadas pelo Diário da Região (com 48 reportagens).

As notas foram 21,4% do conteúdo informativo publicado pelo Vale Paraibano (26 notas) e 13,7% do conteúdo informativo publicado pelo Cruzeiro do Sul (18 notas), porém praticamente não foram utilizadas pelo Diário da Região. Ao longo de todo o mês, uma única nota foi publicada, em coluna específica de cobertura política. Tal constatação provavelmente está relacionada ao projeto gráfico do jornal que, nas páginas de notícias, privilegia extensas reportagens e não costuma publicar informações jornalísticas em pequenas notas.

Para a situação encontrada no Vale Paraibano, que teve o maior número de notas publicadas, consideramos que pode ser um efeito da opção editorial que o jornal adotou ao organizar o noticiário sobre a gripe em páginas específicas. Esse, certamente foi um diferencial observado no jornal de São José dos Campos que apresentou as matérias sobre a gripe de maneira agrupada o que se destacou como uma característica editorial em comparação com os outros dois jornais pesquisados. Independente da abrangência da notícia ou do tema abordado, as matérias foram publicadas sempre em uma ou duas páginas por dia, várias vezes em páginas inteiras sobre a gripe, que, apesar de não identificadas ou nomeadas como um caderno especial, por exemplo, certamente contribuíram para que o leitor encontrasse todo tipo de informação sobre a doença com mais facilidade, favorecendo o acesso e ampliando o grau de informação sobre o assunto. Por sua vez, com a escolha editorial de agrupar todas as unidades em uma ou duas páginas, naturalmente, houve uma concorrência pelo espaço e, enquanto algumas unidades ocupavam espaços maiores, para outras ficou delimitado o espaço de nota, com até 20 linhas.

Abrangência – Local, Regional, Nacional e Internacional

Classificar as unidades jornalísticas publicadas pelos jornais quanto à abrangência do tema abordado nos possibilitou constatar que dos três matutinos escolhidos para esta pesquisa o que menos realizou cobertura de abrangência regional foi o Cruzeiro do Sul. O jornal de

Sorocaba priorizou os acontecimentos de nível local, ou seja, da cidade sede, em 50,3% das unidades jornalísticas. A abrangência Nacional ficou em segundo lugar no Cruzeiro, seguida pelo conteúdo Regional e pelo Internacional.

Nos outros dois jornais pesquisados, a prioridade editorial foi pela cobertura Regional, seguida pelo conteúdo Local e pelo Nacional. O único jornal que não apresentou nenhuma notícia internacional sobre a gripe foi o Diário da Região, de São José do Rio Preto.

Tabela 5 – Abrangência das unidades jornalísticas

Abrangência				
Jornal	Local	Regional	Nacional	Internacional
Cruzeiro do Sul	50,3%	13,7%	29%	7%
Diário da Região	39,3%	48%	12,8	0
Vale Paraibano	41,3%	42%	9%	7,5%

Fonte: Elaboração própria.

Autoria e Produção

Quanto à identificação de autoria nas unidades publicadas, o Diário da Região foi o jornal que mais veiculou a identificação do autor, foram 85% das unidades assinadas. O Vale Paraibano foi o jornal que menos identificou autoria nas suas publicações sobre a gripe, com 29% das unidades assinadas. Já o Cruzeiro do Sul assinou 42% das unidades.

A identificação da produção da unidade jornalística também foi mais presente no Diário da Região, que teve 7,1% das unidades sem identificação. Porém, o jornal que mais publicou conteúdo sem identificação quanto à produção foi o Cruzeiro do Sul, com 35% das unidades sem esse tipo de informação. Já no Vale Paraibano, 24% das unidades não tiveram a produção identificada.

Entre as unidades identificadas, predominou a produção da própria redação, seguida pelos conteúdos de agência de notícias no Vale Paraibano e no Diário da Região. Apenas no Cruzeiro do Sul, as notícias não identificadas quanto à produção foram mais comuns do que as de agências.

Tabela 6 – Produção das unidades jornalísticas

Produção							
Jornal	Redação	Agência	Não identificado	Do leitor	Misto	Articulista	Outro
Cruzeiro do Sul	42,0%	16,0%	35,0%	5,0%	0%	1,4%	0,7%
Diário da Região	75,0%	10,0%	5,0%	7,1%	1,7%	0%	0%
Vale Paraibano	72,0%	4,1%	24,0%	0%	0%	0%	0%

Fonte: Elaboração própria.

Natureza da informação

De todos os itens estabelecidos para o Indicador 1, Natureza da Informação foi o único que não teve nenhuma diferença no resultado obtido nos três jornais pesquisados. Nos três periódicos pesquisados, houve publicação exclusiva de conteúdo do tipo de Comunicação secundária, que é quando o especialista escreve para o público leigo. Não foi registrada nenhuma unidade de Comunicação Primária, que é quando o especialista escreve para seus pares, de difícil entendimento para um público não especialista.

Indicador 2 – Classificação Temática

A distribuição das unidades de acordo com a Classificação Temática apontou que Cruzeiro do Sul e Vale Paraibano publicaram mais unidades de Contenção, aquelas que abordaram medidas preventivas adotadas por órgãos públicos ou empresas privadas ou recomendadas pelas autoridades de saúde.¹³ Em seguida, ambos publicaram mais unidades sobre o Alastramento da doença, abordando números de casos e de óbitos, por exemplo.

Já no Diário da Região, justamente o jornal que publicou menor quantidade de unidades, as posições se inverteram, a maior parcela das unidades publicadas foram de Alastramento, seguida por Contenção.

Tabela 7 – Classificação temática

Indicador 2 – Classificação temática						
Jornal	Alastram.	Contenção	Personaliz	Back-ground	Denúncia / Medo / Insegur.	Outro
Cruzeiro do Sul	28,3%	49,6%	0,7%	2,7%	17,2%	1,4%
Diário da Região	50%	37,5%	1,8%	0	7,1%	3,5%

¹³ Nota da pesquisadora: Todos conceitos utilizados e definições adotadas para a classificação temática encontram-se descritos nas páginas 25 e 26

Vale Paraibano	25,6%	60,3%	4%	6,6%	3,3%	0
TOTAL	31%	51,5%	2,2%	3,7%	10,2%	1,2%

Fonte: Elaboração própria.

Observando a Tabela 7 com os dados, o terceiro tema mais comum foi aquele que enquadrou as unidades que abordaram denúncias, medo ou situações de insegurança, inclusive colocando em dúvida a credibilidade de informações e serviços públicos. Os três jornais tiveram unidades nessa classificação, mas o Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, foi o jornal que dedicou mais unidades a essa temática, chegando quase aos 20% do total publicado.

Os temas menos veiculados nos jornais pesquisados foram Background médico-científico e Personalização. Porém, o Vale Paraibano, se diferenciou dos demais sendo o jornal que mais publicou unidades de Background médico científico, com 6,7%.

Indicador 3 – Destaque das unidades de Jornalismo Informativo

Para estabelecer um comparativo entre os itens que conferiram maior ou menor destaque às unidades sobre a gripe, começamos verificando as unidades publicadas nas páginas internas que tiveram chamadas de primeira página. Em número absoluto, o jornal que mais estampou a gripe na primeira página foi o Cruzeiro do Sul, com 47 unidades que tiveram essas chamadas em 31 dias, ou seja, a média foi de mais de uma citação na primeira página por dia.

O jornal Vale Paraibano foi o segundo que mais citou a gripe na primeira página. Foram 32 unidades com chamada durante todo o mês, tendo em vista que o jornal teve 26 edições publicadas, a média também foi de mais de uma notícia por dia. O Diário da Região não ficou muito abaixo, contabilizando 24 unidades com chamadas na primeira página, em 26 edições publicadas no mês. Entretanto, o que chama a atenção é que esse número corresponde a 47% de todas as unidades publicadas no mês, o que significa que, no Diário, quase metade do material publicado sobre a gripe teve espaço garantido na primeira página.

O número de manchetes principais também foi maior no Cruzeiro do Sul, que somou treze unidades sobre a gripe em destaque absoluto na primeira página das suas edições. Observando que o jornal teve 31 edições no mês, verificamos que a cada três edições, uma teve como manchete principal alguma notícia sobre a gripe. Diário da Região e Vale Paraibano tiveram esse item empatado com seis manchetes principais dedicadas à gripe em cada um durante todo o mês de agosto.

Quanto aos demais itens desse indicador, o comparativo entre os dados dos três jornais, chamou a atenção a presença das ilustrações por foto ou outros recursos de diagramação, como gráfico, tabela, infográfico e box informativo. O Cruzeiro do Sul foi o jornal que mais publicou matérias ilustradas por fotos, 47% do total publicado continha pelo menos uma foto, ante 33,9 do Vale Paraibano e 31,3 do Diário da Região. Porém, o mesmo Cruzeiro foi o jornal que menos publicou quadros ou tabelas com informação: de 131 unidades publicadas ao longo do mês, apenas cinco tiveram algum incremento visual para destacar informações como sintomas, prevenção ou até mesmo número de casos da doença.

Já no Diário da Região e no Vale Paraibano, os quadros e tabelas foram corriqueiros, chegando a 31,3% das unidades no jornal de São José do Rio Preto e 25,6% das unidades no jornal de São José dos Campos.

Quanto ao espaço dedicado a cada unidade, ficou evidenciado que maior número de unidades publicadas, implica em publicações em espaços menores. No Cruzeiro do Sul, que teve 131 unidades informativas publicadas, 70% desse material foi publicado em uma, duas ou três colunas e 7% delas tiveram o espaço máximo de seis colunas.¹⁴

Indicador 3.1 – Classificação do Destaque / visibilidade da unidade de Jornalismo Informativo

Assim como na contagem de colunas ocupadas por cada unidade jornalística, a pontuação estabelecida para classificar o conteúdo publicado quanto ao destaque indicou que quanto mais unidades foram publicadas, menor foi o destaque dado a elas. No Cruzeiro do Sul, que publicou o maior número de notícias sobre a gripe, 131 no total, 57% dessas unidades tiveram destaque Baixo e 32% tiveram destaque Médio. A classificação menos observada foi a de destaque Alto, com 10,6%.

No Vale Paraibano, que publicou 121 unidades informativas em agosto, foi classificado 63% das unidades com destaque Baixo, 17% com destaque Médio e 20% com destaque Alto.

Já no Diário da Região, que teve a menor quantidade de unidades informativas publicadas, 51 no mês de agosto, o maior percentual foi para destaque Alto: 37,2%, mas as

¹⁴ Nota da pesquisadora: Os conceitos e critérios adotados para a classificação dos destaques das unidades informativas podem ser consultados no Quadro 4, na página 29

outras duas classificações não ficaram distantes, ambas na casa dos 30%: 33% de destaque Baixo e 29,5% de destaque Médio.¹⁵

Indicador 4 – Conteúdo e apuração nas unidades de Jornalismo Informativo

Foram estabelecidos oito itens para o Indicador 4.¹⁶ O primeiro deles foi sobre a pertinência do título em relação ao texto da unidade. A maioria absoluta das unidades publicadas pelos jornais teve o título em concordância com o texto e também foram comuns os títulos parcialmente de acordo com o conteúdo completo da matéria. Porém, enquanto o Vale Paraibano teve uma única unidade cujo título não estava em concordância com o texto e o Diário da Região não teve nenhuma unidade nessas condições, chamou a atenção o caso do Cruzeiro do Sul que teve dez unidades com títulos destoantes, número equivalente a 7,6% do total de unidades informativas.

Para os três itens sobre a ênfase que as unidades deram em fotos, títulos, legendas e outros recursos de diagramação, optamos por fazer um comparativo unificado. Assim, verificamos que o jornal Vale Paraibano foi o que mais deu ênfase para os três conteúdos pesquisados, predominando entre eles as citações sobre orientação e prevenção, com 33%. Já o Cruzeiro do Sul, foi o jornal que menos enfatizou orientação e prevenção, com 16,8%. Já o Diário da Região, foi o periódico que menos deu ênfase para denúncias e reclamações e pessoas com medo ou pânico, porém, teve 25,5% das unidades contendo alguma ênfase para orientação e prevenção.

Tabela 8 – Ênfase nas unidades jornalísticas

Jornal	Enfatizou denúncia/reclamação	Enfatizou orientação sobre prevenção	Enfatizou pessoas com pânico, medo, dúvidas
Cruzeiro do Sul	8,4%	16,8%	6,1%
Diário da Região	1,9%	25,5%	6,0%
Vale Paraibano	10,7%	33,0%	12,4%

Fonte: Elaboração própria.

¹⁵ Nota da pesquisadora: Os conceitos e critérios adotados para o indicador 3.1 podem ser consultados na página 29

¹⁶ Nota da pesquisadora: Os conceitos e critérios adotados para o Indicador 4 podem ser consultados no Quadro 5, na página 30

Quanto às entrevistas com personagens, foram em número baixo nos três jornais tanto para pacientes, familiares ou outros. Mais do que a presença dos personagens, o que chamou a atenção foi justamente a ausência desse recurso das entrevistas com personagens que poderiam abordar experiências pessoais e a relação com a doença contribuindo para a apuração e o aprofundamento das matérias. No Cruzeiro do Sul, 87% das unidades (115) não tinham entrevistas com personagens, no Diário da Região, foram 82% das unidades (42) sem personagens e no Vale Paraibano 81% (98) na mesma condição.

Observando as fontes que o jornal buscou para fornecimento de dados e apuração para as unidades jornalísticas, verificamos que as fontes oficiais – autoridades de saúde, órgãos governamentais e gestores - foram as que mais apareceram nos três veículos pesquisados, seguidas pelas chamadas Outras fontes, como comerciantes, diretores de escola e profissionais de outras áreas – que não a saúde. No jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, entretanto, o número de unidades que tiveram identificação de fontes oficiais (53) foi muito próximo da quantidade de unidades que foram baseadas em informações das chamadas “Outras” fontes (51).

Somando-se as citações de fontes Oficiais e Especializadas (médicos, profissionais de saúde, diretores de hospitais, pesquisadores) citadas pelo Cruzeiro chegamos ao número de 64 unidades jornalísticas. Por outro lado, somando-se as citações de Outras fontes e das unidades que não tiveram identificação sobre quem forneceu dados e informações para as matérias, no Cruzeiro do Sul, esta soma foi de 68 unidades. O Cruzeiro foi o único jornal em que essa situação foi verificada.

Para exemplificar o inverso, destacou-se o Vale Paraibano que, na soma das citações de fontes Oficiais e Especializadas teve 83 unidades, mais que o dobro das 40 unidades obtidas com a contagem das Outras fontes e das matérias sem identificação de fonte. No Diário da Região, embora com proporção menor, o resultado seguiu a mesma linha, com 30 citações para fontes Oficiais e Especializadas e 23 para Outras fontes e fontes não identificadas. Diário e Vale tiveram cinco unidades cada um sem a identificação de fonte, enquanto no Cruzeiro esse número chegou a 17.

5 A MORTE COMO NOTÍCIA

Farto é o campo de pesquisa sobre a relação que as pessoas têm com a morte. Esperar a morte, ter medo da morte, saber sobre a morte de outros, essa relação de cada pessoa com o assunto varia de acordo com a cultura, com a história de cada um, mas um dia todos morreremos e, talvez a morte exerça tanto fascínio e cause tanto interesse nas pessoas justamente por isso, pois como dizem os ditados populares, ela é a única certeza do ser humano e para morrer, basta estar vivo.

E se somos Severinos, iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre. De velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia. (De fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade e até gente não nascida). (MELO NETO, 2000, p. 46)

Diversos autores debruçaram sobre essa temática o que não é o nosso propósito específico neste trabalho, porém, como no conteúdo publicado pelos jornais pesquisados destacou-se o material noticioso sobre óbitos relacionados à gripe A-H1N1, também refletimos sobre a atração que esse assunto exerce sobre o ser humano. No caso das notícias publicadas pela imprensa não é possível afirmar que o assunto esteve presente nos jornais para contemplar o interesse do leitor sobre a morte ou se a decisão editorial foi baseada em critérios técnicos e classificatórios do que é ou não notícia e quais são os assuntos e enfoques do dia que merecem ser publicados.

Durante a análise dos resultados sobre apuração e conteúdo das notícias sobre a gripe nos três jornais pesquisados, a cobertura dos óbitos mereceu uma análise mais aprofundada. Das 303 unidades informativas publicadas pelos veículos, 67 foram notícias sobre óbitos, o que correspondeu a 22% do total.

Tabela 9 – Óbitos nas unidades informativas

ÓBITOS			
Jornal	Unidades informativas	Notícias sobre óbitos	%
Cruzeiro do Sul	131	31	23%
Diário da Região	51	7	13%

Vale Paraibano	121	29	23%
TOTAL	303	67	22%

Fonte: Elaboração própria.

Proporcionalmente, Vale Paraibano e Cruzeiro do Sul tiveram a mesma incidência de notícias sobre mortes, com 23% do total e, levando em conta o número de edições publicadas ao longo do mês, em ambos os jornais, foi publicada ao menos uma notícia sobre morte por dia. Já o Diário da Região, apesar de ter sido o jornal que mais abordou o Alastramento da gripe, a maioria das notícias não foi sobre mortes, que ocuparam 13% do conteúdo informativo.

Quanto à situação dos óbitos que foram relatados nas notícias, os três jornais divulgaram mais as mortes oficialmente confirmadas e, em seguida, casos oficialmente suspeitos. Também foram noticiados óbitos que foram descartados oficialmente pelas autoridades de saúde, em geral, eram casos que os jornais já haviam publicado dias antes, na categoria de suspeitos, e, diante do descarte oficial, voltaram a abordar atualizando as informações para o leitor.

Fora deste contexto, que se baseou exclusivamente em dados oficiais (confirmados, suspeitos e descartados), o jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, foi o único jornal pesquisado que dedicou espaço editorial para a publicação de notícias sobre óbitos especulados, fontes boatos ou de informações não oficiais cujas fontes não foram identificadas pelo jornal. Ao longo do mês, o Cruzeiro deu cinco reportagens sobre óbitos que não eram considerados oficialmente notificados pelos órgãos de saúde.

Tabela 10 – Situação dos óbitos noticiados

Situação dos óbitos noticiados				
Jornal	Dados oficiais			Dados não oficiais
	Confirmados	Suspeitos	Descartados	Especulados
Cruzeiro do Sul	21	5	2	5
Diário da Região	4	2	1	0
Vale Paraibano	21	9	1	0
TOTAL	46	16	4	5

Fonte: Elaboração própria.

Na leitura dos jornais para a pesquisa, verificamos que algumas notícias se repetiram como o registro de óbitos na cidade sede do veículo e na região de abrangência. Tal observação motivou um comparativo sobre essas matérias.

No Cruzeiro do Sul, antes de ser confirmado o primeiro óbito local, foi verificada uma escalada de matérias sobre óbitos no Brasil (dias 01, 04, 05, 07 e 12 de agosto), no Estado de São Paulo (dia 13 de agosto) e na região de Campinas, que não era área de abrangência ou circulação do jornal (notícias nos dias 01, 03 e 11 de agosto).

Na ausência de ao menos um óbito local para noticiar até quase a metade de agosto, o jornal partiu para as especulações. No dia 11 de agosto, a reportagem “Gripe suína – Homem de 27 anos morre com sintomas em Sorocaba”, na página A-7, informa o hospital onde o paciente estava, mas não cita a fonte dos dados. O texto acrescenta que “há informações de médicos que teriam atendido um paciente, com sintomas da nova gripe no mesmo hospital no final de semana”. Em seguida, informa que a autoridade de saúde da cidade informou desconhecer os dois casos. A matéria teve chamada na primeira página com o título: “Homem morre e gripe suína pode ser a causa”, conforme a Imagem 2.

Imagem 2 – Homem de 27 anos morre com sintomas em Sorocaba

A7

CIDADES

SOROCABA • TERÇA-FEIRA • 11 DE AGOSTO DE 2009

GRIPES SUÍNAS

Homem de 27 anos morre com sintomas em Sorocaba

Gustavo Ferrari e Leandro Nogueira

M.G.M., de 27 anos, morreu ontem à tarde, por volta das 14h25, com influenza não-específica, insuficiência respiratória aguda, choque séptico (infecção generalizada) e broncopneumonia. Ele estava internado desde sábado (8) no Hospital Samaritano. Há informações de médicos que teriam atendido um paciente, com sus-

peita da nova gripe, no mesmo hospital, neste final de semana. São profissionais que participaram, ontem à noite, de uma assembleia do Sindicato dos Médicos de Sorocaba e Região (Simesul). Eles também disseram que houve outra morte suspeita pelo vírus da gripe suína no Hospital Regional. Já o secretário da Saúde (SES), Milton Palma, declarou, por telefone ao **Cruzeiro do Sul**, “desconhecer” os dois casos.

Itu confirma óbito

A Prefeitura de Itu confirmou, ontem, que o homem que faleceu no dia 5 de agosto no Hospital Sanatorinhos estava com o vírus da Influenza A (H1N1). Até então ele era considerado como suspeito de ter falecido com a doença. Ainda ontem, haviam sido confirmados 12 casos da nova gripe (oito por exames e dois por vínculo epidemiológico), in-

cluindo o homem que faleceu na semana passada.

Na cidade há oito casos suspeitos, todos internados no Hospital Sanatorinhos, aguardando resultados de exames. A Secretaria de Saúde da Prefeitura de Itu informa, ainda, que no último final de semana houve o registro de mais dois óbitos com suspeita da Influenza A (H1N1), sendo dois homens (um de 58 anos e outro de 65 anos).

Fonte: Jornal Cruzeiro do Sul, 11 de agosto de 2009.

No dia seguinte, nova reportagem baseada em especulação é publicada com o título “Cidade tem 5 mortes com sintomas”, na página A-5 (Imagem 3). O texto começa informando que “Mais cinco pessoas morreram em hospitais sorocabanos ontem com sintomas provocados pela nova gripe, também chamada de suína.” A informação “mais cinco” provavelmente é uma referência à reportagem do dia anterior, seguida da afirmação de que as pessoas morreram “com sintomas provocados pela nova gripe”, o que só poderia ser afirmado com base em resultados de exames.

A reportagem, porém, não menciona de onde obteve os dados para publicação, o que daria credibilidade para a informação, apenas cita nomes de hospitais e iniciais que seriam dos pacientes falecidos. Mais adiante, uma declaração da autoridade de saúde da cidade informando que óbito noticiado no dia anterior era de um morador de cidade vizinha e que, naquele momento, Sorocaba não tinha óbitos confirmados. Esse tipo de informação, fundamental para que o leitor pudesse compreender o contexto, só aparece no meio do texto, enquanto que, se a opção do jornal era mesmo apostar naquelas informações não oficiais, deveria deixar claro que não estavam sendo confirmadas por quem tinha essa autoridade.

Imagem 3 – Cidade tem cinco mortes com sintomas da doença

CIDADES

SETOCUBANA • QUARTA-FEIRA • 12 DE AGOSTO DE 2009

A5

Cidade tem cinco mortes com sintomas da doença

Gustavo Ferrari e
Leandro Nogueira

Mais cinco pessoas morreram em hospitais sorocabenses ontem com sintomas provocados pela nova gripe, também chamada de suína. Dois estavam internados na Santa Casa, um no Hospital Samaritano, um na Unimed e outro no Hospital Modelo. Preocupadas com a possibilidade dos corpos estarem com o vírus Influenza A (H1N1), as funerárias começaram a enterrar em caixões lacrados. As vítimas são uma criança com quatro anos de idade (confirmado pelo Adolfo Lutz) e jovens entre 17 e 25 anos, uma delas grávida. Falaram com os sintomas: broncopneumonia, sepsis, falência múltipla de órgãos, síndrome da angústia respiratória do adulto, insuficiência respiratória e pneumonia. Todos morreram antes de completar uma semana de internação.

A grávida E.C.M., 24 anos, morreu ontem às 12h45 de falência múltipla de órgãos e sepsis. A menor D.M.P.O., 17 anos, faleceu às 10h45 de sepsis, broncopneumonia e comunicação intraventricular, ambas os casos na Santa Casa. No Hospital Modelo, V.B.M.M., 25 anos, faleceu às 0h40 do dia 10 com broncopneumonia, falência múltipla dos órgãos, sepsis grave, síndrome da angústia respiratória do adulto e infecção viral. Outra menor, N.O., 17 anos, morreu no Hospital da Unimed devido a complicações causadas por insuficiência respiratória, sepsis e pneumonia. Por motivos de segurança foi seguido o protocolo do Ministério da Saúde para o enterro com caixão lacrado em caso suspeito.

Caixão lacrado

O vendedor de uma concessionária de veículos em Sorocaba, M.G.M., 27 anos, cuja morte ocorreu na segunda-feira no Hospital Samaritano por sintomas da gripe, foi o primeiro caso de enterro com caixão lacrado. A Secretária da Saúde de Sorocaba, por meio da Vigilância Epidemiológica, divulga que a vítima residia em Votorantim. "Não temos óbitos confirmados de H1N1 em Sorocaba", disse o secretário da Saúde, Milton Palma.

"Recentemente tivemos um caso confirmado pela doença e todos os contatos fornecidos pelo paciente não existem. Em vários outros casos os telefones estavam incorretos e precisamos fazer visita domiciliar para comunicar resultado de exame aos pacientes e orientá-los", informou a diretora da Saúde Coletiva, Consuelo Mattiello.

A Secretária da Saúde (SES) informa que caso seja oficialmente diagnosticada a doença de algum óbito pelo Instituto Adolfo Lutz a SES in-

GRIFE A

Porque gestantes estão no grupo de risco



- 1 Corpo sofre mudanças durante a gravidez
- 2 Sistema imunológico fica mais fragilizado
- 3 Baixa imunidade deixa o organismo menos resistente a doenças, como a nova gripe
- 4 Fragilidade do organismo aumenta a gravidade dos casos
- 5 Principal complicação é respiratória, como falta de ar que pode agravar para uma insuficiência

O QUE FAZER QUANDO:

- ➔ **Aparecerem os sintomas**
Médicos da rede pública e particular devem indicar internação imediata
- ➔ **A gripe for confirmada**
Gestante deve ficar em isolamento
- ➔ **O bebê nascer**
Mãe deve usar máscaras e lavar as mãos com água e sabão antes de amamentar

formará imediatamente a imprensa. Durante entrevista na noite de ontem, Palma disse que avalia possibilidade de coletiva à imprensa com infectologistas do campus local da Faculdade de Medicina da PUC.

Suspeitas

A Unimed informou que uma paciente foi internada em isolamento com suspeita da nova gripe na tarde de ontem com quadro clínico de pneumonia. Um outro caso informado pela Vigilância Epidemiológica de Capela do Alto encontra-se no Hospital Modelo, em Sorocaba. Trata-se de uma gestante com 22 anos, no quarto mês de gravidez, com suspeita da gripe, cujo resultado do exame no Instituto Adolfo Lutz é aguardado para o final de semana. Além desse caso suspeito a VE de Capela do Alto continua mencionando outros 21 casos, todos apresentando quadro gripal, sem complicações.

Problemas respiratórios mataram outros 20 desde junho

Pelo menos outros 20 pacientes de Sorocaba e região morreram internados em hospitais da cidade por doenças respiratórias desde o final de junho. Todos apresentavam algum sintoma da nova gripe, como pneumonia, broncopneumonia ou insuficiência respiratória.

Os que resistiram em Sorocaba eram M.A.R., 53 anos, falecido em 30/07, no Conjunto Hospitalar de Sorocaba (CHS); S.K.H.S., 53 anos, morreu em 17/07, no CHS; E.S.S., 57 anos, 15/07, CHS; F.H.B.G., 21 anos, 03/07, Unimed; D.R.L., 45 anos, 01/08, CHS; G.J.B., 58 anos, 28/07, CHS; T.P., 21 anos, 02/08, CHS; M.A.R., 53 anos, 30/07, CHS; M.O.R., 55 anos, 27/08, Unimed.

Os pacientes de outras cidades que morreram internados em Sorocaba foram: R.S.S., de Votorantim, 53 anos, 30/07, no CHS; A.H.A., Votorantim, 45 anos, 28/07, CHS; V.C.S., 18 anos, 01/08, CHS; D.R.F., de Guapirara, 40 anos, 29/07, CHS; F.M.C., de Guapirara, 35 anos, 25/07, CHS; A.A.S., de Guapirara, 37 anos, 05/07, CHS; V.M.A., de Angatuba, 68 anos, 21/07, no CHS; M.M., de Jacupiranga, 38 anos, 16/07, CHS; A.G.M.O., Matrinque, 62 anos, 13/07, CHS; M.O.M., Itapetininga, 55 anos, 09/07, CHS; H.M.S.M., de Itapetininga, 37 anos, 25/07, CHS. (G.P. e L.N.)

Fonte: Cruzeiro do Sul, 12 de agosto de 2009.

No mesmo dia, em mais uma reportagem que não informava a fonte das informações obtidas, prática verificada em 13% das unidades jornalísticas do Cruzeiro, o jornal de Sorocaba veiculou uma reportagem com o título: "Problemas respiratórios mataram outros vinte desde junho" (Imagem 3 – lado direito). O texto tem uma sequência de iniciais e idades

de pessoas que teriam morrido na cidade e os respectivos hospitais onde teriam falecido, porém sem dizer qual a fonte das informações e sem ouvir uma autoridade ou um especialista sobre sintomas e critérios de notificação de casos de gripe, por exemplo. Mesmo assim, o texto afirma na sétima linha “Todos apresentavam algum sintoma da nova gripe como pneumonia, broncopneumonia ou insuficiência respiratória”.

No dia 13 foi publicada nova reportagem informando que o Conjunto Hospitalar de Sorocaba (complexo hospitalar estadual instalado na cidade) havia contestado as informações da matéria do dia 12. O título foi: “CHS contesta dados publicados pelo Cruzeiro” (Imagem 4) e o texto informa que a reportagem questionada havia publicado que “20 pessoas morreram devido a complicações respiratórias desde junho, dezoito delas no Hospital Regional”. Conforme o texto, além de informar que não foi consultada sobre os dados e negar que tenha ocorrido algum óbito por gripe H1N1 até aquela data na instituição, a direção também informa que seis pacientes cujas iniciais foram divulgadas no dia 12 sequer constavam como internados no Hospital Regional. O Cruzeiro, por sua vez, não faz nenhum comentário sobre a fonte das informações.

Imagem 4 – CHS contesta dados publicados pelo ‘Cruzeiro’

CHS contesta dados publicados pelo ‘Cruzeiro’

O diretor técnico de departamento, Ricardo José Salim, e a coordenadora do Núcleo Hospitalar de Epidemiologia do Conjunto Hospitalar de Sorocaba (CHS), Rosana Maria Paiva dos Anjos, contestaram a reportagem publicada ontem pelo **Cruzeiro do Sul**, que aponta que ao menos 20 pessoas morreram devido a complicações respiratórias em Sorocaba desde o final de junho, dezoito delas no Hospital Regional.

Por meio de nota, via assessoria de imprensa, os dois alegam que o CHS “não foi consultado” para verificação das informações publicadas. E acrescentam: “Esclarecemos que no CHS não ocorreu nenhum óbito ocasionado pela Gripe H1N1 até a presente data, conforme supervisão direta realizada pelo Centro de Vigilância Epidemiológica Regional e pela Secretaria do Estado da Saúde. Ressaltamos que dos dezoito pacientes mencionados, seis não constam em nossos registros de internação. Entendemos que ao ser publicado que “todos apresentavam algum sintoma da nova gripe” a população pode questionar a autenticidade dos diagnósticos realizados. Portanto, solicitamos esclarecimento sobre essa questão”.

A reportagem não obteve êxito ao tentar contato com os diretores do CHS, nem com a Secretaria do Estado da Saúde, no início da noite de ontem. Apesar da direção afirmar não ter registro de todas as internações, os médicos que atestaram os 18 óbitos foram: Alessandro Sordi Libardoni, Ana Paula Okada, Antônio Carlos Correa, Edson Shitara, Frederico Rocha, Glauber Campos Souza, José Eduardo Amaral Campos, José Mauro Cafundó Moraes, Nelson Brancaccio dos Santos, Orlando Fermezelli Júnior, Otávio Ayres da Silva Neto, Pamela Daniela da Silva Messula, Pedro Luiz Luizarez e Welson Santos. **(L.N., M.A., G.F.)**

Ainda antes de publicar a primeira morte oficialmente confirmada, o que só aconteceu no dia 14 de agosto, o jornal sorocabano veiculou uma reportagem sobre óbitos com título e texto contraditórios na página A-7, o que pode ter confundido o leitor.

O título foi: “Saúde confirma três mortes em Sorocaba” (Imagem 5), porém, o texto é baseado em um comunicado oficial de casos considerados suspeitos e que, portanto, aguardavam resultados de exames, o que não os colocava em situação de casos confirmados conforme afirmava o título.

Imagem 5 – Saúde confirma três mortes em Sorocaba

Saúde confirma três mortes em Sorocaba

Ontem, no mesmo dia em que o jornal **Cruzeiro do Sul** publicou com exclusividade o falecimento de cinco pessoas na terça-feira com sintomas da gripe em hospitais do município, a Secretaria municipal da Saúde oficializou: três óbitos são de moradores de Sorocaba e foram classificados como suspeitos porque apresentaram quadro clínico compatível com a doença. Eles estão entre os 68 casos suspeitos de Sorocaba que aguardam resultado de exame do Instituto Adolfo Lutz.

Outra das vítimas fatais é o menino de quatro anos de idade cuja morte pela doença foi confirmada pela Prefeitura de Votorantim como o primeiro caso fatal confirmado daquele município. A Secretaria da Saúde de Sorocaba recusou-se a consultar a Vigilância Epidemiológica para informar se houve coleta para exame no Instituto Adolfo Lutz do quinto falecido na terça-feira com os mesmos sintomas, conforme publicado pelo **Cruzeiro do Sul**. Justificou que não divulga informações de casos isolados que possam identificar a vítima

Mais morte

Ainda ontem, quarta-feira, outro paciente internado na Santa Casa faleceu com sintomas suspeitos da nova gripe e será sepultado hoje. Trata-se de L.A.P., 50 anos, cujas causas do óbito foram insuficiência respiratória e pneumonia. Não foram divulgadas informações se houve coleta de material para exame dessa vítima. (L.N., M.A.,G.F.)

Fonte: Cruzeiro do Sul, 14 de agosto de 2009.

Foi no dia 14 de agosto que o Cruzeiro do Sul noticiou a confirmação oficial da primeira morte em Sorocaba (Imagem.6). Desta vez, a fonte foi oficial e devidamente identificada.

GRIPE SUÍNA

SES confirma primeira morte em Sorocaba



Gustavo Ferrari

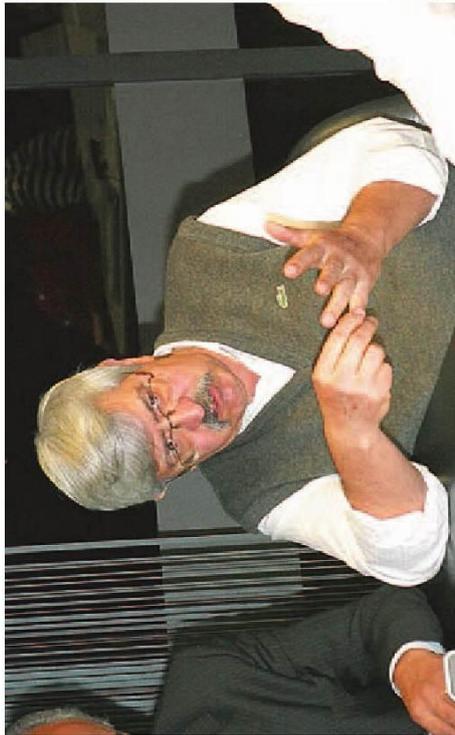
A Secretaria da Saúde (SES) informou, às 18h de ontem, que E.C.M., de 24 anos, morreu no dia 11 de agosto (terça-feira) em decorrência do vírus Influenza A (H1N1), que causa a chamada gripe suína. Ela faleceu às 12h45 de falência múltipla de órgãos e sepsis (infecção geral grave do organismo), na Santa Casa de Misericórdia. Esse é o primeiro óbito confirmado da doença em Sorocaba. A SES espera o resultado de outros dois óbitos suspeitos. Os exames, emitidos pelo Instituto Adolfo Lutz, ainda não foram divulgados.

Segundo a SES, E.C.M. estava grávida e ficou em um hospital de Pilar do Sul, onde teve parto cesáreo, no último dia 3. No dia 6, já em Sorocaba, começou a ter a sintomatologia (sintomas da gripe suína); internada na Santa

Casa, começou a tomar os medicamentos (inclusive o Tamiflu). A criança passa bem. "Dentro de todos os cuidados, a paciente teve a assistência médica necessária, mas veio a falecer. Tratava-se de uma paciente do grupo de risco", disse o titular da SES, Milton Palma.

"Sob controle"

Palma ratificou a informação da diretora da Vigilância Epidemiológica do município, Consuelo Matilde, que afirmou, na manhã de ontem, aos vereadores na Câmara, que os casos de gripe suína em Sorocaba estão "sob controle". Questionado pela reportagem sobre o que seria, então, situação de "descontrole", o secretário foi incisivo: "Quando não se tem vaga para internar paciente, acaba remédio, você não tem gente para cuidar dos pacientes... os três casos suspeitos de óbitos tiveram total assistência médica desde o início. Temos uma equipe totalmente responsável, capacitada. Nesses casos (os de gripe suína) o que mais funciona é a internação e a formação de nossas equipes, que estão totalmente capacitadas pa-



ALDO V. SILVA

O secretário Milton Palma confirma primeira morte a aguarda outros resultados

As grávidas são consideradas como "fatores de risco" ao vírus Influenza A (H1N1).

O monitoramento surgiu após pedido da vereadora Neusa Maldonado (PSDB), que havia sugerido, na terça-feira, o mapeamento "urgente" das gestantes trabalhadoras do funcionalismo público, assim como o atendimento temporários daquelas que trabalham na área

O prefeito em exercício, José Alilton Ribeiro, informou que o Paco tem, em média, 120 gestantes por ano no quadro dos servidores municipais. Ele frisou que a Prefeitura está fazendo um monitoramento temporários daquelas que trabalham na área

da saúde e educação. Na Câmara, as três funcionárias que estão grávidas ficarão afastadas do trabalho até o próximo dia 23.

Boletins

A partir de hoje, a SES passa a divulgar boletins duas vezes por semana, com os dados atualizados sobre a gripe causada pelo vírus Influenza A (H1N1) na cidade. Os boletins serão divulgados às terças e sextas-feiras.

Se houver confirmação oficial de óbito, por meio de resultado de exame, esta divulgação será feita independente do dia, por meio de nota enviada a toda a imprensa e disponibilizada no portal da Prefeitura: www.sorocaba.sp.gov.br.

O site é o canal oficial de divulgação de informações da Secretaria da SES a todos os interessados. No link "Gripe H1N1 Saiba tudo" estão disponíveis as notas oficiais, boletins com dados, orientações sobre prevenção e material informativo e publicitário sobre o tema. Também estão, nesse link, os materiais divulgados pela Secretaria de Estado da Saúde e pelo Centro de Vigilância Epidemiológica (CVE).

O Vale Paraibano publicou 29 notícias sobre óbitos. Neste universo, um diferencial foi a quantidade de matérias sobre óbitos suspeitos. As notícias foram sobre ocorrências em várias cidades da região onde o jornal circula e realiza cobertura jornalística. No dia primeiro de agosto, foi publicada a reportagem sobre a primeira morte em município vizinho: “Influenza A – Jacareí confirma 1ª morte por gripe suína da região”, à página 04. (Imagem 7)

Imagem 7 – Jacareí confirma 1ª morte por gripe suína da região

SAÚDE valeparaibano | SÁBADO, 1 DE AGOSTO DE 2009

Influenza A

Jacareí confirma 1ª morte por gripe suína da região

Vítima tinha 37 anos e estava grávida, um dos grupos de risco, segundo a OMS

Edmon Garcia
JACARÉ

Jacareí teve ontem a confirmação da primeira morte causada por gripe suína no Vale do Paraíba, que registra até agora 40 casos da doença.

A vítima, uma mulher de 37 anos, estava grávida de três meses e morreu no último dia 22, depois de passar cinco dias internada na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do Hospital Alvorada.

Segundo nota divulgada pela prefeitura no final da tarde, a vítima era casada e tinha outros dois filhos — uma criança de 7 e outra de 9 anos de idade.

Eles, o marido e todos os outros parentes e pessoas próximas foram acompanhados pela Vigilância Sanitária desde que surgiu a suspeita, mas nenhum deles manifestou a doença.

A confirmação do caso da primeira vítima do vírus Influenza A (H1N1) na região só foi possível após a realização de dois exames. O primeiro deles havia apontado pneumonia como causa. No entanto, o segundo laudo confirmou se tratar da ‘nova gripe’, como também está sendo chamada a doença.

Outros duas mortes ocorridas na região nos últimos dias ainda aguardam resultados dos exames para confirmação de gripe de suína — em ambos os casos, as vítimas eram crianças, uma de Carapicuíba e outra de Guaratinguetá. Os laudos devem sair em até 15 dias.

No Brasil, 74 pessoas já morreram em consequência das complicações da gripe suína. No Estado de São Paulo, até ontem, eram 57 vítimas fatais.

Grávidas, crianças e pessoas obessou com doenças como diabetes e paralisia cerebral fazem parte do grupo de maior risco, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) (leia textos nesta página e à página 5).

Entre os principais sintomas da gripe suína estão febre alta, dores musculares, dificuldades na respiração, entre outros (veja quadro à página 5).

VÍRUS - O diretor da Vigilância Sanitária de Jacareí, Ricardo Buchaul, disse ontem que as investigações preliminares apontam que a vítima contraiu o vírus no próprio município, e não em viagens ou em contato com pessoas que viajaram ao exterior. O padrão foi apontado para os primeiros casos que surgiram no Vale do Paraíba, mas, nos últimos dias, especialistas e secretários de saúde têm afirmado que há indícios de que o vírus já esteja em circulação na região.

No entanto, Buchaul garante que não motivo para pânico. “É lógico que ela contraiu a gripe de alguém, mas é cedo para afirmar que o vírus está circulando pela cidade.

Não há necessidade de pânico ou alarmismo, há sim necessidade de muito cuidado e prevenção. Medidas simples de higiene, como lavar as mãos, contam muito”, disse ele. ▶



NOVA GRUPE
Fachada do Hospital Alvorada, em Jacareí, onde morreu a primeira vítima de gripe suína no Vale do Paraíba.

Mapa da Gripe

Número de Casos	Cruzzeiro: 1
No Brasil: 74 óbitos	Caçapava: 1
No Estado: 37 óbitos	
No Vale: 1 óbito em 40 casos confirmados	
No Vale (casos confirmados)	
Itaúba: 14	
São José: 12	
Itrembé: 4	
Jacareí: 4	
Guaratinguetá: 2	
Piedade: 1	
Aparecida: 1	

Mortes sob investigação no Vale

Guará: menina de 7 anos na terça
Carapicuíba: menina na semana passada
* casos ainda aguardam resultado do exame

Fonte: prefeituras, Estado e Vigilâncias

EXAMES - O resultado do primeiro exame, que descartou a nova gripe, ficou pronto na terça-feira. Entretanto, segundo informou Buchaul, em alguns casos, dependendo das condições como foi feito e se restar alguma dúvida durante o manejo do material colhido, é comum a realização de um segundo teste — o mesmo procedimento seria adotado com outras doenças, como a dengue.

“Nos tivemos informação sobre a suspeita no dia da morte. Imediatamente, procuramos a família, mas ninguém apresentou qualquer indicio, qualquer sintoma que pudesse indicar a contaminação”, disse Buchaul.

Segundo um irmão da vítima, a família não quer comentar o assunto por ainda estar muito abalada. Ele disse apenas que também havia tomado conhecimento da confirmação de gripe suína ontem, assim como o restante da família.

O valeparaibano esteve ontem no Hospital Alvorada, onde a paciente foi internada no último dia 17 e morreu cinco dias depois. Na recepção, no setor de espera e no saguão do 1º andar, nenhum funcionário ou paciente usava máscaras. O hospital não quis comentar o caso ontem.

Em toda a região, o aumento de casos obrigou as prefeituras a adotarem medidas de prevenção durante esta semana. A principal delas foi a suspensão das aulas.

Leia mais à página 5

Fonte: Vale Paraibano, 01 de agosto de 2009.

Até publicar a notícia sobre o primeiro óbito confirmado oficialmente na cidade de São José dos Campos, o que só aconteceu em 15 de agosto, o Vale publicou mais de uma dezena de matérias sobre mortes, porém sempre com base em dados oficiais. As informações foram da região (01, 04, 05, 07, 09, 11, 13 e 14 de agosto) e também nacionais (dias 01, 11, 12 e 13). A prática de ampliar a abrangência da notícia também se deu quando o assunto era local. Na reportagem sobre o primeiro óbito da cidade sede, o Vale não deixou de contextualizar o tema de forma regional. O título da matéria publicada na página 04 do dia 15 de agosto foi: “Saúde Pública - S. José registra 1ª morte por gripe suína; já são 9 no Vale”. (Imagem 8)

Imagem 8 – S. José registra 1ª morte por gripe suína; já são 9 no Vale

SÁUDE valeparaibano | SÁBADO, 15 DE AGOSTO DE 2009

Saúde Pública

S. José registra 1ª morte por gripe suína; já são 9 no Vale

Mulher de 49 anos estava internada havia 10 dias e não resistiu ao Influenza A

Beatriz Rosa
São José dos Campos

A Secretária de Saúde de São José registrou anteontem a primeira morte na cidade provocada pela contaminação do vírus H1N1, causador da gripe A, popularmente conhecida como gripe suína.

De acordo com a Vigilância Epidemiológica, uma mulher de 49 anos morreu no último dia 13, às 20h05 em razão de complicações causadas pela Influenza A/H1N1 de origem suína.

A vítima que morava no Jardim Valparaíba, na zona leste de São José, estava internada desde o dia 3 de agosto no Hospital Policlín em São José. Dados da vigilância informaram que a vítima teve uma parada cardiorrespiratória decorrente do processo infeccioso, o que a levou à morte. De acordo com a secretária, a paciente fazia parte do grupo de risco por apresentar quadro de doença cardíaca e dispnéia. Ela também apresentou febre e dor no tórax.

A paciente foi submetida a radiografia de tórax, coleta de amostra para diagnóstico laboratorial de Influenza A e medicação. A informação sobre a presença do vírus foi confirmada pelo Instituto Adolfo Lutz no último dia 12.

Durante o tratamento, a paciente recebeu Tamiflu por cinco dias, conforme preconizado pelo Ministério da Saúde.

Procurado pelo **valeparaibano**, o Hospital Policlín informou que não tem autorização para divulgar prontuários médicos de pacientes.

Com a notificação do primeiro óbito em São José, a região contabiliza nove mortes confirmadas pela nova gripe (leia texto nesta página).

RISCO - O secretário de saúde de São José, Jorge Zarrur Júnior, disse que a morte da primeira paciente foi sentida, mas que ela não representa agravamento no quadro da doença em São José.

“O quadro está estável e começa a dar sinais de queda. Apesar dos casos de morte divulgados, o índice de mortalidade pelo H1N1 continua bem menor que o da gripe sazonal”.

Zarrur voltou a alertar as pessoas que fazem parte do grupo de risco, formado por gestantes, idosos, crianças com menos de dois anos e pessoas com históricos de doenças cardiovasculares e diabetes.

“A tendência é que o quadro melhore. A recomendação é que as pessoas do grupo de risco procurem a rede de cuidados social, principalmente as gestantes. As que trabalham em contato com o público devem ser renomeadas”.

QUADRO - São José registrou 17 casos confirmados da doença e monitora 35 casos suspeitos, seriam 23 na rede pública e 12 na particular. Na rede pública, são 20 pacientes internados no Hospital Municipal — 11 na ala pediátrica, 9 na ala adulto e dois na UTI (Unidade de Tratamento Intensivo). No Hospital de Clínicas Sul são três pacientes, sendo um bebê de seis meses.

O Mapa da Gripe Suína

Cidade	casos confirmados	casos suspeitos	Mortes confirmadas no Vale do Paraíba:
Taubaté	43	15	9
São José	17	35	
Guará	18	17	
Jacaré	14	23	
Pinda	9	80	
Tremembé	5	0	
Caçapava	4	61	2
Ilhabela	4	3	
Ubatuba	2	3	
Caraguá	2	52	121
Cruzeiro	1	0	
Aparecida	1	0	
São Sebastião	1	1	290

Total casos confirmados: 121
Total casos suspeitos: 290

Fonte: Secretarias e Departamentos de Saúde dos municípios

PRECAUÇÃO

A dona-de-casa Janete da Silva com os filhos na pediatria do Hospital Municipal, todos com máscaras para evitar risco de contágio pelo Influenza A (H1N1)

“O quadro está estável e começa a dar sinais de queda. Apesar dos casos de morte divulgados, o índice de mortalidade pelo H1N1 continua bem menor que o da gripe sazonal”

Dr. Jorge Zarrur Júnior
secretário de Saúde de São José

Região tem 290 casos suspeitos

São José dos Campos

Além de nove mortes e 121 casos confirmados, o Vale do Paraíba monitora 290 casos suspeitos de gripe suína. Também são aguardados os exames de dois pacientes que morreram na região com suspeita da doença.

Em Taubaté, cidade com maior número de casos confirmados — 43, sendo dois óbitos, 15 pessoas aguardam a chegada dos resultados de exames para a confirmação ou não da nova gripe.

De acordo com o Departamento de Saúde do município, todos os pacientes estão evoluindo bem ao tratamento.

Em Pindamonhangaba, são nove casos confirmados da gripe A e outros 80 estão sendo monitorados. De acordo com a Secretaria de Saúde da cidade, todos os pacientes que tiveram a doença confirmada passam bem e já saíram do período de isolamento. Entre os 80 casos suspeitos, cinco estão internados com complicações da doença — um idoso, uma gestante e três adultos.

Depois de Pinda, Caçapava e Caraguatubá são as cidades com maior número de casos suspeitos, com 61 e 52 casos, respectivamente.

Apesar dos números, as duas prefeituras disseram que a doença está controlada nos municípios.

São José monitora 34 casos suspeitos, sendo que 23 estão na rede pública e — 20 no Hospital Municipal e três no Hospital Clínicas Sul. Outros 11 casos suspeitos estão sendo tratados na rede particular da cidade.

A Secretária de Saúde de Jacaré monitora 23 casos suspeitos, Guaratinguetá, 17, Ilhabela e Ubatuba, 3, e São Sebastião, 1 caso suspeito.

MORTES SUSPEITAS - A secretarias de saúde de Ubatuba e de Guaratinguetá aguardam a chegada de exames para a confirmação de mortes suspeitas da doença em hospitais das duas cidades.

Quadros informativos com os números de óbitos foram publicados com frequência, complementando dados das reportagens e facilitando o acesso à informação pelo leitor, como o publicado no dia 15 de agosto (Imagem 9).

Imagem 9 – O Mapa da Gripe Suína

O Mapa da Gripe Suína		
Cidade	casos confirmados	casos suspeitos
Taubaté	43	15
São José	17	35
Guará	18	17
Jacareí	14	23
Pinda	9	80
Tremembé	5	0
Caçapava	4	61
Ilhabela	4	3
Ubatuba	2	3
Caraguá	2	52
Cruzeiro	1	0
Aparecida	1	0
São Sebastião	1	1

Mortes confirmadas no Vale do Paraíba: **9**

Mortes suspeitas que aguardam resultados de exames do Adolfo Lutz: **2**

Total casos confirmados: **121**

Total casos suspeitos: **290**

Fonte: Secretarias e Departamentos de Saúde dos municípios

Fonte: Vale Paraibano, 15 de agosto de 2009.

Durante todo o mês de agosto de 2009, o Diário da Região, de São José do Rio Preto, publicou sete notícias sobre óbitos, de um total de 51 unidades jornalísticas informativas, uma proporção de 13%. No dia 19 de agosto, o jornal deu destaque de manchete principal (Imagem 10) a uma reportagem sobre um óbito que teria ocorrido na cidade, informando que seria a segunda morte de São José do Rio Preto pela doença.

Imagem 10 – Mulher de Uberlândia é segundo caso de morte por gripe suína em Rio Preto

Mulher de Uberlândia é segundo caso de morte por gripe suína em Rio Preto

Mulher de 25 anos morreu no dia 11 de agosto no Hospital de Base e era portadora de linfoma, considerado um fator de risco para o desenvolvimento da doença. Primeira morte por gripe suína em Rio Preto, registrada no mês passado, foi de um morador de Turiúba que tinha problemas cardíacos. Além da mulher de Uberlândia, seis novos casos positivos foram confirmados ontem na região. Pág. 28

Fonte: Diário da Região, 19 de agosto de 2009.

Na página interna, a matéria foi publicada na página 2B, no caderno Cidades e o título utilizado foi “Saúde confirma 2ª morte por gripe suína”. (Imagem 11) A reportagem informa que a paciente era residente em Uberlândia e fazia tratamento oncológico na cidade. Apesar de o título não mencionar que a contagem de dois óbitos era em nível regional, a matéria contém a informação de que o primeiro óbito era de outra cidade e não de São José do Rio Preto: “Esta é a segunda morte provocada pelo H1N1 na região. O primeiro, mês passado, foi um homem de Turiúba, de 58 anos, que sofria de problema no coração”.

Imagem 11 – Saúde confirma 2ª morte por gripe suína

2B / Quarta-feira, 19 de agosto de 2009

CIDADES

DIÁRIO DA REGIÃO

■ VÍRUS H1N1 - Mulher de 25 anos, moradora de Uberlândia, morreu no dia 11 de agosto no HB; pacientes com sintomas serão monitorados por cartão

Saúde confirma 2ª morte por gripe suína

■ Outros seis casos positivos foram registrados na região de Rio Preto

Michelle Berti
michelle.berti@diarioregiao.com.br

Sete novos casos positivos de gripe suína foram confirmados ontem na região de Rio Preto. Entre as ocorrências, está a de uma mulher de Uberlândia-MG, de 25 anos, que morreu no dia 11 de agosto no Hospital de Base. Ela era portadora de linfoma, considerado um fator de risco para o desenvolvimento da doença.

Esta é a segunda morte provocada pelo H1N1 na região. O primeiro, mês passado, foi um homem de Turiúba, de 58 anos, que sofria de problema no coração. No Brasil, foram registrados 368 óbitos, 131 apenas no Estado de São Paulo. Os números foram divulgados ontem pelo Ministério da Saúde. Metade das pessoas que morreram apresentava fatores de risco, como gestação, problemas cardíacos ou imunodepressão.

Na região de Rio Preto, apesar das duas mortes confirmadas, a situação está sob controle, segundo os especialistas. A maioria dos pacientes contagiados pelo H1N1 apresentam sintomas leves e evoluíram bem. Apenas dois deles estão em estado grave na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do HB (ver quadro ao lado).

A Influenza A atingiu 31 pessoas na região. Dos sete casos confirmados ontem, dois são de Rio Preto. Trata-se de um homem e uma mulher, de 25 e 59 anos respectivamente. O homem viajou para Campinas e Ribeirão Preto pouco antes dos primeiros sintomas. A mulher não saiu da cidade.

Na região, foram diagnosticados som H1N1 um homem de 47 anos, morador de Onda Verde; uma mulher de 25 anos, de Nova Granada; um adolescente de 15 anos, de Pirangi e um homem de 22 anos, de Guapira, o único que permanece internado. Ele está na UTI do HB, mas passa bem.

Outros oito pessoas foram internadas na instituição entre a noite de segunda-feira e a tarde de ontem, com sintomas da doença, incluindo uma gestante de 17 semanas. Três pessoas permanecem hospitalizadas na Santa Casa de Votuporanga e outras cinco em Catanduva, nos hospitais Padre Albino e São Domingos.

Morte
A paciente de Uberlândia, que não teve o nome divulgado, deu entrada no HB no dia 6 de agosto. Ela fazia tratamento no setor de oncologia da instituição desde maio e ficou internada no setor de transplante de medula óssea. A possibilidade de contágio por H1N1 surgiu no decorrer da internação. “Pacientes imunodeprimidos, como é o caso dela, apresentam uma clínica pouco característica. A resposta do organismo já está muito comprometida”, explica a infectologista e coordenadora do núcleo de Vigilância Epidemiológica de Rio Preto, Maria Lúcia Salomão. “Quando foi considerada a hipótese de gripe suína, a paciente foi isolada no setor de transplante e se deu início ao tratamento, segundo o protocolo do Ministério da Saúde”.

Monitoramento
A Secretaria de Saúde de Rio Preto vai implantar, a partir de hoje, um cartão com orientação para pacientes que apresentam sintomas de gripe. O papel será distribuído pelos médicos ou enfermeiros e vai funcionar como uma espécie de prontuário móvel. Nele serão informados, por exemplo, dados como grau de liberdade e presença do paciente.

“Isso vai permitir o monitoramento da evolução do quadro do paciente, e facilitar uma intervenção no tratamento, caso necessário”, explica a coordenadora da Vigilância Epidemiológica de Rio Preto, Michela Dias Barcelos. O cartão também conterá informações para o paciente sobre como se prevenir da doença.

Foram impressos cerca de 50 mil cartões. Metade já foi disponibilizada para o serviço municipal de saúde e nos hospitais da cidade. “Os novos casos confirmados o que agente já esperava: o vírus está circulando e é preciso permanecer em alerta”, diz.



Pacientes de Rio Preto internados com suspeita de gripe suína

Paciente 1 - mulher de 25 anos, de Rio Preto. Está em isolamento na UTI de HB, evolui bem.	Paciente 5 - mulher de 22 anos, de Rio Preto. Está em quarto de isolamento e passa bem.
Paciente 2 - mulher de 21 anos, de Rio Preto. Está em quarto de isolamento do HB, passa bem.	Paciente 6 - mulher de 44 anos, de Rio Preto. Está em quarto de isolamento e passa bem.
Paciente 3 - mulher de 26 anos, de Rio Preto, gravida de portadora de hemoglobinopatia. Está em quarto de isolamento no HB e passa bem.	Paciente 7 - menina de 1 ano, de Rio Preto. Está em isolamento na Ala Pediátrica e passa bem.
Paciente 4 - mulher de 34 anos, de Rio Preto. Está em quarto de isolamento e passa bem.	Paciente 8 - criança de 8 anos, de Rio Preto, portadora de hemoglobinopatia. Está na UTI Pediátrica em estado grave.

Pacientes da região de Rio Preto internados com suspeita da doença

Paciente 1 - menino de 6 anos, de Pindorama. Está em isolamento na Ala Pediátrica e evolui bem.	Paciente 8 - adulto internado na Santa Casa de Votuporanga. Idade e sexo não informados. Passa bem.
Paciente 2 - menina de 7 meses, moradora de Rondonópolis e possui Cardiopatia Crônica. Está em quarto de isolamento e passa bem.	Pacientes 9, 10 e 11 - três pessoas estão internadas no Hospital São Domingos, em Catanduva. Idade e sexo não informados. Passam bem.
Paciente 3 - menino de 03 meses, de Planalto. Está em quarto de isolamento e passa bem.	Pacientes 12 e 13 - duas pessoas estão internadas no Hospital Padre Albino, em Catanduva. Idade e sexo não informados. Passam bem.
Paciente 4 - mulher de 56 anos, de Planalto, portadora de cardiopatia crônica. Está em isolamento e passa bem.	

Pacientes internados com confirmação da doença

Paciente 1 - homem de 26 anos, de Araçatuba, portador de obesidade. Internado em estado grave na UTI do HB.	Paciente 2 - homem de 22 anos, de Guapira. Está na UTI do HB e passa bem.
Paciente 5 - mulher de 26 anos, de Jaci. Está no quarto de isolamento e passa bem. Pacientes internados com confirmação de gripe suína.	
Paciente 6 - criança internada na Santa Casa de Votuporanga. Idade e sexo não informados. Passa bem.	
Paciente 7 - criança internada na Santa Casa de Votuporanga. Idade e sexo não informados. Passa bem.	

Escolas terão que repor aulas

As escolas da rede municipal de Rio Preto terão autonomia para reorganizar o calendário de aulas, atrasado em duas semanas em razão da gripe suína. A medida, definida pela Secretaria de Educação, foi publicada hoje no Diário Oficial do município. As instituições têm até o dia 28 de agosto para definir as alterações do calendário e encaminhar a proposta para a Secretaria. As mudanças devem ser discutidas com todos os funcionários e aprovada pelo Conselho Escolar.

De acordo com a resolução, será obrigatório para as instituições de ensino repor os 200 dias letivos. A pasta sugere que as aulas sejam repostas durante os finais de semana, feriados, pontos facultativos e recesso escolar, porém estabelecidos critérios que devem ser seguidos pelas unidades.

No caso do recesso, por exemplo, as aulas podem seguir até o dia 23 de dezembro, no máximo. Em relação aos finais de semana, a orientação é utilizar apenas dois sábados por mês, preferencialmente de forma alternada. É necessário garantir ao menos quatro horas de aulas. Para estudantes do período noturno (Educação de Jovens e Adultos), a reposição no fim de semana deve ser feita pela manhã.

As aulas na rede municipal de ensino foram retomadas na última segunda-feira. O adiamento foi determinado para tentar conter o avanço da gripe suína, que se espalha com facilidade entre as crianças. Na rede estadual o plano ainda não foi definido. (MB)

Fonte: Diário da Região, 19 de agosto de 2009.

Não ficou claro se os pacientes faleceram em São José, mas eram residentes em outras cidades contradizendo a chamada de primeira página e também o título de matéria interna. Quadros e mapas com os dados da gripe, incluindo os óbitos na região, foram publicados com frequência pelo Diário da Região, o que pode ter possibilitado ao leitor, melhores condições de acompanhar o andamento da doença.

Imagem 12 – Avanço da gripe suína na região



Fonte: Diário da Região, 07 de agosto de 2009.

A primeira morte de morador da cidade de Rio Preto também teve direito à manchete principal no Diário da Região. O caso foi noticiado no dia 27 de agosto, a partir de dados oficiais divulgados pela autoridade de saúde da cidade (Imagem 13).

Imagem 13 – Gripe suína mata rio-pretense

Gripe suína mata rio-pretense

Homem de 39 anos portador de cardiopatia crônica, hipertensão e diabetes é o primeiro rio-pretense a morrer vítima de gripe suína. Saúde já havia confirmado outras duas mortes pela doença em Rio Preto - um morador de Turiúba, de 58 anos, e uma mulher de Uberlândia, de 25 anos. Pag. 38

Fonte: Diário da Região, 27 de agosto de 2009.

Na página 3B, a notícia foi publicada com o título “Gripe suína causa 1º óbito de rio-pretense”. (Imagem 14)

Imagem 14 – Gripe suína causa 1º óbito de rio-pretense

■ H1N1 - Vítima é homem de 39 anos, que foi a óbito na segunda-feira; ele era portador de cardiopatia crônica, hipertensão, diabetes e tabagista, todos fatores de risco

Gripe suína causa 1º óbito de rio-pretense

■ Rio Preto já havia registrado duas mortes, mas de pacientes de fora

Michelle Berti
michelle.berti@diarioregiao.com.br

A Secretária de Saúde de Rio Preto confirmou ontem que o paciente de 39 anos, morto na segunda-feira, tinha gripe suína. É o primeiro óbito provocado pela doença entre moradores da cidade e a Vigilância Epidemiológica investiga se ele contraiu o vírus durante internação no Hospital de Base. O homem era portador de cardiopatia crônica, hipertensão, diabetes e tabagista, fatores que contribuem para o agravamento da doença.

Rio Preto já havia registrado outros dois óbitos, mas os pacientes residiam em outros municípios. O primeiro caso foi um morador de Turiúba, de 58 anos, cardiopata. O segundo, uma mulher de 25 anos, de Uberlândia-MG, com linfoma. Os terceiro e quarto casos que resultaram em morte foram confirmados esta semana. São dois homens de 47 anos, moradores de Barretos e Pereira Bar-



Michela Dias Barcelos: forma de contágio do paciente sob investigação

retos. Eles também apresentavam fatores de risco.

Outros cinco casos positivos da doença foram divulgados ontem, três deles em Rio Preto. Os atingidos são uma mulher de 20 anos, uma gestante de 21 e um homem de 44, internado em estado grave na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital Austa.

Em Ilha Solteira, um menino de 7 anos é o primeiro morador da cidade a desenvolver a doença. O resultado positivo foi confirmado na última sexta e divulgado apenas ontem pela Prefeitura. Em Estrela d'Oeste, uma mu-

lher de 22 anos contraiu a doença. Ela ficou internada na Santa Casa de Fernandópolis, mas já recebeu alta e passa bem.

No total, a região contabiliza 55 casos positivos de H1N1, sendo 24 apenas em Rio Preto e outros 11 oriundos de diferentes partes do Estado ou País, mas atendidos pela Vigilância local. Cinco óbitos foram confirmados. No Brasil, segundo boletim divulgado na noite de ontem pelo Ministério da Saúde, 557 pessoas morreram por influenza A. O Estado de São Paulo é o campeão de ocorrências, com 223 mortos.

óbitos

- Homem de 39 anos, morador de Rio Preto. Tinha diabetes, hipertensão, cardiopatia e era fumante.
- Homem de 47 anos, morador de Barretos. Tinha pneumopatia crônica e era fumante.
- Homem de 47 anos, morador de Pereira Barreto. Tinha cirrose e fazia tratamento contra leishmaniose.
- Mulher de 25 anos, moradora de Uberlândia. Tinha linfoma.
- Homem de 58 anos, morador de Turiúba. Tinha cardiopatia crônica.

Morte

O paciente de Rio Preto que morreu de gripe A foi internado no dia 9 de agosto na unidade comunitária do H.B. Após apresentar febre, ele foi considerado suspeito para H1N1 transferido para uma UTI de isolamento no dia 18, onde começou a ser tratado com Tamiflu, mas não resistiu.

A enfermeira da Vigilância

Epidemiológica de Rio Preto, Michela Dias Barcelos, explica que a forma de contágio do paciente pela doença está sendo investigada. “Ele tinha uma série de fatores de risco, e no caso de pacientes imunodeprimidos o vírus pode ficar incubado por uma semana ou mais. Ou seja, ele pode ter sido internado com o vírus”, diz. O período médio de incubação do vírus é de sete dias.

Outra hipótese, segundo ela, é a contaminação no hospital. “É um local de grande circulação, e por maior que sejam os cuidados, como a restrição de visitas, por exemplo, pode ter acontecido o contágio. Uma pessoa contaminada pode transmitir o vírus um dia antes dos primeiros sintomas e até sete dias depois do fim deles.”

A coordenadora do Núcleo de Vigilância Epidemiológica do H.B., Maria Lúcia Salomão, afirma que é difícil analisar o caso, especialmente pelos fatores de risco apresentados pelo paciente. “Ele foi internado devido à diabetes tipo 2. Na evolução do quadro, os médicos pensaram na gripe suína. Devido à doença pré-existente, a resposta do organismo fica mais comprometida e o período de incubação do vírus pode ser mais longo.”

Escolas terão vídeo sobre gripe

A Secretaria Estadual de Educação vai distribuir a todas as escolas da rede um DVD com orientações sobre a gripe suína. Chamado ‘Aula do saber’, o vídeo trará informações sobre o que é a doença e como agir preventivamente.

As informações são repassadas por médicos infectologistas que acompanham a evolução da gripe A no Instituto de Infectologia Emílio Ribas e na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, duas das principais instituições hospitalares da Capital.

Os especialistas são entrevistados pelo infectologista por David Uip. Os secretários estaduais de Educação e Saúde, Paulo Renato Souza e Luiz Roberto Barradas, também participam do vídeo.

O material ficará disponível no site da secretaria, no endereço www.educacao.sp.gov.br. Além do DVD, foram enviados às escolas cartazes e cartilhas com orientações sobre o H1N1. (MB)

Fonte: Diário da Região, 27 de agosto de 2009.

5.1 Espetacularização ou Serviço?

Durante o período analisado nesta pesquisa, pudemos observar que diversas publicações tencionavam seus enfoques para atingir outros objetivos que iam além do papel informativo da imprensa e da função do jornalista, esta conforme definição de Juarez Bahia: “A sua função, qualquer que seja o sistema político ou econômico, é fornecer informações que definam a realidade e facilitem a sua compreensão”. (BAHIA, 1990 – V.2, p. 12)

Impossível observar determinadas matérias com afirmações sem embasamento e conflitando com informações oficiais e não pensar se aquela notícia teve objetivo de criar espetáculo ou prestar serviço.

Ao usarmos os termos espetacularização e prestação de serviço como opostos em uma publicação jornalística ousamos propor uma classificação do conteúdo publicado pelos três jornais analisados durante a cobertura da pandemia da gripe causada pelo vírus A-H1N1 e mais do que isso, estimular uma reflexão sobre como foi essa cobertura na ocasião.

Para isso, nos referimos ao conceito definido por Guy Debord em *Sociedade do Espetáculo*, de 1967. Em 1992, dois anos antes de sua morte, o autor se manifestou a respeito da atualidade e relevância da obra original *La Société du spectacle*:

Uma teoria crítica como esta não se altera, pelo menos enquanto não forem destruídas as condições gerais do longo período histórico que ela foi a primeira a definir com precisão. Os acontecimentos que se seguiram a esse período só vieram corroborar e ilustrar a teoria do espetáculo. (DEBORD, 1997. p.9)

Vinte anos depois da declaração de Debord, consideramos que suas palavras e sua obra continuam atuais. Entre as várias provocações que o autor nos causa está a ideia de alienação recíproca entre espetáculo e realidade, alienação que é “essência e a base da sociedade existente”. A inquietação é a mesma justamente quando nos deparamos com a raiz do conceito de espetáculo que, para o autor, se apresenta em “toda vida das sociedades em que reinam as modernas condições de produção”.

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre desta escolha. (DEBORD, 1997. p.15)

Talvez esteja justificada aqui uma prática simples de ser observada no jornalismo atual. Temas negativos, como tragédias, catástrofes, crimes e a violência escancarada, em geral, dominam o noticiário seja na mídia impressa, falada, televisionada ou eletrônica. Portanto, se a espetacularização da notícia é imposta pelo modo de produção, ou seja, pelas empresas jornalísticas, qual seria a intencionalidade desta conduta? Para Debord, “o espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (Ibidem, p.17), mas esse caminho, que chega a algo ou que visa a uma chegada, é inevitável.

Enquanto intencionais na produção, a notícia e a abordagem que ela terá são determinantes para a audiência nas rádios e TVs e para a venda de jornais, o que reflete diretamente no interesse e na relação que o anunciante tem com as empresas de comunicação,

deixando evidente uma relação mercadológica da notícia, ou mais precisamente da linha editorial, com a sobrevivência ou simplesmente o lucro da empresa.

Em seus trabalhos, Jean Baudrillard aborda a homogeneização dos meios de comunicação de massa e denuncia que o avanço da técnica, ao invés de liberdade, trouxera o esvaziamento do vivido pelo espetáculo do consumo. Sobre a verdade dos meios de comunicação de massa, o autor afirma:

A sua função consiste em neutralizar o caráter vivido, único e de evento do mundo, para substituí-lo pelo universo múltiplo dos meios de comunicação de massa mutuamente homogêneos enquanto tais, significando-se e referindo-se reciprocamente uns aos outros. No fim das contas, tornam-se o conteúdo reciprocamente uns dos outros – tal é a mensagem “totalitária” da sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1995, p.130 in ROCHA, 2005, p. 124-125)

A partir desse conceito da mensagem totalitária de Baudrillard, segundo Rocha:

Os meios impõem, ao invés do significado, uma tautologia do significante e produzem “pseudo-acontecimentos”, não “a partir de uma experiência móvel, contraditória e real”, mas “como artefatos a partir dos elementos do código e da manipulação técnica do meio de comunicação” (Baudrillard, 1995:131). A crítica, portanto, deveria deslocar-se da análise dos conteúdos segundo o binômio verdade-falsidade, para a análise da forma: “A verdadeira realidade é abolida evolutivamente, em proveito da neo-realidade do modelo materializado pelo próprio meio de comunicação.” (ROCHA, 2005, p.125)

Conforme a autora,

O processamento de informações, as comunicações, as indústrias de conhecimento e atividades similares teriam tomado o lugar da produção como princípio estruturador da sociedade. O trabalho, por exemplo, seria agora mais um signo entre signos. É aí que Baudrillard se converte em um teórico pós-moderno, fortemente inclinado a um determinismo tecnológico. A simulação, lógica da reprodução nas sociedades pós-modernas, adquire para Baudrillard uma força que passa a reger inclusive o mercado, além da política, da cultura, das identidades. Em *Simulacres et simulation*, essa guinada se confirma quando o referente desaparece por completo: “a simulação não é a de [...] uma substância. Ela é a geração pelos modelos, de um real sem origem, nem realidade: hiper-real.” (BAUDRILLARD, 1981, p.56 in ROCHA, 2005, p. 125).

Em uma redação, onde os jornalistas trabalham diariamente tomando decisões sobre quais assuntos irão abordar e de que maneira irão tratá-los, vale considerar ainda que dependendo de como uma notícia é apresentada e das reações e reflexos que ela causar no público alvo, seja ele ouvinte, espectador ou leitor, poderá gerar outros temas e a continuidade do assunto no noticiário no dia seguinte ou nos dias seguintes, seria, portanto, a sobrevivência de assuntos de maneira prolongada na pauta.

E assim, a mídia, através de suas escolhas ou decisões de produção e mercado, participa da construção do imaginário da sociedade.

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir normas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Neste sentido – como construtora de imagens simbólicas – a mídia participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social. (GREGOLIN, 2003. p.97)

Pesquisando sobre o sensacionalismo no Esporte, CAMARGO (in GUIMARÃES, 2003, p.186), cita que “Rezende (1998) aponta que a espetacularização da informação já foi detectada há muito tempo, por inúmeros autores da área comunicacional, como Adorno, Barthes e Baudrillard.” Em uma entrevista feita com o jornalista esportivo Flávio Prado, Camargo coletou o seguinte depoimento que evidencia a forma de “observar” da mídia: “[...] me parece uma coisa meio que internacional, pelo que a gente vê por aí, quanto pior, melhor para o jornalismo. Essa era a máxima de Paulo Francis, era também a máxima do Washington Post. Estava escrito no jornal: Más notícias, boas notícias para nós...” (CAMARGO, in GUIMARÃES *et al*, 2003, p.187).

5.2 Ética jornalística e Ética da informação

Todo profissional deve trabalhar de acordo com uma ética que abrange a categoria. Essa ética é o conjunto de regras e valores que regem, regulamentam, balizam as práticas usadas no dia a dia de um determinado profissional.

Essa ética profissional deve ser parâmetro de um médico, do dentista, do político, do professor. Assim também ocorre com o jornalista dentro das redações que tem seu trabalho de produzir textos, entrevistar pessoas, analisar informações com base na ética jornalista e na ética da informação. Esse conjunto de práticas diárias, permeado pelos valores e regramentos existentes, podemos definir como Ethos.

Cornu (1998) diferencia a ética da informação da ética dos jornalistas. Segundo ele, a ética da informação “desdobra-se em uma ética dos meios de comunicação, cuja responsabilidade como organizações ultrapassa a soma das responsabilidades individuais dos jornalistas.” Em países de tradição liberal, defende Cornu (1998), é uma “tendência natural” a valorização da responsabilidade individual.

No que se refere à mídia, as teorias liberais assentam-se sobre o princípio do livre mercado da informação e das idéias, cujo objetivo é garantir o pluralismo como condição de emergência da verdade. Elas são fiéis ao ideal proclamado por John Milton em *Areopagítica* (1644): é preciso dar espaço ao livre embate das idéias, pois a verdade terminará encontrando seu caminho e vencendo o erro. De acordo com as concepções liberais, a liberdade de imprensa tende a assimilar-se à liberdade de expressão. (CORNU, 1998, p. 111)

Sobre responsabilidade, Bahia defende que:

Com o duplo papel que desempenha na sociedade moderna – como veículo de notícias e de opinião –, o jornalismo, de modo geral, não pode prescindir das responsabilidades éticas, dos deveres morais básicos que estão implícitos na natureza da comunicação social e que se exprimem pelas suas funções informativa e formativa. (BAHIA, 1990 V.1, p.222)

Cornu (1998) argumenta que o jornalista assume, então, o papel de representante do cidadão e, sob esta condição, deveria “fomentar o pluralismo por suas atividades de informação, análise e crítica.”

Em virtude dessa condição surge um sentido de desconfiança contra qualquer tipo de regulamentação ameaçando restringir a liberdade de expressão do jornalista e reduzir o pluralismo de opiniões. Esta desconfiança volta-se primeiramente às medidas que o Estado poderia tomar, embora possa se estender a toda forma de ética normativa estruturada e fiscalizada por órgãos profissionais. (Ibidem, p.112)

Corroborando desta ideia, Traquina (2005, vol.1, p.128) afirma que em uma democracia, os meios de comunicação têm o papel de “mercado de idéias”, em que “as diversas opiniões da sociedade podem ser ouvidas e discutidas”.

Cornu (1998) destaca a diferença entre liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Segundo ele, apesar do jornalista deter o papel de restituir a diversidade da informação e a riqueza dos pontos de vista, sinalizando assim a liberdade de expressão, é o dono do jornal que detém a liberdade de expressão, pois é ele que delega ao jornalista o acesso ao meio de comunicação.

Sobre o dono do jornal, Cornu afirma:

É este último quem realmente detém liberdade de imprensa, como resultante da liberdade de expressão e da livre iniciativa. O trabalho de representação e delegação acontece, todavia, num esquema de limitações que levam a duvidar da real capacidade de um jornalista de proceder de modo autônomo, na individualidade de sua consciência, ao equilíbrio entre liberdade e responsabilidade, como quer o pensamento liberal. A dificuldade deve, fundamentalmente, à confusão entre a liberdade de expressão compreendida como direito de cada pessoa individualmente e liberdade de imprensa entendida como o exercício de uma função pública. (Ibidem, p.120-121)

Essa visão, como apresenta Cornu atualmente, já não é mais a prática jornalística. É necessário reconhecer que, apesar de deter a patente de representante do cidadão e, com isso, ter o papel de fomentar o pluralismo de opiniões, o jornalismo praticado nos dias de hoje passa longe disso.

Ao contrário desse jornalismo com diversos pontos de vista, o que se vê é um jornalismo dicotomizado, em que todo e qualquer assunto ou fonte está ou de um lado ou de outro: como bandidos e mocinhos, os do bem e os do mal. Neste tipo de jornalismo são desconsiderados os argumentos contrários existentes para uma tomada de decisão, por exemplo, e a atitude é rotulada, classificada pelo jornalista como boa ou ruim, levando ao leitor uma análise superficial e errônea. Esse tipo de jornalismo acaba deixando de lado todo esse pluralismo existente na sociedade e embarca nessa prática maniqueísta.

A liberdade de imprensa se situa na junção de duas outras liberdades: a liberdade de expressão e a livre iniciativa. Ela é concebida em nome do cidadão, embora ela pertença de fato à imprensa como instituição e aos meios de comunicação enquanto organizações. Como agente independente desta liberdade instituída, a imprensa tem como função primordial na sociedade controlar os poderes do Estado (legislativo, executivo e judiciário) e contrabalançá-los conforme o princípio checks and balances. Ela é considerada um cão de guarda, cuja missão é sinalizar ao cidadão a ocorrência de eventuais abusos de poder. (CORNU, 1998, p.114)

Aqui está um problema presente. Pois, ao invés de prevenir contra eventuais abusos de poder, a mídia percebeu o seu próprio poder – o chamado quarto poder – e passou a ela própria abusar dele. A mídia deixou de lado a sua função que era a de ser um espaço aberto, um palco para a discussão das diferentes pontos de vista e diferentes opiniões, com o

objetivo de propor à sociedade uma discussão sincera de qual o melhor caminho, e passou a ditar o que é o melhor para si.

O pensamento liberal dá enfoque principal à relação entre indivíduo e Estado. O problema é principalmente ser livre frente ao Estado do que ser livre dentro do Estado. A liberdade “negativa” (assegurar a não ingerência em sua esfera de ação) predomina sobre a liberdade “positiva” (possibilidade de agir junto a vários outros, de conduzir uma ação em comum). (Ibidem, p.114)

Segundo Nassif (2003), a mídia brasileira, depois de vários anos calada por conta da ditadura militar, encontra na abertura política um espaço para a manifestação e, após conseguir provar o seu poder ao participar inexoravelmente no processo de impeachment de um presidente da República, passou a trabalhar não mais amparada nos conceitos éticos da profissão.

A campanha do impeachment foi um marco na história da imprensa no país. Trouxe ganho significativo para o processo de contraste social sobre o Estado, mas acarretou distorções. Ainda adolescente, a mídia ganhara força sem ter maturidade. Os ecos de Watergate estavam vivos na cabeça de cada jovem jornalista brasileiro, com o escândalo sendo manipulado politicamente. Agora, se tinha o quadro completo: um presidente arrogante, cercado de amigos e ações suspeitas e a certeza [...] de que o presidencialismo brasileiro era um tigre desdentado. (NASSIF, 2003, p. 17)

Ainda segundo Nassif,

Os anos 90 se constituíram em um período perigoso para o jornalismo. Abusou-se do chamado “esquentamento” da notícia, método que levou o jornalismo aos limites da ficção. Em nome do espetáculo atropelaram-se princípios básicos de direitos individuais, deixou-se de lado a objetividade e a isenção, abriu-se espaço para chantagistas, para dossiês falsos. Não raras vezes, levou-se o país à beira da desestabilização política. Centenas de vítimas ficaram pelo caminho. Casos Escola Base, Bar Bodega, Clínica Santé, Chico Lopes, em todos havia o mesmo estilo de jornalismo ansioso, impaciente, definindo linhas erradas de apuração não se preocupando com a verdade, atropelando a objetividade jornalística e os direitos individuais. Tudo em nome do show, da manchete de impacto, frequentemente vendendo um produto que a matéria não entregava (Ibidem, p. 3)

Fato é que, desde então, pouco mudou no jornalismo brasileiro. O quarto poder, apesar do surgimento e introdução das novas tecnologias na área midiática, continua dando pouca ou nenhuma atenção ao seu dever que é o de servir como amplo espaço para debate dos temas importantes para o país. Ao invés disso, o jornalismo aprendeu a transformar a notícia em espetáculo, em marketing, e lucrar com isso.

Neste contexto, as várias temáticas e editoriais também foram abarcadas por esse processo de fazer jornalismo surgido nas redações brasileiras a partir dos anos 1990. Independente do tema e sua relativa importância para a sociedade, a mídia tupiniquim passou a cometer abusos e publicar absurdos do ponto de vista técnico e ético.

Praticamente inexistente o conceito de relevância na matéria jornalística. Em qualquer cobertura de fato relevante, a tendência é de se realçar o imprevisto, a frase que pode gerar conflito, deflagrar a catarse em lugar de relatar a essência do assunto. Existe dificuldade enorme de se conferir tratamento analítico aos temas, de analisar ponto por ponto os diversos ângulos da questão, apresentar as versões conflitantes, inseri-lo em um contexto mais amplo, em suma, pensar de maneira moderna. Em geral, as análises são substituídas por opiniões quase sempre taxativas, quase nunca analíticas, que espelham muito mais as preferências do autor do que análises acuradas. Finalmente, a não ser nos seus aspectos mais pitorescos, as teses mais modernas encontram pouco espaço na mídia. (Ibidem, p.20)

Esse descompromisso com o fato jornalístico, como defende Nassif, a pouca importância dada àquilo que é oficial, ou seja, da informação vinda do Estado, conforme relata Cornu, levou esse tipo de jornalismo praticado a também atingir editoriais importantes como a divulgação de ciência e a editoria de saúde, conforme mostram as matérias analisadas neste trabalho.

Neste ponto, torna-se necessário abrir parênteses sobre a presença dos boatos na imprensa. Segundo Chaparro, o boato, inevitavelmente, relaciona-se com a atualidade, fazendo circular informações que interferem nela. Conforme o autor, o boato é ferramenta especializada e circula em todas as áreas de interesse jornalístico. (CHAPARRO, 1994, p. 63)

O boato motiva pautas, esconde ou expõe fatos, amplia ou reduz a dimensão dos acontecimentos, altera-lhes o significado, atrai ou repele a curiosidade dos repórteres, motiva ou inibe perguntas, direciona reportagens, gera ou elimina manchetes, produz desmentidos ou confirmações – e ao provocar tais efeitos (sinal de que interage eficazmente com a cultura dos meios), pode determinar ou modificar as intenções das mensagens jornalísticas, adequando-as aos interesses a que está vinculado. (Ibidem, p. 64)

Para Jean-Noël Kapferer,

O boato é, antes de mais nada, uma informação, pois traz elementos novos sobre uma pessoa ou um acontecimento ligados à atualidade. Dessa forma ele se distingue da lenda que, em geral, se refere a um fato passado. Em segundo lugar, o boato está destinado a ser aumentado. Não se espalha um boato com a única intenção de divertir ou de estimular a imaginação: nisso também ele se distingue das histórias engraçadas ou dos contos. O boato procura convencer. (KAPFERER, 1993, p. 5 in BARRICHELLO, p.4)

A interferência gerada pelo boato é o maior risco dessa prática, conforme o conceito de Kapferer comentado por Chaparro:

O boato exprime um fenômeno definido pela sua origem (não oficial), pelo seu processo (difusão em cadeia) e pelo seu conteúdo (é uma notícia, incide sobre um fato da atualidade). Estamos perante um 'boato puro' sempre que uma notícia que emana de uma fonte não oficial só transita de boca em boca, com um processo característico de difusão em cadeia e de forte propagação. Se os media difundem essa notícia - sem avisar que se trata de um boato - enobrecem-na: dão-lhe o estatuto de 'informação' e conferem-lhe, assim, as suas cartas de nobreza. O boato deixa de ser 'puro': passa a fazer parte da 'informação' e dos media. (CHAPARRO, 1994, p.65/66)

O questionamento ético surge tendo em vista a decisão do jornalista de dar espaço para o boato mesmo sabendo da sua condição de não oficial, o que demonstra a intencionalidade de provocar reações ou gerar algum tipo de intranquilidade a quem quer que seja. No campo da saúde pública, mais especificamente em um momento de pandemia em que a população precisava de informações e os órgãos oficiais precisavam de ajuda para orientar os cidadãos e tentar manter algum controle sobre os recursos disponíveis para atendimento, o artifício do boato torna-se ainda mais grave, uma vez que pode gerar risco à saúde das pessoas, superlotar serviços ou ainda comprometer a credibilidade do sistema e da informação pública, dos quais toda a sociedade depende em períodos epidêmicos.

Temas tão complexos e técnicos, conseqüentemente importantes para a informação e formação de um público analfabeto cientificamente, foram tratados com pouca ou nenhuma responsabilidade. O espaço que poderia ser usado para informar acabou se tornando palco para assustar, causar pânico e, com isso, vender jornal.

A experiência brasileira de comunicação para a saúde, apoiada na ação dos meios de comunicação de massa, esbarra ainda em alguns vícios e preconceitos. A mídia tem transformado o universo da doença (e sua cura) em um grande espetáculo, movido por lances mágicos ou sensacionais, onde prevalecem o mito da técnica onipotente, a ideologia da novidade e o conflito maniqueísta do bem contra o mal [...] Podemos definir a prática brasileira de comunicação para saúde a partir de uma série de parâmetros, como a descontextualização, a centralização do foco na doença, a visão preconceituosa das terapias e medicinas alternativas, a ideologia da tecnificação, a legitimação do discurso da competência e a espetacularização da cobertura na área médica, entre outros. (BUENO, 1996, p. 13-15 apud BERTOL, 2007, p. 24)

Epstein (2007) trata dessa diferença entre o Ethos do jornalista e o Ethos do cientista e pondera que os muitos erros técnicos ou éticos atribuídos a esta ou àquela publicação são, na verdade, diferentes formas de linguagem usadas por cientistas e jornalistas.

Após um excursão por conceitos de filosofia da ciência e teoria da informação, podemos concluir que as “culturas” ou os ethos dos jornalistas e dos cientistas podem avaliar diferentemente a aparição de “novidades”. Em consequência, um comportamento do jornalista pode ser considerado sensacionalista pelo cientista que introduz um componente conjuntural eticamente negativo. Às vezes os obstáculos ou as incompreensões que podem ocorrer na passagem da comunicação científica para a divulgação, e que são atribuídos a falhas técnicas ou mesmo éticas dos atores, são em verdade mais bem compreendidas como incongruências entre os mencionados “jogos de linguagem” da prática da ciência e do jornalismo. Isto, todavia, não deve ser generalizado, devendo cada caso ser avaliado separadamente. (EPSTEIN, 2007, p. 177)

Essa ponderação de Epstein nos alerta para mais este possível ruído no processo de comunicação: a diferença entre linguagens de um e outro agente. Com mais esse cuidado, neste próximo capítulo, lançamos nosso olhar para o conteúdo analisado e as ponderações feitas pelos teóricos e chegamos às conclusões deste trabalho de pesquisa.

6 CONCLUSÃO

Com a análise do material divulgado em cada um dos jornais pesquisados e o estudo comparativo sobre a cobertura que realizaram sobre a gripe A-H1N1, podemos concluir que as temáticas de controle e alastramento da doença predominaram nos três periódicos estudados. A maior parte das informações publicadas sobre a gripe pandêmica de 2009 teve como tema a chamada contenção da doença, abordando medidas de controle recomendadas ou adotadas por órgãos públicos ou instituições privadas ou mesmo pela sociedade em geral. Apesar de parecer otimista do ponto de vista da prestação de serviço, o maior número de unidades jornalísticas abordando medidas de controle não foi um passaporte garantido quanto à orientação prestada ao leitor que precisava saber como se proteger de uma nova doença que avançava pelo mundo.

As unidades jornalísticas cujos assuntos foram classificados como relacionados à Contenção não foram necessariamente orientativas ao leitor, pois a abordagem também estava relacionada ao risco da doença ou, por exemplo, à discussão sobre prolongar ou não as férias escolares como medida de prevenção.

Esse debate sobre as recomendações para as escolas e as condutas e opiniões de gestores, educadores, demais autoridades e os pais dos alunos, foi abordado nos três jornais pesquisados. O Vale Paraibano e no Cruzeiro do Sul, justamente os jornais que mais publicaram notícias sobre a Contenção, foram os que mais deram espaço para notícias sobre o impasse da volta às aulas, especialmente na primeira quinzena de agosto. Em algumas unidades, a gripe foi apenas mencionada discretamente no texto, enquanto o foco da notícia era a disputa de autoridade ou a falta de consenso entre as redes municipais, estaduais e as escolas privadas sobre qual a melhor data para as crianças voltarem às escolas.

Já o jornal Diário da Região foi o único que deu preferência para a cobertura sobre o Alastramento da gripe, tema encontrado em 50% do conteúdo publicado. Com uma quantidade menor de notícias em comparação com os outros dois matutinos pesquisados, o jornal de São José do Rio Preto publicou quase que diariamente um acompanhamento dos casos da doença não apenas na cidade, como também na região. O mapa localizava os casos e dava também informações de pacientes internados, como idade, sintomas e quadro clínico, com conteúdo extenso e de difícil acompanhamento mesmo para o leitor mais atento.

A publicação de quadros informativos para o acompanhamento dos casos da doença também foi uma prática adotada pelo Vale Paraibano, mas em proporção menor. Entre os jornais pesquisados, o veículo de São José dos Campos foi o que mais utilizou quadros e

tabelas com informações educativas sobre comportamentos preventivos, como higiene das mãos.

Em contrapartida, o jornal *Cruzeiro do Sul* foi o veículo que menos utilizou a ilustração por meio de quadros, tabelas e infográficos para complementar suas reportagens sobre a gripe, e também foi o jornal que menos deu algum tipo de ênfase a orientações sobre prevenção.

Depois dos temas relacionados à Contenção e ao Alastramento da gripe, o jornal sorocabano foi o único entre os pesquisados a dedicar mais de 10% da cobertura a denúncias e situações sobre medo e insegurança da população, chegando a questionar ou a colocar em dúvida a credibilidade dos órgãos oficiais responsáveis pelas informações e pela orientação da população. Ao longo do mês, 17% de todo o conteúdo publicado sobre a gripe foi sobre assuntos dessa natureza. No balanço geral, a conduta do *Cruzeiro do Sul* foi a que mais pesou colocando o tema de Denúncia como o terceiro mais comum.

O Background médico-científico foi o quarto tema mais adotado pelos jornais, sendo que a prática de procurar especialista ou pesquisador para dar informações ou um aprofundamento diferenciado sobre questões relacionadas à gripe foi uma prática pouco adotada pelos jornais. O mesmo foi observado sobre a Personalização, com a abordagem sobre o drama ou a vivência das pessoas em relação à gripe, condição que talvez tenha sido baseada em uma outra escolha editorial dos três jornais, que utilizaram depoimentos e entrevistas com personagens em menos de 20% das publicações, deixando de dar voz ao cidadão para que contasse suas impressões ou suas histórias.

Conhecer a distribuição do conteúdo publicado entre os gêneros informativo e opinativo foi importante não apenas para a classificação das unidades como também para uma análise sobre a possível relação entre a opinião expressada pelos jornais e as manifestações dos leitores. Conforme Bahia, “Mais noticioso e menos opinativo, mais opinativo e menos noticioso, o jornalismo não perde a condição de instrumento de ação política.” (BAHIA, 1990 V.1, p. 236)

Ainda para o autor,

A opinião pública – e ainda que só o público – se orienta, muitas vezes decide e quase sempre raciocina, não pelas coisas em si mesmas, mas pelas feições que lhes damos, pelas imagens que os veículos de comunicação lhes atribuem. (Ibidem, p. 222)

O conteúdo opinativo foi mais presente no jornal *Cruzeiro do Sul* que publicou três editoriais sobre a gripe em 31 dias. Um dos textos criticava os órgãos de saúde em relação às informações divulgadas, medidas recomendadas à população e serviços prestados. Os outros dois estavam relacionados à polêmica da volta às aulas sendo que, em um deles, os gestores de escolas públicas e particulares foram elogiados por adiar a volta às aulas como medida preventiva, citando diretamente neste contexto positivo a direção do “Colégio Politécnico – *Cruzeiro do Sul - FUA*”, do mesmo grupo que mantém o jornal.

Para Marques de Melo (1994, p.95), “Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento.” O que nos faz inferir que, dentre os três jornais pesquisados para este trabalho, o *Cruzeiro do Sul* foi único a considerar a evolução da gripe como fato de maior repercussão durante aquele período pesquisado. Apesar de o mesmo assunto (volta às aulas) estar presente nos três jornais estudados, *Vale Paraibano* e *Diário da Região* optaram por abordar essa situação apenas por meio de reportagens, ou outros formatos dados ao noticiário. Apenas o *Cruzeiro*, levou para o espaço da opinião institucional a abordagem do prolongamento das férias em duas ocasiões, com menos de quinze dias entre uma e outra. Não passa despercebida a citação de um colégio mantido pela mesma fundação ligada ao jornal e que pode ter influenciado a escolha e a abordagem adotada.

Para esta inferência, recorreremos novamente a Marques de Melo:

Precisando o conceito de editorial, diz Raúl Rivadeneira Prada que, ao lhe atribuir o sentido de “opinião da empresa”, torna-se indispensável caracterizar as “relações de propriedade” da instituição jornalística. Pois nas sociedades capitalistas o editorial reflete não exatamente a opinião dos seus proprietários nominais mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização. (MARQUES DE MELO, 1994, p.96)

Mais adiante, o autor acrescenta:

Mas se o editorial expressa essa opinião das forças que mantém a instituição jornalística, torna-se necessário indagar para quem se dirige em sua argumentação. A resposta poderia ser tranquila: a opinião contida no editorial constitui um indicador que pretende orientar a opinião pública. Assim sendo, o editorial se dirige à coletividade. (Ibidem. 1994. p.96)

Ainda no campo do jornalismo opinativo, verificamos que todas as onze cartas de leitores publicadas pelos jornais eram de conteúdo crítico, reclamações e também sobre a falta de esclarecimentos sobre a doença. Verificamos ainda que os dois jornais que publicaram

cartas de leitores sobre a gripe foram os periódicos de Sorocaba (com 7 cartas) e São José do Rio Preto (que somou 4 cartas), justamente os veículos que, de acordo com a classificação temática do conteúdo veiculado, deram mais espaço para as unidades sobre denúncias, medo e situações de insegurança.

Neste ponto recorreremos à teoria do agendamento no que se refere à maneira como as agendas noticiosas de atributos influenciam a agenda pública, na chamada “segunda dimensão do agendamento” (MCCOMBS, 2009, p.114). Para o autor:

A saliência dos assuntos, que tem sido o centro da atenção tradicional da Teoria da Agenda, pode também ser ampliada à segunda dimensão. Assuntos públicos, como todos os outros objetos, têm atributos. Alguns aspectos dos assuntos, ou seja, alguns atributos são enfatizados nas notícias e sobre como as pessoas pensam e falam sobre estes temas. (Ibidem. p.124)

Sobre os efeitos provocados, Hohlfeldt acrescenta:

Dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por inclui-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social.” (HOHLFELDT, 2001. p 191)

Diante do apresentado e das contribuições desses autores, consideramos que a publicação dos editoriais pelo jornal pode não ter interferido apenas na decisão do leitor se manifestar, como também pode ter influenciado a opinião que o leitor emitiu acerca do assunto gripe.

Ao fazer a leitura flutuante e, posteriormente, a leitura em profundidade de todas as unidades publicadas sobre a gripe nos três jornais, observamos, ainda, que não houve a prática da cobertura regional em um único veículo. Enquanto dois dos jornais pesquisados, focaram a cobertura da gripe no contexto das suas respectivas áreas de abrangência, inclusive com o levantamento diário de casos e óbitos da doença, por exemplo, o conteúdo pesquisado demonstrou que essa não foi a mesma conduta do terceiro veículo.

Em época de globalização e de tecnologia avançada que permite o acesso rápido a notícias de todo o mundo, fica fortalecida a importância dos jornais do interior trabalharem esta relação entre as cidades do entorno, proporcionando ao leitor ou ao cidadão conhecer o que está se passando na região. Se a condição demográfica aponta Sorocaba como a mais populosa das três cidades onde estão instalados os jornais pesquisados, essa condição de “cidade grande”, não deve ser o argumento para que o seu jornal centenário deixe de exercer o

jornalismo regional. Tal atitude representaria uma perda não apenas do ponto de vista da comunicação com o leitor, pelo acesso às informações da região onde ele vive, mas também no que se refere à tendência do desenvolvimento regional, que tem atraído cada vez mais adeptos entre gestores públicos, pesquisadores e investidores dando foco à valorização dessas regiões o que está totalmente ligado também ao contexto de saúde.

Dentre todas as considerações sobre conteúdos e apurações, a abordagem da morte ganhou destaque por ser o foco principal de 22% das unidades publicadas. De acordo com Fausto Neto (1991 apud NEGRINI. 2010. p. 169)

A morte faz parte da pauta cotidiana dos meios de comunicação. O tratamento do tema se dá de acordo com normas editoriais e com características singulares do sujeito em relação ao esquema-padrão do veículo de comunicação. Assim, como na rotina das mídias são evidenciadas diferentes mortes, o tratamento dado a elas está relacionado com a posição que o morto ocupa no sistema social.

Em plena pandemia de gripe A-H1N1, em que toda a humanidade estava vulnerável ao novo e agressivo tipo de vírus circulante, a posição do morto no sistema social deixou de ser relevante para determinar o tratamento dado às notícias. O que foi predominante no material pesquisado foi a contagem de óbitos e não a história de vida das pessoas vitimadas.

Com esta prática de atualização diária dos números referentes a casos suspeitos, confirmados, descartados e óbitos nessas mesmas categorias, até o leitor mais atento ou mais assíduo, como um assinante que recebe o jornal todos os dias e tem a chance de acompanhar a evolução dos fatos a partir da publicação, pode ter tido esse acompanhamento prejudicado por tantos números. Situação ainda mais complicada quando as notícias apresentam contradições e desencontros de informações sobre a origem do óbito, como ocorreu.

Quando os dados utilizados nas matérias sobre óbitos não foram baseados exclusivamente em informações oficiais, divulgadas pelas autoridades de saúde, acompanhar o que estava acontecendo se tornou uma tarefa ainda mais difícil ao leitor. As notícias sobre óbitos baseadas em informações de especulação, como boatos, dados ou documentos de fontes não identificadas, não tiveram outro desdobramento se não a propagação do assunto enquanto espetáculo, gerando mais e mais material para ser repercutido a cada dia, fatos e dados para serem explicados pelas fontes oficiais.

Um dos questionamentos iniciais deste trabalho, a possibilidade da mídia impressa interiorana ter se dedicado mais à divulgação sobre o avanço da gripe do que à publicação de conteúdos de prevenção não foi evidenciada pelos estudos realizados.

Mas se a classificação temática demonstrou que o conteúdo mais divulgado não foi o avanço dos casos, mas sim as medidas de controle da gripe - o que não necessariamente abordou prevenção, conforme já exposto - por outro lado, ao aferir a ocorrência de algum tipo de ênfase às informações sobre prevenção nas unidades publicadas, o estudo evidenciou que as orientações sobre prevenção estavam sim presentes nos jornais, embora não como tema geral da notícia, mas por meio de algum tipo de destaque, em 25,7% das unidades publicadas.

Quanto à hipótese elaborada de que, ao invés de informar, a mídia impressa interiorana acabou contribuindo com o pânico na sociedade durante o período da pandemia, podemos concluir que se confirmou. Para tanto, consideramos as evidências sobre a espetacularização da notícia, a publicação massiva de números de casos e mortes, a presença de informações contraditórias e desencontradas em títulos e textos das notícias. Além desses argumentos, também foi decisiva para a confirmação desta hipótese a manifestação dos leitores sobre medo e insegurança, presente em dois dos três jornais pesquisados.

Impossível não fazermos uma reflexão sobre a atitude da imprensa em exercer um papel sensacionalista e causar pânico naquele momento em que sociedade e classe médica especializada ainda tinham dúvidas de como agir, pelo simples fato de que a gripe A-H1N1 representava uma nova doença sem protocolos definidos e precisavam de prudência para poder tomar decisões acertadas. Ao provocar uma corrida de pessoas com gripe comum ou com sintomas semelhantes às Unidades de Saúde, com o suggestionamento de que tinham de buscar ajuda para garantir que não ficariam desamparadas, a imprensa colocou em risco a vida das pessoas realmente doentes com a A-H1N1 e das não doentes. No primeiro caso, com a superlotação dos locais médicos, os reais portadores da gripe A-H1N1 tiveram que ficar na fila de espera e, conseqüentemente, um atendimento mais demorado do que seria caso o sistema não estivesse sobrecarregado. No segundo caso, por colocar os não doentes expostos nos mesmos locais onde os portadores da gripe A-H1N1 estavam, ampliando assim a possibilidade de transmissão e aumento do número de casos.

Antes de concluir, é necessário sugerir que estudos sejam feitos sobre as editorializações das matérias durante esse período. A realização de um comparativo sobre o que os órgãos oficiais informaram às redações e o que foi publicado pelos meios de comunicação poderia enriquecer ainda mais as análises já existentes sobre aquele período da gripe e proporcionar uma reflexão às redações jornalísticas sobre seus métodos de trabalho e sobre sua função social em casos de saúde pública como esse ocorrido da gripe A-H1N1 em 2009.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra S/A. 2002.

ALVAREZ, Adriana et al. **A gripe de longe e de perto: comparações entre as pandemias de 1918 e 2009**. História, ciências, Saúde – Manguinhos. Disponível em: www.scielo.br/pdf/hcsm/2009nahead/aop0109.pdf. (Acesso em: 01 agosto de 2012)

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica 1 – História da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Jornal, história e técnica 2 – As técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRICHELLO, E.M da R.; POZZOBON, C. de M.; RIBEIRO, M.B. Comunicação Informal e cultura organizacional. **Revista Comunicação Organizacional**. Porto Alegre: PUC-RS. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/geacor/article/viewFile/1295/1000>. Acesso em: 16 ago. 2012.

BERTOL, S.R.S. & SEBBEN, V.H.F., **Mensagens de saúde na mídia local e estadual: estudo comparado**. In X CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, Blumenau, SC, Intercom, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2694-1.pdf> Acesso em: 01 de agosto de 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.” **Em Tese, revista eletrônica dos pós-graduandos de Sociologia política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80, 2005. Disponível em: http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf Acesso em: 02 de agosto de 2012.

BUENO, Wilson. A cobertura de saúde na mídia brasileira: os sintomas de uma doença anunciada. In: **Mídia e Saúde**. São Paulo: UNESCO/UMESP/FAI, 2001. Disponível em: http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_saude/artigo3.php Acesso em: 20 de julho de 2012.

_____, **Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira**. São Paulo: Plêiade, Amparo, Unimed, 1996.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. São Paulo: Forense Universitária, 1990.

CAVALCANTI, Filho J. P.; **Informação e Poder**. São Paulo: Record, 1994.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CONCEIÇÃO, Evandro. FILHO, Nemézio. **This is it: O Espetáculo e a Indústria Cultural na MORTE de Michael**. In XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, Intercom, 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0211-1.pdf>> Acesso em 17 de julho de 2012.

CONTRERA, Malena S. **Mídia e Pânico – Saturação da Informação, Violência e Crise Cultural na Mídia**. São Paulo: Anablume – Fapesp, 2002.

CORNU, Daniel. **Ética da Informação**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.

EPSTEIN, Isaac. Comunicação e Saúde. In **Comunicação & Sociedade**/Programa de Pós Graduação em Comunicação Social; Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000: 159-186.

_____. Quando um fato se transforma em notícia no jornalismo e na ciência. In **Revista Comunicação e Sociedade**/Programa de Pós Graduação em Comunicação Social; Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: Umesp, 2007: 159-179.

FRANCO, Natália; GUIMARÃES, Bruno; TOREZANI, Julianna. **A notícia como espetáculo: Estudo de caso da morte de Isabela Nardoni**. In: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Caxias do Sul, RS, Intercom, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2702-1.pdf>> Acesso em 17 de julho de 2012)

GREGOLIN, Maria do Rosário. A mídia e a espetacularização da cultura. In: _____. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

_____. O acontecimento discursivo na Mídia: Metáfora de uma breve história do tempo. In _____. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

GUIMARÃES, Eduardo (Org). **Produção e Circulação do Conhecimento – Política, Ciência, Divulgação**. Campinas, Ponte Editora, 2003.

Informe epidemiológico influenza pandêmica H1N1 2009 - Abril, 2010. **BEPA, Bol. epidemiol. paul. (Online)**, São Paulo, v. 7, n. 76, abr. 2010. Disponível em <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-42722010000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 de agosto de 2012.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; FIGUEIREDO, Regina. Comunicação em Saúde e Discurso do Sujeito Coletivo. In: **Boletim do Instituto Saúde –**

BIS, v.12, nº 1, Abril 2010. Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. São Paulo: Estação das Artes, 2010.

LUIZ, O.C. **Risco epidemiológico nos jornais diários**. 2003. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasiliانا/media/Risco%20epidemiologico%20nos%20jornais%20diarios%20-%20Olinda%20do%20Carmo%20Luiz%20.pdf>> Acesso: 01 maio 2012.

MANLIVERNI, Cláudia. **Epidemia midiática: um Estudo sobre a Construção de Sentidos na Cobertura da Folha de S. Paulo sobre a Febre Amarela no Verão 2007-2008**. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Programa de Pós-graduação em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores. 2000.

_____. **O capital da notícia – Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza**. São Paulo: Ática. 1986.

MARQUES DA SILVA, Marcel Stefano Tavares. **Mapeamento e análise da C&T na mídia impressa filiada à Associação Paulista de Jornais (APJ): tendências evidenciadas em 15 jornais diários regionais**. 2011. 285 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural – Programa de Pós Graduação: Divulgação Científica e Cultural), Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

MARQUES DE MELO, José. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

MARTINS, Viviane Sales et al. **“A gente não quer só informação, a gente quer ironia, drama e espetáculo”: Infotainment na revista Veja**. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, Goiânia, GO, Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0263-1.pdf>> Acesso em: 17 de julho de 2012.

MASSARANI, Luísa. **Desafios da Divulgação Científica na América Latina**. Guia eletrônico de Comunicação em Ciência. Rio de Janeiro: SciDev.Net. 2004. Disponível em: <<http://www.scidev.net/po/editoriais/desafios-da-divulgao-cientifica-na-amrica-latin.html#>> Acesso em: 06 de abril de 2012.

MEDEIROS, Flávia N. S.; MASSARANI, Luísa. A cobertura da gripe A (H1N1) 2009 pelo Fantástico. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação - Intercom**. v. 34, n.1, jan./jun. 2011, p. 41-59, São Paulo: Intercom, 2010.

MEDEIROS, T.C. C. V.; SILVA, L.M. **Gripe A H1N1 e Mídia Online: Um Estudo de Caso**. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Curitiba, PR, Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1305-1.pdf>> Acesso em: 25 de julho de 2012.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas para vozes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 15ª reimpr. Da 1ª ed. De 1969. São Paulo: Cultrix, 2007.

NASSIF, Luis. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura, 2003.

PATARRA, Judith et al. In: **A imprensa em questão**. Dines, A. Vogt, Carlos. Marques de Melo, José. (ORGs), Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997, p.73.

REIS, Devani Salomão de Moura. Comunicação em Saúde: Variáveis que interferem na recepção da mensagem. In: **Boletim do Instituto Saúde – BIS**, v.12, nº 1, Abril 2010. Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. São Paulo: Estação das Artes, 2010.

REY, Luiz Roberto Saviani. **Jornal Impresso e Pós-Modernidade - O Projeto Ruth Clark e a Espetacularização da Notícia**. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Santos, SP, Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1272-1.pdf>> Acesso: 17 de julho de 2012.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. Do “mito” ao “simulacro”: a crítica da mídia, de Barthes a Baudrillard. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 10, p. 117-128, dez. 2005.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. A importância da alfabetização científica. **Revista UnespCiência**. São Paulo, Número 29, ano 3, p.50, Abril, 2012.

SOUZA, Diego Almeida de. **Uma perspectiva analítica da Mídia Brasileira tendo em vista os princípios éticos do jornalismo**. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE – Campina Grande, PB, Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1470-1.pdf>> Acesso em: 17 de julho de 2012.

STRALIOTTO, Ariadna; MUNEIRO, Lilian. **A atuação da Folha Online e do G1 na cobertura jornalística da influenza A (H1N1)**. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, Londrina, PR, Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0384-1.pdf>> Acesso em: 17 de julho de 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume I: Porque as notícias são como são**. 2ª. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo – Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ª. Florianópolis: Insular, 2005.

VOGT, Carlos e POLINO, Carmelo. **Percepção Pública da Ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai**. Campinas, SP: Editora Unicamp, Fapesp, 2003.

WOLF, Mario. **Teorias da Comunicação – Mass Media – conceitos e paradigmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANEXOS

ANEXO A – Brasil descarta casos de gripe suína

27/04/2009 - 12h11

Brasil descarta casos de gripe suína; veja mapa da doença no mundo

da **Folha Online**

O vírus influenza A da gripe suína já matou várias pessoas no México e registrou casos de infecção nos Estados Unidos, no Canadá e na Espanha. A Organização Mundial da Saúde (OMS) acompanha com cautela o surto da doença e alerta para os riscos de uma pandemia --uma epidemia generalizada que pode atingir vários países.

No Brasil, gabinete criado pelo governo federal contra a gripe suína divulgou nota neste domingo na qual descarta evidências de circulação do vírus no país. (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u556807.shtml>) (acessado em 05/02/2012)

28/04/2009 - 17h11

Gripe suína chega a sete países; Brasil monitora 20 casos suspeitos

colaboração para a **Folha Online**

O número de países atingidos pela gripe suína chegou a sete nesta terça-feira, com a confirmação de casos na Nova Zelândia e em Israel. Somados aos casos confirmados no México, Estados Unidos, Reino Unido, Canadá e Espanha, os registros da infecção atingem cerca de cem pessoas em quatro continentes. Houve mortes relacionadas à doença --22-- apenas no México. No Brasil, 20 pessoas são monitoradas com sintomas da doença, mas não há casos confirmados. (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u557482.shtml>) (acessado em 05/02/2012)

ANEXO B – Página A7 – Cruzeiro do Sul

Cruzeiro do Sul

CIDADES

SOROCABA • QUINTA-FEIRA • 20 DE AGOSTO DE 2009

A7

Médicos evitam greve por causa da epidemia

O Sindicato dos Médicos de Sorocaba e Região (Simesul), em assembleia realizada na noite de ontem, rejeitou a proposta oferecida pela Prefeitura de R\$ 32,85 por hora trabalhada para a jornada de 24h/dia. A greve só não foi decretada novamente ontem, segundo o presidente do Simesul, Antônio Sérgio Ismael, em respeito a população por causa da pandemia da gripe suína, causada pelo vírus Influenza A (H1N1). A reunião ocorreu no auditório do Hospital Psiquiátrico Jardim das Acácias.



O Sindicato dos Médicos rejeitaram a proposta da Prefeitura de Sorocaba, o ressarcimento de uma matéria paga da prefeitura de Sorocaba veiculada na imprensa. Ismael citou que o material traz fatos que não são verdadeiros e foram pagos com dinheiro público. O sindicato fez questão de enfatizar que continua aberto a negociação até setembro, quando novamente será levado à votação, em assembleia, a paralisação dos médicos. (Wilson Gonçalves/Vitória)



Votorantim tem a terceira morte confirmada e conta com onze pessoas com a doença.

Votorantim confirma 3ª morte por gripe suína

Guatavo Ferrari
A Seção de Vigilância Epidemiológica (VE) do Departamento Municipal de Saúde Coletiva de Votorantim confirmou, ontem pela manhã, a morte de mais uma pessoa em decorrência do vírus Influenza A (H1N1). O **Cruzeiro do Sul** apurou que A.F.P., de 37 anos, estava internada no Hospital Municipal "Dr. Lauro Roberto Fogaça", com os sintomas da gripe suína. O resultado positivo da paciente foi confirmado pelo Instituto Adolfo Lutz, no final da tarde de terça-feira. Ela permaneceu isolada por dez dias e foi a última na manhã de ontem. Com esse resultado, Votorantim tem a terceira morte causada pela doença. Há 11 positivos confirmados, dez

descartados e 18 monitorados, aguardando resultado.
Tamífilu
A Justiça Federal do Rio de Janeiro rejeitou a ação impositiva da Defensoria Pública da União, que contestava a estratégia do Ministério da Saúde de distribuição do Tamífilu para o tratamento do vírus Influenza A (H1N1). A decisão foi baseada nos argumentos apresentados pelo ministério, que, entre outros pontos, comprovaram a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) possuir este estoque suficiente para atender à população e que, em nenhum momento, houve proibição ou cerceamento à venda do remédio nas farmácias. O juiz federal Rafael de

Souza Pereira Pinto, responsável pelo processo, também não considerou pertinente o pedido encaminhado de autorização para que laboratórios nacionais fizessem exames de detecção da doença.
Quanto ao uso indiscriminado do Tamífilu – único medicamento disponível para tratar a nova gripe – o juiz afirmou que "a bem da prudência que o caso demanda, merece ser prestigiada a informação emanada dos órgãos oficiais". Ele considerou válida a argumentação do Ministério de que o Tamífilu é distribuído para todos os estados, com o objetivo de que os gestores locais de saúde estabeleçam quais serão os pontos de entrega do medicamento aos pacientes com recita.

Álcool em gel e máscaras já estão em falta no mercado

O aumento de casos confirmados da nova gripe e os registros de óbitos por causa da doença, tem provocado desabastecimento de álcool em gel no mercado, gerando incômodo aos clientes em espera pelo produto. A procura pelas máscaras cirúrgicas permanece grande, mas não na mesma proporção do desinfetante indicado para a higienização das mãos. Mesmo assim o consumidor pode ter um pouco de dificuldade em encontrar o produto.
Numa distribuidora localizada no centro da cidade, que é o lugar mais visitado especialmente por aqueles que pretendem comprar em grande quantidade, o álcool em gel estava em falta ontem, mas o produto deverá chegar nas próximas horas.
De acordo com a gerente Kátia Marucci, chegaram 600 frascos na quinta-feira passada, e em menos de duas horas já não tinha mais. Por isso, o jeito en-

contrado foi fazer uma lista com nomes e telefones de clientes, a fim de avisá-los sobre a chegada do gel. Ontem a lista era de quatro folhas. Para ela, a busca incessante dá também pelo fato do retorno às aulas, tendo em vista que as escolas compram em grande escala para garantir a proteção dos estudantes e dos funcionários.
A procura pelo produto, depende do tipo de embalagem: o frasco de 500 ml também usado como desinfetador por R\$ 12,90, e o tipo para ser transportado em bolsas, de 50 ml, por R\$ 6,00.
Numa farmácia que fica na esquina da rua São Bento com Nogueira Martins, a venda do álcool em gel subiu de uma média de cinco por dia para trinta. Para o funcionário, que não pode se identificar, a falta do produto está atrelada à demanda que é muito grande, não dando tempo para que os

fornecedores façam as entregas no prazo de costume. O frasco de 50 ml pode ser comprado por R\$ 3,00, e o de 500 ml, por R\$ 6,50.
Mas a falta do álcool em gel pode também estar associada à atitude de algumas pessoas que fazem estoque em casa. De acordo com a farmacêutica Juliana Funes, o desespero por estar com o gel em casa, acaba deixando outros consumidores sem o produto. Ela explicou que não chega a ter uma lista de espera, mas que alguns frequentes pedem para serem avisados quando chegar o gel.
Máscaras
Um exemplo do álcool em gel, as máscaras, especialmente as cirúrgicas, também continuam sendo compradas. A diferença é que atualmente, conforme os atendentes, as pessoas preferem o álcool anti-séptico à máscara, principalmente a cirúrgica, que deve ser trocada a cada duas horas. Mas isso não significa que elas sejam encontradas com facilidade, havendo em algumas ocasiões uma espera de dez dias.
Na distribuidora, as máscaras cirúrgicas em embalagem com 50 unidades estão em falta, com um tempo médio de dez dias para serem entregues na loja, ao custo de R\$ 8,00. O mesmo tipo de proteção pode ser encontrada em valor maior, por R\$ 11,57. Já a outra máscara, chamada de respiradora, é encontrada facilmente por R\$ 6,30 a unidade. (Adriane Mendes)



Em alguns pontos de venda, há falta do produto e lista de espera.



Os vereadores ficaram satisfeitos com as medidas preventivas adotadas pelas escolas visitadas.

Comissão de Saúde da Câmara vistoria 3 escolas do município

As medidas de prevenção a serem tomadas e lembraram os pais de entrar materiais de higiene para os alunos. Um dispositivo para a limpeza das mãos estava à disposição dos alunos logo na entrada e outros espalhados em pontos estratégicos. Os vereadores constataram ainda a boa assepsia nas salas de aula e refeitório, além das janelas abertas para manter o local arejado.
Nas demais escolas, as informações eram boas em menor quantidade. No entanto, os dispositivos para a limpeza das mãos, a assepsia dos locais após a saída e entrada de outra turma, bem como a orientação dos profissionais foram satisfatórias para os vereadores. "As escolas também tinham álcool gel ou sabonete líquido e estão adotando as medidas preventivas recomendadas pelas autoridades sanitárias", enfatizou Luis Santos.
Pais com medo
Mesmo com medidas consideradas satisfatórias, o que notou foi uma certa resistência dos pais em mandar os alunos às escolas, pelo o menos nesta primeira semana. Na segunda escola visitada, a Escola Muni-

cipal Ary de Oliveira Seabra, no bairro Cajuru, apenas 30% dos alunos estavam na unidade escolar ontem, conforme contou a diretora Mara Brandão. Em uma classe de 25 crianças apenas duas estavam tendo aula na tarde de ontem. Como mostrou a diretora, a escola possui dispositivos para a higienização das mãos, a equipe constantemente desinfeta mesas e cadeiras e as docentes gestantes não têm contato com as crianças.
Na terceira unidade visitada, a Escola Municipal Leonor Pinto de Thomaz também faltavam alunos, cerca de 30%, explicou a diretora da unidade. A visita não foi anunciada e as escolas não sabiam que receberiam a fiscalização da comissão. A escola dos bairros reformaram os membros, foi para poder ter uma "visão" do que estava acontecendo em diferentes pontos.
"A visita foi importante para tranquilizar a população para que os pais voltem a mandar os filhos para as escolas. Constatamos que as escolas estão adotando os procedimentos recomendados pelo Ministério da Saúde e pelas Secretarias estadual e municipal de Saúde", concluiu Santos. (Maíra Fernandes)

cipal Ary de Oliveira Seabra, no bairro Cajuru, apenas 30% dos alunos estavam na unidade escolar ontem, conforme contou a diretora Mara Brandão. Em uma classe de 25 crianças apenas duas estavam tendo aula na tarde de ontem. Como mostrou a diretora, a escola possui dispositivos para a higienização das mãos, a equipe constantemente desinfeta mesas e cadeiras e as docentes gestantes não têm contato com as crianças.
Na terceira unidade visitada, a Escola Municipal Leonor Pinto de Thomaz também faltavam alunos, cerca de 30%, explicou a diretora da unidade. A visita não foi anunciada e as escolas não sabiam que receberiam a fiscalização da comissão. A escola dos bairros reformaram os membros, foi para poder ter uma "visão" do que estava acontecendo em diferentes pontos.
"A visita foi importante para tranquilizar a população para que os pais voltem a mandar os filhos para as escolas. Constatamos que as escolas estão adotando os procedimentos recomendados pelo Ministério da Saúde e pelas Secretarias estadual e municipal de Saúde", concluiu Santos. (Maíra Fernandes)

TOYOTA FIQUE SEGURO NA SUA OPÇÃO COMPRANDO NA RAMIRES MOTORS. NOVO COROLLA 2010 O MUNDO SEGUIE POR AQUI ENTRADA + 36X R\$ 787,00. MELHOR PREÇO 2009. 2 ANOS SEGURO TOYOTA. Av. Dom Aguirre, 2001 - Tel.: 15 3224-5444 - Sorocaba/SP - www.ramiresmotors.com.br

ANEXO C – Associação Paulista de Jornais

- **Associação Paulista de Jornais (APJ)**



Jornais líderes em suas regiões

A entidade APJ reúne os jornais líderes em suas regiões no interior do Estado de São Paulo. Fundada na cidade de São Paulo (SP), em 01 de julho de 1993, a Associação Paulista de Jornais (APJ) é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída por empresas jornalísticas, editoras de jornais diários, sediadas no Estado de São Paulo.

A APJ, conforme informações publicadas no sítio da entidade (www.apj.inf.br) tem como objetivos:

- 1) Coordenar os órgãos de imprensa, suas associadas, na defesa da democracia e da livre iniciativa;
- 2) Sustentar a liberdade de expressão do pensamento, da informação e da propaganda;
- 3) Defender as empresas jornalísticas, suas prerrogativas como executores de empreendimento de interesse público, assim como ao livre exercício de suas atividades, suas garantias legais e o respeito aos princípios de responsabilidade;
- 4) Representar os interesses gerais de suas associadas junto aos poderes públicos, independente de outorga ou mandato específico;
- 5) Desenvolver seus serviços de modo a proporcionar assessoria especializada às suas associadas, sempre que solicitada na forma dos termos aprovados pela Diretoria;
- 6) Postular a adoção de medidas legais de proteção e amparo, aos interesses morais e materiais dos jornais;
- 7) Manter e desenvolver intercâmbio, entendimento e acordos, visando alcançar seus objetivos;
- 8) Estimular o fortalecimento da iniciativa privada, ponto fundamental da imprensa livre e responsável;
- 9) Promover a realização de congressos, seminários, simpósios, certames e reuniões de caráter regional ou estadual, com objetivos idênticos ou semelhantes aos que justificam a criação e o funcionamento da Associação;

- 10) Instituir o código de ética a prevalecer entre as suas associadas;
- 11) Sustentar a liberdade de expressão do pensamento, da informação e da propaganda;
- 12) Promover a celebração de convênio com instituições similares nacionais ou estrangeiras, de reconhecida atividade democrática, visando o estabelecimento de intercâmbio de notícias e de informações.

ANEXO D – Item obrigatório

ITEM OBRIGATÓRIO Na sequência, casal utiliza máscara na região central de São José dos Campos; paciente lê enquanto aguarda atendimento no Hospital Clínicas Sul. Por último, usuários da rede municipal de Saúde também usam máscara em São José. Ontem, prefeitura da cidade promoveu palestras sobre a doença para cerca de 700 servidores

Jornal Vale Paraibano – 13 de agosto de 2009

ANEXO E – Espera por atendimento chega a duas horas

Espera por atendimento chega a duas horas

São José dos Campos

No Policlín, onde foi registrada a primeira morte por gripe suína em São José, a procura por atendimento médico aumentou 46% desde o início dos casos da doença na região. As informações são do próprio hospital, que não informou o número de atendimentos diários.

Na unidade, os pacientes chegam a esperar até duas horas por atendimento médico e a sala de espera lotada lembra o cenário registrado nos hospitais públicos, que também recebem muita reclamação sobre a demora no atendimento. O **valeparaibano** esteve no Policlín e em outros hospitais particulares da cidade na última quarta-feira.

Mércia Solange dos Santos, 38 anos, estava pelo segundo dia consecutivo no Pronto-Socorro do Policlín com dores e sintomas que, segundo ela, são de gripe.

“Ontem (terça-feira), esperei duas horas. Hoje (quarta) até esqueci quando cheguei aqui. Sei que fui perguntar às 15h30 quanto tempo faltava para minha consulta e me falaram que estavam atendendo os pacientes das 13h”, disse. ▶



LONGA ESPERA Pacientes aguardam por atendimento no PS do Policlín, onde foi registrada a primeira morte por gripe suína em São José

▶ Esta demora fez a dona-de-casa Marlene de Fátima dos Santos, 36 anos, que estava com dores nas pernas, desistir do atendimento. Depois de ficar trinta minutos com o filho de 14 anos na recepção, ela decidiu ir embora para casa. “Tenho medo de ficar tanto tempo esperando e pegar gripe. Me falaram que não vou ficar menos de uma hora e meia aqui”, disse.

Quem também reclamou do atendimento foi a Amélia Bittencourt Martins, 53 anos, que mora na zona norte. “Passei em outro hospital e também estava lotado. Estou pensando em ir para o Hospital Municipal porque acho que o poder público dá mais atenção quando é uma doença de grande repercussão”, disse.

ATENDIMENTO - A assessoria de imprensa do Policlín informou que a fila é consequência do crescimento de 46% na demanda de atendimento.

Em nota oficial, a unidade justificou o aumento da procura “visto que é um hospital referência na região para atender à grande procura por parte dos mais de 40 convênios atendidos neste local”.

ANEXO F – Vale tem quarta morte por gripe suína

10 primeiro caderno

SAÚDE

valeparaibano | DOMINGO, 9 DE AGOSTO DE 2009

Influenza A (H1N1)

Vale tem quarta morte por gripe suína

Homem de 57 anos morava em Taubaté e morreu na última segunda-feira, dois dias após apresentar sintomas

Vivian Zwaricz
Taubaté

O Vale do Paraíba registrou ontem a quarta morte provocada pelo vírus Influenza A (H1N1), causador da gripe suína, na região. A vítima foi um homem de 57 anos, de Taubaté, que estava internado no Hospital São Lucas e não resistiu às complicações decorrentes da doença.

O paciente, que morava em Taubaté e tinha problemas cardíacos, apresentou os sintomas da nova gripe no último dia 1º, mas como passava bem foi medicado e liberado para continuar o tratamento em casa –no chamado isolamento domiciliar.

Na manhã do dia 3, ele retornou ao hospital apresentando complicações e, às 13h, morreu. A confirmação de gripe suína foi feita por meio do exame analisado pelo Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo, e anunciada ontem pela diretora de Saúde de Taubaté, Rita de Cássia Bitar.

A família da vítima é monitorada pela equipe da Vigilância Epidemiológica de Taubaté. Até ontem, nenhum parente do homem havia apresentado os sintomas da doença.

De acordo com a Secretaria Estadual de Saúde, a região tem ainda outras duas mortes sob investigação. Material foi coletado das vítimas para a realização dos exames, que devem ter o resultado divulgado ainda nesta semana.

SUSPEITAS - Um delas é de uma jovem de 18 anos que morreu na madrugada de ontem em Taubaté. Ela foi internada na última segunda-feira no Hospital Regional com sintomas de gripe comum. Na noite de quinta-feira, a paciente, que sofria de obesidade mórbida, teve seu quadro agravado com complicações respiratórias, incluindo pneumonia e morreu.

Um irmão da vítima, um menino de 14 anos, está internado no mesmo hospital com sintomas da doença. O HR não informou se o estado de saúde do adolescente é considerado grave.

A outra morte suspeita tratase de uma gestante de 21 anos que morava em Ubatuba. Ela morreu na tarde da última quarta-feira com suspeita de gripe suína. A mulher estava grávida de 8 meses.

CONFIRMAÇÕES - A primeira morte confirmada da doença na região ocorreu no final de julho em Jacareí. A vítima, uma mulher de 37 anos, estava grávida de 6 meses e morreu no dia 22 depois de passar cinco dias internada na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do Hospital Alvorada.

Na terça-feira, a Prefeitura de Guaratinguetá confirmou a segunda vítima fatal da gripe suína –um menino de 7 anos que morreu no último dia 27, no Hospital Frei Galvão.

Anteontem, a terceira morte foi confirmada pelo Estado. A vítima foi uma mulher grávida de 31 anos, de Ilhabela, que estava internada no Hospital Universitário de Taubaté e também não ►



PREVENÇÃO Pacientes aguardam por atendimento no HM de São José, que para evitar transmissão do vírus Influenza A (H1N1) nas salas de espera implantou sistema de isolamento de pessoas com os sintomas de gripe; Hospital Clínicas Sul e cinco UPAs também adotaram esquema

Grupo de risco ignora dicas de prevenção

Fávia Marreira
São José dos Campos

Pessoas que fazem parte do grupo de risco de contaminação do vírus da gripe suína ignoram cuidados que devem ser tomados para evitar a doença. O vírus já atingiu 59 pessoas na região –a maioria jovens e adultos.

É considerado grupo de risco pessoas na faixa etária entre 15 e 50 anos. O risco aumenta para grávidas, que têm imunidade mais baixa, pessoas com doenças crônicas e obesidade mórbida.

Apesar disso, as casas noturnas continuam lotadas, os shoppings têm fluxo grande de pes-

soas e os restaurantes e cinemas ainda são a melhor opção de programas dos casais.

Por recomendação de médicos, estabelecimentos fechados –sem circulação de ar– e aglomerados devem ser evitados para diminuir o risco de transmissão.

“Estou saindo à noite normal. Sei que perigo tem, mas não aconteceu nada com ninguém que conheço”, disse o gerente administrativo Francis da Silva Serapido, de 22 anos.

“Saio, vou ao shopping, cinema, sempre. Tenho que me divertir, principalmente com as férias prorrogadas, que não tem nada mais para fazer”, afirmou a estu-

dante Leticia Fávoro, 17 anos.

REAÇÃO - Especialistas condenam a posição dos jovens e adultos, mas acreditam que cada um deve ter consciência sobre os riscos que corre e sobre o que deve ou não deixar de fazer.

“Não dá para pedir que todo mundo não faça atividades rotineiras. Cabe ao bom senso de cada pessoa”, afirmou Alexandre Naime Barboza, infectologista da Unesp (Universidade Estadual de São Paulo).

Outros jovens encontram dificuldades em seguir as recomendações. “Tenho que pegar ônibus todos os dias para ir tra-

balhar. O máximo que faço é abrir os vidros”, disse Bruna de Almeida Ramos, 20 anos.

As grávidas foram as que mais demonstraram preocupação. Mesmo assim, não tomam todos os cuidados necessários. “Evito sair muito e lavo as mãos mais vezes, só isso”, disse Andréia de Fátima, 26 anos, grávida de 7 meses.

A população de maior risco está concentrada entre os 15 e 50 anos, provavelmente, porque ancestrais do vírus já circularam no passado –nas décadas de 40 ou 50. “Então pessoas idosas estão mais protegidas e os jovens não tiveram esse contato”, disse o infectologista.

►resistiu às complicações decorrentes da doença e morreu na madrugada do último domingo.

Desde o início da epidemia da doença no país, a região já tem 59 casos confirmados de gripe suína e quatro mortes. Em Taubaté, o número de pessoas que contraíram o vírus chega a 24. Na cidade, outras 10 pessoas permanecem internadas, sendo duas gestantes que estão no HU, duas crianças com idades entre 5 e 6 anos, também no HU, e cinco pacientes no HR com idades entre 14 e 57 anos.

INTERNAÇÃO - O caso mais grave é de uma adolescente de 17 anos que está na internada na UTI do HU. Todas aguardam o resultado do exame que deve ficar pronto ainda esta semana.

Em São José, até ontem, 13 casos foram confirmados e as vítimas passam bem. Outras 14 pessoas, que também aguardam o resultado de exames, permanecem internadas no Hospital Municipal, sendo quatro adultos, nove crianças e um homem de 56 anos que tem o quadro clínico grave e está na UTI. No Hospital Clínicas Sul, quatro pessoas permanecem internadas até o início da noite de ontem –todas em estado estável.

Mapa da Gripe

Mortes

No Brasil:	169
No Estado:	69
No Vale:	4

No Vale (casos confirmados)

Taubaté:	24
São José:	13
Tremembé:	5
Jacareí:	5
Guaratinguetá:	4
Pindamonhangaba:	4
Aparecida:	1
Cruzeiro:	1
Capapava:	1
Ilhabela:	1
Total:	59

Fonte: prefeituras, Estado e Vigilâncias

Certo e errado

Jovens dizem lavar as mãos mais vezes ao dia

Certo: pessoas com gripe espirram e tosse com frequência e o vírus fica nas mãos, podendo ser levado a objetos que o doente toca

Alguns adultos usam máscara para evitar contaminação

Errado: o uso da máscara é indicado somente para pessoas com sintomas de gripe e também por quem trabalha em unidades de saúde

Jovens continuam indo a danceterias e shows normalmente

Errado: lugares aglomerados devem ser evitados pois é onde há maior risco de transmissão do vírus

Grávidas evitam lugares fechados com muita gente

Certo: elas estão entre o grupo de risco, pela faixa etária e por ter baixa imunidade

Pessoas com sintomas da gripe reutilizam máscaras

Errado: a máscara deve ser usada apenas uma vez, por até duas horas

“Não dá para pedir que todo mundo não faça atividades rotineiras. Cabe ao bom senso de cada pessoa. Quem tem sintomas de gripe, geralmente está com nariz escorrendo ou tossindo, levando a mão ao nariz e boca. Então, o vírus fica na mão e assim pode haver contágio”

De Alexandre Naime Barboza, infectologista da Unesp

Hospital isola pacientes na sala de espera

São José dos Campos

Para evitar a transmissão do vírus Influenza A (H1N1) nas salas de espera das unidades de saúde, as prefeituras das duas maiores cidades da região –São José dos Campos e Taubaté– implantaram sistemas de isolamento dos sintomáticos de gripe que procuram atendimento.

Taubaté tem o Pronto-Atendimento do bairro Cecap, que recebe todas as pessoas que apresentam sintomas de gripe. Os pacientes com indícios mais graves e que precisam de internação são

ANEXO G – Grupo quer parar aula em escola modelo

10 primeiro caderno

SAÚDE

valeparaibano | SÁBADO, 22 DE AGOSTO DE 2009

Gripe Suína

Grupo quer parar aula em escola modelo

Por receio de epidemia, professores e alunos do Estevam Ferri pleiteiam interrupção temporária das atividades

Carolina Iodora
São José dos Campos

O receio da contaminação e disseminação do vírus Influenza A (H1N1), causador da gripe suína, faz com que um grupo de professores e alunos da escola estadual Estevam Ferri, em São José dos Campos, reivindique a suspensão das aulas na unidade.

Contrário ao retorno das atividades curriculares, retomadas na segunda-feira, eles afirmam que a escola atende estudantes de todas as regiões da cidade, cerca de 2.000, diferentemente de outras unidades públicas —que recebem os alunos conforme a área de abrangência.

Este fato aumentaria o risco de contato com o vírus da nova gripe já que os estudantes vêm de diversas regiões e, por isso, eles estariam mais expostos —principalmente nos ônibus.

Outro problema apontado pelos educadores são as aglomerações durante o intervalo, nas salas de aula e nos horários de entrada e saída.

A escola, localizada no Monte Castelo, região central, ocupa o posto de melhor escola do Estado em São José, de acordo com o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Nenhum aluno foi diagnosticado com a doença.

Até ontem, São José dos Campos havia registrado três mortes pela gripe suína. A tarde a Secretaria de Saúde confirmou mais dois casos, totalizando, oficialmente, 26 na cidade.

No Vale do Paraíba o número de casos bate na casa dos 169 casos, com o registro de 12 óbitos. A professora Elisa Freitas defende a interrupção temporária das aulas.

Segundo ela, escola e educadores não estão preparados para atender e orientar os alunos que possam ter contraído a nova gripe.

"A escola é muito grande e entende alunos de todas as regiões. Não tem como ter controle da doença e isso criou um clima de insatisfação." Ela afirmou que as orientações repassadas aos estudantes não estão sendo respeitadas. "Eles não levam muito a sério e acabam colocando em risco a vida deles e a dos professores", disse.

ESTRUTURA - Os alunos reclamam da falta de preparo da unidade para recebê-los. Segundo ele, no primeiro dia de aula a escola ainda não contava com álcool em gel, sabonete e os ventiladores estavam quebrados.

"Nos dois primeiros dias de aula estava com medo de vir porque a escola não estava preparada. Agora estou mais tranquila, mas acho que entre saúde e educação devemos escolher a saúde", afirmou Flávia Arantes Gaspar, 16 anos, estudante do 2º ano do ensino médio.

Decretado na última segunda-feira, o fim do recesso prolongado das férias escolares levou para as salas de aula 163 mil alunos das redes municipais de educação de São José e Taubaté e outros cerca de 230 mil estudantes de escolas estaduais da região.

OMS alerta para a 2ª onda da epidemia

A diretora-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Margaret Chan, pediu que os governos se preparem para uma possível segunda onda de casos de gripe suína, advertindo que eles terão de enfrentar decisões difíceis sobre como distribuir vacinas. "Não podemos dizer se o vírus ou se ainda está por vir", disse Chan. Cerca de 1.800 pessoas morreram em todo o mundo desde a descoberta do vírus A/H1N1, em abril. No momento, mais de 200 companhias farmacêuticas ao redor do mundo se esforçam para produzir uma vacina.



MENOS AULAS, MAIS MEDICAMENTO Ao lado, alunos Bárbara da Silva, Rafael Marinho e Flávia Gaspar, na escola Estevam Ferri, em São José; acima, enfermeira do Hospital Clínicas Sul mostra remédio Tamiflu

Eles (alunos) não levam muito a sério (as orientações) e acabam colocando em risco a vida deles e a dos professores

Nos dois primeiros dias de aula estava com medo de vir. Agora estou mais tranquila, mas acho que entre saúde e educação devemos escolher a saúde

Mapa da Gripe	
Mortes confirmadas	
No Brasil:	368
No Estado:	179
No Vale:	12
Casos no Vale	
Taubaté:	55
São José:	26
Guaratinguetá:	23
Jacareí:	22
Caçapava:	18
Pindamonhangaba:	9
Tremembé:	9
Itahabela:	4
Ubatuba:	2
Caraguatã:	1
Aparecida:	1
Cruzeiro:	1
São Sebastião:	1
Total:	169

Fonte: prefeituras e vigilâncias

Direção diz que tomou precauções

A direção da escola Estevam Ferri informou que desde a volta às aulas faz o monitoramento dos alunos que têm os sintomas de resfriado e gripe. Cerca de 15 alunos que apresentam tosse e espirro estão sendo acompanhados — todos foram orientados a ir ao médico e para que o problema seja diagnosticado. As estudantes grávidas fo-

ram orientadas a não voltarem à escola até a primavera. As faltas não serão computadas desde que tenha uma prescrição médica. Os pais ainda receberam um comunicado que pede que os alunos com sintomas de resfriado não compareçam às aulas. A escola encaminhou ainda um e-mail para a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) pedindo orientação sobre o monitoramento da doença. A Secretaria do Estado da Educação informou que investiu R\$ 7 milhões na compra de material de higiene, como sabão, papel higiênico e copos descartáveis. Segundo a pasta, os professores foram capacitados sobre a gripe e os alunos receberam uma cartilha explicativa.

S. José reforça distribuição do Tamiflu

São José dos Campos vai reforçar a distribuição do Tamiflu na cidade. Segundo o secretário de Saúde da cidade, Jorge Zaru Junior, a pasta receberá o triplo do medicamento a partir da próxima semana. Segundo ele, em média São José recebe entre 50 e 100 caixas do remédio por dia, mas que a partir da próxima semana poderá chegar a receber até 300. Zaru disse, que o pedido foi feito à Secretaria de Saúde do Estado com o objetivo de garantir assistência integral a todos os pacientes na cidade. Apesar da ampliação do medicamento, ele afirmou que o remédio só será destinado a pacientes que preencherem o protocolo de risco — mulheres grávidas ou pacientes com quadros de pressão alta e diabetes e com quadro agravado dos sintomas da gripe. Em São José dos Campos, o recolhimento do Tamiflu está centralizado no Hospital de Clínicas Sul desde sexta-feira da semana passada. De acordo com a chefe da Vigilância Epidemiológica, Claudia Bonafé, quando a Secretaria do Estado de Saúde envia ao município uma quantidade maior do remédio, a distribuição também é feita no Hospital Municipal. "Todo dia chega medicamento, mas acaba. Está vindo sempre, mas vem pouco", afirmou. De acordo com a enfermeira do Hospital do Parque Industrial, Rosana Ramos, são entregues de 25 a 30 caixetas do remédio por dia. Cada uma delas contém 10 comprimidos, que devem ser tomados de 12 em 12 horas, por cinco dias. Os profissionais de saúde ressaltaram que, apesar da distribuição do medicamento ser para pacientes da rede pública e privada, só é indicado o consumo para até 48 horas do início dos sintomas. "As pessoas chegam aqui depois de 5 dias, uma semana. Ai eu não posso entregar", afirmou a enfermeira.

Motoristas começam a utilizar máscaras

Flávia Marreira
São José dos Campos

Motoristas e cobradores de ônibus do transporte coletivo de São José já começaram a utilizar máscaras e luvas descartáveis para reduzir o risco de contaminação pelo vírus Influenza A (H1N1), causador da gripe suína.

Alcool em gel também são disponibilizados nas garagens das empresas responsáveis pelo serviço. No total, a cidade conta com cerca de 1.500 motoristas e cobradores.

A Expresso Maringá iniciou na última segunda-feira a distribuição do 'kit de prevenção' à nova doença para os funcionários. De acordo com a empresa, a máscara tem qualidade superior às entregues em hospitais e serão trocadas periodicamente, de 30 em 30 dias.

A partir da próxima semana, a Capital do Vale também vai disponibilizar as máscaras aos funcionários dos ônibus. De acordo com a administração da empresa, foi feito cotação do material e a compra está sendo realizada.

Além de disponibilizar álcool em gel nas garagens, a Capital do Vale informou que todos os veículos também terão a prevenção à disposição de funcionários e usuários do transporte público.

A Júlio Simões informou que desde o início da semana também tem disponibilizado máscaras cirúrgicas e luvas descartáveis para os motoristas e cobradores que solicitarem.

Tarcísio Silva, 47 anos, motorista da Expresso Maringá, optou pela proteção. "Eu estou usando máscara porque deram na empresa. Como estou com medo de pegar gripe suína, é melhor evitar", disse.

RECOMENDAÇÃO - A Secretaria de Transportes de São José dos Campos recomendou na semana passada que as empresas de ônibus passassem a disponibilizar álcool em gel para os funcionários, para ajudar a evitar a nova gripe. Além disso, motoristas e cobradores passaram a ser autorizados a utilizar máscaras, caso optassem por isso.



PROTEÇÃO EXTRA O motorista Tarcísio Silva, da Expresso Maringá, utiliza máscara na tentativa de reduzir os riscos de contaminação

ANEXO H – Gripe Suína – Di@rinho

1 - Página 1

2 - Página 2

3 - Páginas 3 e 4

4 - Página 6

ANEXO I – Cinismo sem fim

2A / Sábado, 22 de agosto de 2009

OPINIÃO

DIÁRIO DA REGIÃO

Noticiando ou comentando, nossa preocupação há de ser a verdade (Nº 1, Ano 1, 23/7/1950)

Diretor Presidente: Norberto Buzzini
Diretora Vice-Presidente: Neuza Castro BuzziniDiretor Superintendente: Fabiano Castro Buzzini
Diretor de Operações: Valter Buzini PaternostEditor-chefe: Milton Rodrigues
Editor-executivo: Fabrício Carareto**ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO**Avenida João Batista Vitorazzo, 50
CEP: 15035-470 - Distrito Industrial
São José do Rio Preto (SP)
Fone: (17) 21.39.2000**IMPRESSO NA GRÁF**Avenida Feliciano Sal
CEP: 15035-000 - Di
São José do Rio Preto
Fone: (17) 21.39.206**editorial**

Cinismo sem fim

Na semana em que o Conselho de Ética do Senado jogou uma pá de cal sobre todas as denúncias e livrou o senador José Sarney de responder por toda e qualquer acusação – tráfico de influência, nepotismo e apadrinhamento geral via edição de atos secretos – o Congresso mostra que a ousadia e o cinismo não têm limites. Agora a Câmara dos Deputados resolveu tirar do limbo a proposta da criação da CSS, reedição da antiga CPMF.

A Contribuição Social para a Saúde (CSS), já aprovada em 2008, mas em pendência para ser votado um destaque que estabelece sua base de arrecadação, deve voltar à pauta até setembro, pela mobilização do PMDB a pedido do ministro da Saúde, José Gomes Temporão. A inspiração que ressuscitou o debate é a gripe suína, com a necessidade da destinação de recursos que pode levar o orçamento do ministério a um estado de penúria.

A aprovação da CSS deve garantir uma contribuição de 0,1% das movimentações financeiras e gerar uma arrecadação em torno de R\$ 12 bilhões em recursos exclusivos para a Saúde. A antiga CPMF tinha uma alíquota de 0,38% e os recursos,

originariamente destinados apenas à Saúde, acabaram drenados para outras áreas do governo. Na prática, o imposto que era provisório e se transformou em permanente não moralizou o atendimento na saúde pública.

No ápice da gastança desenfreada, a máquina pública que tem dinheiro para todo tipo de privilégio, altos salários, apadrinhamentos, verbas indenizatórias e viagens grátis mundo afora, não tem recursos para a saúde. Gasta-se muito, gasta-se mal e gasta-se despuadoradamente. E torna-se necessário arrecadar mais, obviamente com a promessa de que o produto do novo-velho imposto será gasto de maneira

correta, investido nas prioridades.

Ao contrário do que se pode imaginar, esse cinismo sem fim não significa que o Congresso e o governo perderam o juízo. Significa, na verdade, que perdeu-se foi o medo, uma vez que a vergonha nem dá mais para considerar como item em moda na ordem do dia no paraíso da pizza. Péssimo exemplo que vem de cima e reflete perigosamente nas instâncias políticas e administrativas estaduais e municipais.

Gripe suína virou desculpa para Brasília ressuscitar a CPMF, agora chamada CSS

ANEXO J – Escola pede ‘kit’ de higiene contra a doença

Escola pede ‘kit’ de higiene contra a doença

Vivian Lima
vivian.lima@diarioweb.com.br

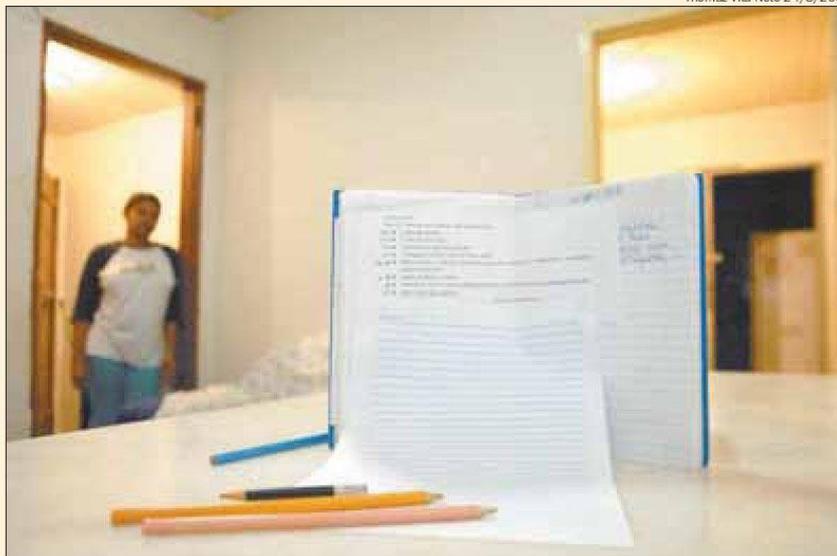
Thomaz Vita Neto 24/8/2009

A mãe de um aluno da escola de educação infantil Lotf João Bassit, do bairro São Deocleciano, reclama de pedido da instituição para que alunos levem sabonete líquido, copos descartáveis e álcool em gel, itens de higiene para combater a gripe suína. “Mandaram um bilhete fazendo o pedido. Eu gastei R\$ 22, mas tem mãe que não tem condições de gastar isso”, diz a doméstica de 27 anos, que preferiu não ser identificada.

Para a reclamante, o poder público era quem deveria arcar com os produtos. “Me disseram que a escola não recebeu esse material. Depois de comprar um pouco de produto com dinheiro da contribuição espontânea dos pais, os materiais acabaram e eles pediram para os alunos levarem.”

A diretora da escola, Arlete Seminati, explica que o bilhete com o pedido dos materiais de higiene foi feito apenas para uma sala da escola, que tem 26 alunos. A diretora afirma que não há a obrigatoriedade de entrega do material. “Não é uma obrigatoriedade. Uma escola pública não pode fazer essa exigência.”

O que houve, segundo Arle-



Mãe de aluno (ao fundo) e a lista dos materiais feita pela escolinha, que custaram R\$ 22

te, foi um acordo entre pais de alunos desta sala sobre a entrega dos produtos. Segundo ela, vários pais perguntaram se poderiam mandar álcool em gel e copos descartáveis para os filhos. Quem faz questão de encaminhar os produtos, pode levá-los à escola.

Com relação ao pedido de sabonete líquido presente no bilhete, a diretora informa que o pedido foi um equívoco. “A Prefeitura repõe esse material e oferece também o álcool líquido para a higienização das salas.”

Já com relação aos copos descartáveis e álcool em gel, Arlete

diz que os produtos não são ofertados pelo poder público porque a escola tem alternativas, como o uso de canecas individuais e a possibilidade de higienizar as mãos dos alunos com água e sabão. “Embora a mídia fale sobre o uso do álcool em gel, a orientação é que se lave as mãos.”

ANEXO K – Preocupação com a gripe

4B / Terça-feira, 18 de agosto de 2009

CIDADES

■ PREVENÇÃO - Cuidados como garrafa individual e álcool em gel passaram a fazer parte dos itens na mochila

Preocupação com a gripe suína marca retorno às aulas

■ Mais de 65 mil alunos das redes municipal e estadual voltaram das férias

Vivian Lima
vivian.lima@diarioweb.com.br

Garrafinha de água e álcool em gel são os novos itens nas mochilas dos estudantes de Rio Preto, como forma de prevenção contra a gripe suína. Ontem, dia de volta às aulas para 35.705 alunos da rede municipal e 30.376 das escolas estaduais, o aluno do 4º ano da escola municipal Ezequiel Ramos, Nelson Luis Taino Junior, 9 anos, levou um frasco de álcool em gel para a sala. “Usei quando cheguei à escola, depois do recreio e na hora da saída.”

Nelson conta que os alunos receberam orientação dos professores sobre ações de higiene. “Falaram que temos de ficar em ambiente ventilados, não dividir objetos e beber água no copo e não direto no bebedouro.”

Também aluno da Ezequiel



Entrada de alunos na Ezequiel Ramos: prevenção é nova ‘matéria’

Ramos, Vitor Henrique Aveque Diogo, 10 anos, ganhou da mãe uma garrafinha para beber água. “Já usei”, afirma o menino, aluno do 5º ano.

Na escola municipal Halim Atique, os alunos usam desde ontem álcool para higienizar as carteiras ao final do período de aulas. “Não queremos passar te-

mor, mas sim certos cuidados para que a doença não se propague”, diz Maria José Berti, coordenadora da escola.

Os alunos do ensino médio da escola estadual Monsenhor Gonçalves receberam copos descartáveis e foram orientados a levar a partir de hoje suas garrafas individuais.

“Foi tranquilo. Passamos álcool nas mãos quando chegamos e depois do intervalo”, diz Jéssica Ferrari, 15 anos, aluna do 1º ano do ensino médio.

Presença

Embora a maior parte das escolas tenha recebido um grande número de alunos ontem, algumas instituições como a creche Beatriz de Carvalho Seixas, na Vila Toninho, teve cem alunos faltantes. A escola não sabe se a abstenção tem relação com a gripe suína ou uma possível confusão sobre a data de retorno dos alunos.

Até ontem, a Diretoria de Ensino de Rio Preto ainda não tinha uma definição sobre a reposição de aulas nas escolas estaduais. As instituições municipais de ensino também se organizam para definir calendário de reposição.

Editorial

Contradições sobre a gripe

Na mesma semana em que a cidade de Cascavel, no Paraná, proibiu temporariamente o funcionamento de cinemas, shoppings e casas noturnas, para prevenir a propagação do vírus causador da gripe suína, as escolas de Ensino Fundamental e Médio de Sorocaba começaram a retomar as aulas (as particulares já voltaram na segunda-feira, dia 10, e as públicas devem retornar na próxima segunda, 17), depois de prolongar as férias por uma ou duas semanas. Quem tem razão? Quem tenta evitar reuniões em lugares fechados, por acreditar que o pior da epidemia de gripe suína ainda não passou, ou quem levanta as restrições à convivência de crianças e adolescentes em sala de aula, por acreditar que "o tempo já esquentou" e o risco de contágio agora é menor?

O mapa das mortes oficiais causadas pela gripe suína mostra que os Estados mais atingidos são os do Sul e Sudeste, onde o frio é intenso nesta época do ano. Segundo boletim divulgado na terça-feira, 11, pelo Ministério da Saúde, São Paulo segue à frente de todo o Brasil com 75 vítimas fatais, seguido por Rio Grande do Sul (44). Pa-

raná (42), Rio de Janeiro (24) e Santa Catarina - a exceção que confirma a regra -, com três óbitos.

Em contrapartida, Minas, Bahia, Pernambuco e Paraíba registraram até agora - oficialmente, ao menos - apenas uma morte cada um. E, para o restante dos Estados, todos eles localizados acima do Tropicó de Capricórnio, o Influenza A(H1N1) ainda

é quase uma abstração, conhecida mais pelo noticiário da TV do que por parentes ou conhecidos que o tenham apanhado.

Para os paulistas, que sentiram a temperatura aumentar alguns graus nos últimos dias, a volta às aulas ainda é motivo de

ansiedade - como, por sinal, tudo o que diz respeito à gripe. Contribuem para esse clima as próprias decisões dos governos federal, estaduais e municipais, flagrantemente contraditórias entre si.

Há poucos dias, os governos do Rio de Janeiro e Minas Gerais dispensaram as servidoras grávidas que trabalham

no atendimento ao público, para evitar riscos a elas e aos bebês. Nesta semana, como está noticiado em outra parte desta edição, as visitas de familiares a presidiários em São Paulo estão sendo suspensas. Não soa incoerente que, enquanto medidas profiláticas são tomadas por um lado, por outro se prepare a volta às aulas, como se o risco de contágio em sala de aula fosse apenas uma possibilidade remota?

É uma questão sobre a qual as autoridades da Saúde e da Educação em São Paulo devem refletir, no pouco tempo que resta antes da segunda-feira. Mais que isso: as autoridades precisam

passar em revista suas políticas de comunicação sob a ótica da transparência e do direito dos cidadãos a receber informações claras, precisas e abrangentes.

Estratégias diferenciadas de divulgação dos balanços da gripe (número de casos suspeitos, contágios confirmados, etc.) têm dado margem justa-

mente ao oposto do que pretendem evitar: o receio (para não dizer, o pânico) da população. Nos últimos dias, correntes de e-mails com informações alarmistas sobre um suposto "descontrole" dos casos da gripe têm sido enviadas às milhares para os internautas, levando muitos a acreditar que a situação é bem mais grave do que as autoridades divulgam.

Talvez as dificuldades para levantar informações sobre a epidemia, vencidas diariamente pela imprensa, expliquem o porquê de essas mensagens não serem rejeitadas de pronto, como boatos que são. Os repórteres que trabalham na cobertura da gripe reclamam de dificuldades enormes para checar as informações. Algumas autoridades agem como se tivessem uma responsabilidade messiânica sobre os fatos, e acabam perdendo excelentes oportunidades de manter a população calma, precavida e bem informada.

Achar a atitude correta, a postura ideal na tomada de decisões e nas informações transmitidas é o desafio - em sua essência, vital - para todos os que lidam com o assunto.

ANEXO M – Gentileza gera gentileza



A gripe suína me fez lembrar de uma passagem de livro de Claude Steiner que li há muito tempo (Os papéis que vivemos na vida). O autor, discípulo de Eric Berne, o criador da análise transacional, em certa altura do livro traz o que ele chamou de “Um Conto de Carinhos”. No conto, pai e mãe ensinam seus filhos a não se aproximarem de toda e qualquer pessoa e não só de estranhos e mesmo entre eles - a família - o carinho começa a ser racionado. Tudo por conta da crença de que os carinhos podem se acabar e é preciso guardá-los para ocasiões de troca. “Só te dou carinho se você me der carinho”. Junto com a gripe, vejo na novela das 21h a personagem Melissa que manda beijinhos afetados a dois metros de distância, como se no rosto fosse, e ridiculamente imitada pela empregada. A moda está pegando, não pela Melissa talvez, mas pela gripe suína. Todo contato próximo pode ser perigoso. O volume das informações desencontradas e suspensas deixam todos na dúvida. “Vou ou não vou na balada?”, “Vou no cinema?” “Criança na escola não pode, mas o pai da criança continua andando de ônibus lotado. Daí pode?”, “Se eu me apaixonar, posso beijar?”

E eu pergunto: que faço eu, adepta de abraços apertados, de sentir “os chacras na mesma linha”, como me ensinou a amiga esotérica?

O que diriam os amigos se, de um dia pra outro, começasse a cumprimentar à moda indiana, juntando as mãos, ou mesmo na saudação japonesa, tão respeitosa? A mistura de sangue nas minhas veias traz uma porção de italiano.

Mais uma vez acredito que o que vale é o bom senso. Não vamos tirar da gripe a pior lição, de que devemos nos distanciar de quem nos é querido. O conto de Claude Steiner não tem um final feliz. Ou melhor, não tem um final, ele convida que cada um crie o seu, através de uma série de perguntas para serem vivenciadas no dia-a-dia.

E a gentileza? Que tal falar de outra coisa que não seja a gripe suína?

Se você quiser ler o conto na íntegra acesse o site e juntamente com a coluna de hoje vai poder ler “Um conto de Carinhos”. E deixe lá seu comentário, contando o final que elaborou para você. Estela Casagrande (estela.casagrande@jcruzeiro.com.br)

ANEXO N – Gripe suína

Do Leitor

(cartas@jcrucruzeiro.com.br)

PLENÁRIA CIDADÃ

Os governos democráticos valorizam o cidadão quando instituem meios e fórmulas de lhe proporcionar a efetiva participação em suas decisões que, afinal, interessam a toda a comunidade. É com base nesse conceito que julgo ser uma das maiores virtudes do governo Lippi a iniciativa de realizar as Plenárias de Participação Cidadã. Por meio delas, os municípios podem, segundo suas necessidades e expectativas em torno da administração do Executivo, orientar a elaboração do orçamento municipal. Criada em 2006, essa Plenária vem se desenvolvendo sem interrupções. Neste ano, agora no segundo semestre, ela terá continuidade. A Casa do Cidadão, presente em cinco regiões da cidade, é o local escolhido pelo Prefeito Vitor Lippi para os encontros com os municípios, que se darão do 22 deste mês ao dia dois de setembro. Antecedendo a esses encontros, a Prefeitura fará uma apresentação geral das Plenárias, no próximo dia 19 de Agosto, na Biblioteca Municipal, a partir das 18h30. Por sua própria natureza, esses encontros contam com a livre manifestação de todos, individualmente ou por meio de entidades representativas de seus respectivos bairros. Com o desenvolvimento crescente de nosso município é salutar que todos os seus bairros se apresentem, por meio de seus moradores, para que possam livremente se expressar. Porque eles é que vivenciam os problemas em seu cotidiano e, por isso, podem ajudar o Executivo a direcionar seus investimentos visando a melhor atender as necessidades de cada um dos bairros. As manifestações serão consideradas pelo prefeito que em todas as Plenárias se faz acompanhar de seus secretários. E naquele espaço público por excelência, como é a Casa do Cidadão, a voz do público será ouvida em diálogo que se estabelecerá sem quaisquer discriminações ou barreiras. Ressalto que a esses encontros a Câmara Municipal sempre se faz presente e manifesta-se por meio de seus integrantes, elencando as mais expressivas prioridades visando a melhorar a vida da cidade e das pessoas. Desse modo, o prefeito Lippi dá exemplo de como respeitar o desejo da cidadania de participar de forma criadora e democrática no exercício do Poder Público e, assim, promover um desenvolvimento mais equilibrado e justo de nossa cidade.

PAULO MENDES, VEREADOR

GRIPE SUÍNA

Inicialmente, quero cumprimentar efusivamente o prestigioso jornal pelo seu editorial de hoje; são perfeitas suas indagações e colocações feitas a respeito do caos informativo que permeia o assunto "gripe H1N1"; tão grave quanto o surto gripal é a epidemia de informações de diferentes fontes, muitas meramente especulativas, que acabam gerando condutas e ações desencontradas a nível da população leiga, que assustada e desorientada, não sabe para onde correr: nossas crianças, gestantes, idosos, imunodeficientes, não podem ficar à mercê de desinformações e condutas aleatórias, na vigência da pandemia de uma doença altamente contagiosa, da qual são os alvos preferenciais. Não vemos o estabelecimento Regulamento

de medidas concretas, fundamentadas, hierarquizadas, gerando orientação clara para conter a disseminação dos contágios no seio da nossa população. Sujiro convidar notáveis professores de medicina, dos quais me orgulho de ter sido aluno, como dr. Mario Candido Gomes e Edgar Steffen, para tecerem considerações e eventuais sugestões sobre como enfrentar esta calamidade, advindas do seu notório e reconhecido saber.

MOIZÉS ROZENKWI, MÉDICO

AUDITORIA EM ESCOLAS

O jornal Folha de S. Paulo do dia 10/8, publicou matéria sobre auditoria que o Tribunal de Contas do Estado (TCE) realiza em escolas da rede estadual de ensino que passam ou passaram por reformas, constatando inúmeras irregularidades. A auditoria decorre da aprovação, com ressalvas, das contas do governador José Serra referentes a 2008.

De acordo com o jornal, os técnicos apontam diversos "problemas visíveis" na execução das obras, como curtos-circuitos, goteiras e refluxo de esgoto, entre outros. A conclusão é que reformas foram malfeitas e não tiveram fiscalização adequada, em 23 das 31 escolas visitadas. No ano passado, o programa de reformas de escolas consumiu R\$ 261,5 milhões, equivalente a quase metade do gasto para pagamento de bônus por desempenho aos docentes. Neste ano, as reformas deverão receber R\$ 363 milhões. O TCE apontou falhas na fiscalização das obras, ação a cargo da FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação, órgão da Secretaria da Educação). O serviço foi terceirizado para oito grupos de empresas, que receberam R\$ 34 milhões (cerca de R\$ 4 milhões cada um). Como se vê, um desperdício de dinheiro! De acordo com a auditoria, "mesmo com as contratações de consórcios de empresas de engenharia, em face das inúmeras ocorrências negativas relatadas neste trabalho, a fiscalização foi negligente em relação às falhas observadas".

Os problemas detectados pela auditoria do TCE não constituem novidade para os professores da rede estadual de ensino e seus alunos, obrigados a conviver com escolas com péssima estrutura e que, mesmo quando reformadas, continuam a apresentar graves problemas.

Nós, da Apeesp, temos reiterado ao governo, diretamente e através dos meios de comunicação, que não adianta culpar os professores pelas deficiências do ensino, se não forem oferecidas as condições objetivas e subjetivas necessárias ao pleno desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Tais condições exigem infra-estrutura adequada nas unidades escolares, mas não se limitam a elas. É preciso que haja uma política efetiva de valorização de professores e demais profissionais da educação; jornada de trabalho adequada, vinculada à realização de um programa de formação continuada dos professores no próprio local de trabalho; gestão democrática e liberdade para que as unidades escolares formulem e implementem seu projeto político-pedagógico, através do conselhos de escola; financiamento suficiente e a garantia de que o professor possa exercer com plenitude seu ofício de ensinar.

MARIAIZABEL AZEVEDO NORONHA,
PRESIDENTA DA APEESP

CARTAS enviadas para esta seção devem ser enviadas à Redação pelo correio (endereço no Expediente, página A2), fax (2102-5190) ou via Internet (e-mail: cartas@jcrucruzeiro.com.br) assinadas e acompanhadas de nome e sobrenome completos (sem abreviações), número de documento de identidade, endereço e telefone, se houver. Não serão aceitas cópias, nem cartas publicadas em outros veículos de comunicação. A Redação reserva-se o direito de resumí-las, caso julgue necessário. Artigos, em princípio, não serão publicados; as exceções ficam a critério da Redação. Não devolvemos originais.

ANEXO O – Para infectologista, pobre corre mais risco

Para infectologista, pobre corre mais risco

Leandro Nogueira

O fato das pessoas com poucos recursos viverem muitas vezes precariamente, seja em relação aos hábitos como às moradias, fazem com que corram mais riscos de contraírem o vírus da Influenza A(H1N1). Essa é a opinião do médico pediatra, infectologista e coordenador da disciplina de moléstias infecciosas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Carlos Alberto Emílio Leopoldo Lazar. "Ainda não temos estatísticas demonstrando se o vírus atinge mais uma determinada classe social", enfatizou ao explicar que, por enquanto, não há estudos que comprovem a tendência que apontou.

Mas na opinião do infectologista Carlos Lazar ela existe porque as pessoas com menos recursos financeiros vivem em maiores aglomerações e muitas vezes sem condições para adotar medidas eficientes contra o vírus. Um dos exemplos citados pelo médico é que quem tem qualquer tipo de gripe precisa usar uma toalha separada do restante da família, seja ela a banho ou a de rosto. "A toalha mais adequada seria a descartável (...) será que os mais pobres terão condições de ter uma toalha só deles? Terão utensílios em quantidade suficientes para separar do restante da família?" questiona.

A proximidade das pessoas no transporte público, geralmente superlotado, facilita a transmissão do vírus. Lazar diz que, no entanto, é um exagero o uso de máscaras por temor à nova gripe dentro dos ônibus. Mas diz que é importante que não seja colocada a mão no rosto e que seja lavada quando chegar ao destino. Lembra que nem todos os banheiros, inclusive o de algumas rodoviárias, há sabonete, toalha descartável e algumas vezes até água.

Segundo o médico, há mais riscos da transmissão do vírus nos ônibus intermunicipais e fretados do que naqueles de transporte urbano. O infectologista explica que enquanto nos urbanos a troca de ar é constante porque frequentemente as portas são abertas para o embarque e desembarque de passageiros, os intermuni-

pais equipados com ar-condicionado fecham as portas na origem e só voltam a abri-las no destino.

Escolaridade

O grau de escolaridade é outro fator que pode aproximar ou distanciar as pessoas do Influenza A(H1N1). "Quem tem mais escolaridade no nosso país? Os de maior escolaridade vão ter maiores condições de conhecer o problema, se proteger da doença e ter atendimento médico melhor", disse Lazar também relacionando a influência da escolaridade na remuneração do brasileiro.

Nas escolas, citou que nada garante que o fato das aulas terem sido adiadas fizeram com que não ocorressem transmissões dos estudantes em outros ambientes, mas aprovou a medida como prevenção. E chamou a atenção para a diferença das escolas particulares com as públicas. "As particulares adotaram o álcool gel para uso dos alunos nos banheiros. E as escolas públicas nas periferias? Acho difícil conhecendo os banheiros que existem em algumas delas", declarou o médico.

Beijos e abraços

Tradicional hábitos culturais devem ser evitados durante a atual pandemia na opinião do médico infectologista Lazar. "O abraço, beijo e aperto de mão devem ser evitados", disse Lazar. Ele reconhece que deixar de cumprimentar outra pessoa é um sinal de má educação, mas na atual circunstância, com a dúvida de quem está ou não contaminado com o vírus, tem que evitar.

Na opinião do médico o cumprimento com contato físico deve ser evitado, principalmente com as pessoas com quem não se conhece os hábitos de higiene. Ele citou como exemplo o fato de, nas celebrações católicas, os fiéis terem deixado de se cumprimentar com o aperto de mãos ao desejarem "a paz de Cristo". "Provavelmente os padres pediram para as pessoas não se aproximarem tanto. O ideal seria permanecer a um metro de distância", disse Lazar.



Médico Carlos Alberto Emílio Leopoldo Lazar

ANEXO P – Câmara considera ações contra a gripe insuficientes

Câmara considera ações contra a gripe insuficientes

Leandro Nogueira
e Marcelo Andrade

No plenário, parte dos vereadores cobrando informações detalhadas sobre os casos suspeitos, reclamações de pacientes quanto aos atendimentos e ações mais rigorosas da Prefeitura para prevenir a transmissão do vírus da nova gripe em Sorocaba. Na tribuna, a equipe da Secretaria Municipal da Saúde explicando que segue a recomendação do Ministério da Saúde (MS). Tal versão não convenceu todos os legisladores que cobram providências específicas para a cidade. Para justificar, os profissionais da Saúde usaram frases como "O vírus está circulando em todos os ambientes... Então significa que está aqui. E ninguém está usando máscaras", ou ainda "é a mesma recomendação para todos, o tempo inteiro. E que Deus ajude todos nós". A reunião entre vereadores e Secretaria da Saúde ocorreu ontem durante a sessão de Câmara a pedido do vereador presidente da Comissão Legislativa de Saúde, Luís Santos (PMN).

A diretora da Saúde Coletiva, Consuelo Matiello, afirmou que o MS reforça em todos os seus boletins que seja preservada a identidade das pessoas e por isso "estamos tomando o cuidado do sigilo da identidade e o bairro da residência". Lembrou que o MS recomendou que os pacientes com casos leves da doença devem voltar para casa sem colher exame e desde quando o Governo Federal passou a fornecer o boletim uma vez por semana a Prefeitura adotou o mesmo posicionamento. "As entrevistas coletivas resolvemos dá-las sempre que houver algo relevante, ou mudanças das normas e condutas", disse Consuelo Matiello.

O vereador Francisco França (PT), que acionou o Ministério Público para investigar os procedimentos da Prefeitura em relação à gripe, disse que várias cidades tem tomado decisões além das orientações do MS. "Temos casos de óbito que só puderam participar pessoas da família, com máscaras e caixão



Consuelo Matiello e Pedro Borges da SES foram à Câmara esclarecer dúvidas dos vereadores

lacrado. A situação é muito grave e a população precisa ter informação diária de tudo o que acontece", disse França. Acrescentou que em Salvador (BA) tem equipes cuidando da limpeza e orientando as pessoas nos terminais de ônibus. "E nos terminais de Sorocaba, quais são as medidas preventivas? E nos banheiros? Esta semana temos quatro grandes shows. Quais serão as ações nesses eventos?", questionou França.

Na opinião do vereador Anselmo Neto (PP) seria importante que as pessoas soubessem quem são os suspeitos de estarem com a nova gripe pois eles estão fazendo tratamento na própria residência. "Tive um amigo que recebeu o diagnóstico de virose no dia 5 de julho. No dia 7 de julho voltou ao hospital com tosse e sintomas de gripe, não fizeram o exame, e novamente mandaram para a casa. No dia 9 voltou com todo o pulmão comprometido, ficou internado e depois de 20 dias morreu com 35 anos; não era grupo de risco, não bebia e não fumava", relatou o Anselmo Neto. E recebeu a resposta de Consuelo Matiello, "volto a afirmar, os protocolos de procedimentos são estabelecidos pelo MS, que no momento orienta atenção nos casos graves, para evitar óbitos". Disse que os leves são atendidos por qualquer profissional de saúde, em qualquer lugar.

O presidente da Comissão

de Saúde da Câmara, Luís Santos, questionou sobre a falta de informações na prestação de contas da Secretaria da Saúde, quanto à treinamento de pessoas para auxiliar na prevenção e tratamento da doença. Perguntou quais são os cuidados no preparo das merendas escolares, ônibus, se há fiscalização nas rodovias de passageiros que chegam com sintomas na rodoviária e a criação de espaços de observação.

O infectologista da Vigilância Epidemiológica, Pedro Borges, respondeu que foram feitos inúmeros treinamentos em hospitais, unidades básicas, pronto-atendimento, além de trabalhos em conjunto com a secretaria da Educação. "Com relação à merenda (...) os cuidados com higiene devem ser permanentes", declarou.

Sob Controle

A versão da diretora da Saúde Coletiva, Consuelo Matiello, diz que esse não é um momento de gravidade. "Sorocaba, neste momento, tem casos da doença, mas está sob controle porque não temos falta de vagas no atendimento; não faltam vagas em hospitais", declarou. Segundo ela os casos com suspeita e que foram a óbito receberam atendimento. "Não foram pessoas que morreram sem atendimento, sem atenção. Temos que ter cuidado, mas não sensação de desespero e pânico", afirmou.

ANEXO Q – Arcebispo recomenda mudança nas missas

Arcebispo recomenda mudança nas missas

Em decorrência da pandemia de influenza A (H1N1), a Igreja Católica recomenda que os fiéis fiquem atentos e modifiquem algumas práticas comuns durante as celebrações religiosas. As mudanças têm o intuito de evitar o contato entre as pessoas e a possível transmissão do vírus.

O arcebispo da Arquidiocese de Brasília, dom João Braz de Aviz, orientou que se evite o abraço da paz, que a comunhão seja feita nas

mãos, e que, durante a oração do Pai Nosso, os que quiserem, não deem as mãos. São pequenas coisas, mas que podem ajudar, afirmou. Dom João disse que já orientou alguns padres, mas que no domingo (16) fará o anúncio oficial em seu programa de rádio.

Na catedral Rainha da Paz, da Arquidiocese Militar de Brasília, o padre Silas afirmou que essas práticas já estão sendo evitadas. Estamos aconselhando as pesso-

as a manterem as mãos limpas e, na hora da comunhão, dar a comunhão na mão, preferencialmente afirmou.

No Santuário Nossa Senhora de Fátima, algumas recomendações do arcebispo estão sendo seguidas há dois domingos. Antes a gente deixava pegar a hóstia na mão e pôr no cálice, agora a gente não dá o vinho, só o pão, e dá a hóstia na mão, afirmou Frei Odolir. De acordo com o frei, as mudanças estão sendo bem aceitas pelos fiéis. **(AE)**

ANEXO R – A luta contra a gripe suína

A LUTA CONTRA A GRIPE SUÍNA também depende de você!



Berilda, Cruz Alta, RS.
Apesar de toda a prevenção realizada contra a gripe suína pelo mundo, a doença já é uma realidade no Brasil. Foi para evitar a disseminação da doença em São Paulo e muitas outras cidades, várias escolas adotaram medidas de prevenção para que o micro-organismo não se espalhe facilmente entre os alunos. Os educadores também devem estar atentos aos sintomas, o que ajuda a evitar a propagação da doença. Para quem já tem a doença, é importante evitar o contato com familiares e amigos, para que não se propague ainda mais.

O que fazer para se prevenir?
Acostumar-se a lavar as mãos mais vezes do que já lavamos. Certo? Agora tem que ser diferente. Depois de cada contato com outros objetos, depois de ir ao banheiro, depois de tocar em superfícies, depois de tossir ou espirrar, depois de usar o nariz ou a boca.

Não custa lembrar que ao tossir ou espirrar, devemos sempre cobrir a boca com o cotovelo ou a dobra do braço. Não usar lençóis para limpar o nariz. Não usar lençóis para limpar o nariz. Não usar lençóis para limpar o nariz.



Lavando as mãos corretamente

Use quantidade de sabão suficiente para que a espuma cubra toda a superfície das mãos (costas e palmas). Esfregue as mãos durante 15 a 20 segundos. O sabão deve ser líquido e mais fraco, pois as mãos do esportista de barra podem virar "morcego" dos micro-organismos.

Depois da esfregação, evasque tudo. Se estiver fora de casa, prefira toalha descartável e aproveite a toalha para fechar a torneira e só depois jogue o papel na lixeira.

A LUTA CONTRA A GRIPE SUÍNA também depende de você!



Quem pode fazer de uma pessoa está com o vírus é um médico?
Não, quem pode fazer de uma pessoa está com o vírus é um médico. Quem pode fazer de uma pessoa está com o vírus é um médico.

Quais os sintomas da gripe suína?
Eles são muito parecidos com os da gripe comum: febre, tosse, garganta inflamada, dor no corpo, dor de cabeça, nariz escorrendo e olhos vermelhos. Mas quem tiver os sintomas só por um profissional.

É ruim tomar vacina contra a gripe?
A vacina oferecida pela rede pública não protege contra o novo vírus H1N1. A vacina oferecida pela rede pública não protege contra o novo vírus H1N1.

Prevenção

- Evitar lugares fechados e aglomerações
- Lavar mãos com frequência, usando água e sabão
- Evitar tocar nos olhos, boca e nariz
- Não compartilhar objetos de uso pessoal, como talheres, copos e toalhas

O correto é quem estiver doente evitar o contato com outras pessoas e proteger as outras pessoas.

CRUIZEIRO DO SUL, SOROCABA, 2 DE AGOSTO DE 2009

75 ANOS

CRUIZEIRO DO SUL, SOROCABA, 2 DE AGOSTO DE 2009

75 ANOS

ANEXO T – Gripe suína e o turismo

Gripe suína e o Turismo

A gripe suína tem modificado o comportamento de turistas do mundo todo



Guto Brinholi

Como já devo ter dito por aqui, menos de uma semana antes de sair do Brasil fui convidado a escrever semanalmente no Caderno de Turismo. Agora sou obrigado a

dizer que depois da Crise Mundial, quem está em crise sou eu. Afinal, como é que vou ficar escrevendo sobre lugares bonitos, viagens fantásticas (que ainda não fiz) se as autoridades sanitárias advertem para o risco de contaminação pelo vírus H1N1

nas viagens de férias? Aqui na Alemanha, por exemplo, com o retorno de muitos turistas de viagens feitas a Espanha principalmente, os casos aumentaram até 3 vezes mais, em menos de 24 horas na segunda semana de julho. Algumas escolas foram fechadas e quem viaja é aconselhado a se vacinar contra outras doenças como Hepatite A ou sarampo, pois de acordo com Thomas Löscher, diretor do Departamento de Doenças Infecciosas e Medicina Tropical da Universidade Ludwig Maximilian, de Munique, a "maioria das pessoas que até agora morreram em consequência da nova gripe estavam enfraquecidas por outras doenças" (fonte dw-world.de). Então eu é que não vou ficar instigando ninguém a viajar pra depois alguém reclamar que faço "Apologia a Gripe", caso a coisa venha a ficar pior do que já está.

Ainda bem que gripe suína não tem nada a ver com comer carne de porco, do contrário estaríamos perdidos na Alemanha. Já dizem por aqui que enquanto alguém espirra ou tosse não tem problema ficar perto, mas quando faz "óinc óinc" é bom manter distância. (quando eu lia Chico Bento porco fazia óinc-óinc, ainda é assim?)

Se por um lado os gastos para conter a pandemia são enormes, há lucro também para algumas empresas. A britânica GlaxoSmithKline já vendeu 195 milhões de doses por antecipação e tem mais encomendas para o segundo semestre e o próximo ano. A suíça Novartis também relata que tem muitas encomendas e negocia venda com 35 países. A indústria farmacêutica vê realmente a balança ser afetada positivamente com os medicamentos contra a gripe. A venda do Tamiflu garantiu à suíça Roche mais de 650 milhões de euros no primeiro semestre de 2009 e até o final do ano estes números devem duplicar.

Com a pandemia confirmada é hora de lavar as mãos. Apesar de alguns levarem esta sugestão para áreas da política, esta é uma indicação dos médicos sanitaristas para combater males como a gripe suína. Para problemas de ordem política e moral, lavar as mãos não ajuda em nada.

O músico sorocabano Guto Brinholi, que está morando na Alemanha, escreve semanalmente para o suplemento Turismo, mostrando lugares interessantes de se conhecer no Velho Mundo.

VIAGENS
a partir de US\$ 2.170
\$ 217

a partir de US\$ 1.647
549

a partir de US\$ 1.659
237

passagem a partir
ou 3x de US\$ 631

viagem a partir
ou 5x de US\$ 778

seem
na, Recife
2009, 05 dias
de R\$ 195

de Janeiro,
Angra, Santos
05 dias
x R\$ 48,40

de Janeiro, Ilhabela,
stos
05 dias
x R\$ 96,06

dia
de Janeiro, Búzios,
ps
05 dias
x R\$ 96,06

**SANTA
SILEIROS**
a, Haifa,
zareth, Tel Aviv
15/11 e 06/12
de US\$ 329

**RÉVEILLON
AMÉRICA DO SUL**
Santiago
Saída 27/12/09: 6 dias, 5 noites
A partir de US\$ 1.139
Buenos Aires
Saída 31/12/09: 5 dias, 4 noites
A partir de US\$ 669
Buenos Aires e Mendoza
Saída 26/12/09: 8 dias, 7 noites
A partir de US\$ 2.069

**EUROPA
10x SEM JUROS**
Lisboa A partir de US\$ 1.141
Paris A partir de US\$ 1.159
Barcelona A partir de US\$ 1.277
Madri A partir de US\$ 1.170
Roma A partir de US\$ 1.190
Londres A partir de US\$ 1.197

**ORLANDO, SÓ
PARA MULHERES**

Aproveite as promoções do feriado
Thanks giving
Compre nos mais famosos
shoppings e outlets
Melhores marcas
Valores dos apartamentos
Quadruplo US\$ 1.358

COTAS DE LUA DE MEL
AQUISIÇÃO DE PACOTE, INDIVIDUAL
OU PARTICIPANDO DE COTAS COM
OUTROS CONVIDADOS. LIGUE NA
MONÇÕES E INFORME-SE SOBRE
AS OPÇÕES E ROTEIROS DISPONÍVEIS

MONÇÕES
TURISMO

www.moncoes.com.br
Aqui seu sonho viaja
01.5757 2101.0008

ANEXO U – H1N1, globalização da gripe

Artigo

H1N1, globalização da gripe e adiamento da volta às aulas

João Luís de Almeida Machado

Notícia mais do que frequente nos noticiários internacionais há alguns meses, a gripe suína, como ficou popularmente conhecida, ou o vírus Influenza A (H1N1), mudou a rotina da educação brasileira neste segundo semestre ao adiar o retorno de milhares de estudantes às aulas. Medida de prevenção tomada pelo MEC a partir de recomendação das autoridades públicas da área de saúde, o adiamento da volta às escolas, adotado pela maioria das redes públicas municipais e estaduais e também por instituições particulares, foi importante e decisiva na luta contra a propagação do vírus.

Não foi plenamente compreendida e aceita por todos. Os pais, por exemplo, em muitos casos, têm demonstrado alguma insatisfação e impaciência pela extensão das férias escolares. Os filhos em casa significam trabalho e gastos adicionais, além de preocupação para quem está na labuta diária e precisa manter olhos e ouvidos atentos quanto aos acontecimentos domésticos, ainda que à distância.

Adiar a volta às escolas significa evitar que durante o inverno, ainda vigente e rigoroso, em que há altas taxas de umidade (especialmente nos estados do Sul e Sudeste do país), se criem condições propícias à propagação da doença entre as crianças, adolescentes e jovens. Os pesquisadores já sabem, por exemplo, que a incidência do H1N1 é maior em ambientes fechados, de pouca circulação de ar, em ambientes de baixa temperatura e alta umidade.

Neste sentido, as salas de aula dos estados mais frios do país - como São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - são locais mais do que certos para que essa epidemia globalizada se propague e atinja mais pessoas. E, no caso das escolas, especialmente no que se refere às unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental, constituem ainda localidades onde se concentra um grande contingente de pessoas de um dos maiores grupos de risco, as crianças.

Postergar o retorno foi, então, medida sábia e cautelosa que, certamente, trará muito mais benefícios do que prejuízos à comunidade. Ainda que, para as escolas, isso represente modificações nos planos de ação para o semestre que se inicia, com o possível prolongamento das aulas no final do ano, a alteração de períodos de avaliação previamente previstos e adiamento de atividades extracurriculares.

Além do adiamento, é igualmente necessário que os profissionais que atuam nas escolas - dos diretores aos serventes, passando principalmente pelos professores - sejam orientados quanto às medidas sanitárias preventivas a serem tomadas após o retorno dos alunos.

Os agentes de saúde pública têm divulgado, por exemplo, a necessidade de se lavar constantemente as mãos, manter janelas e portas abertas para a circulação do ar, utilizar lenços descartáveis ao espiralar, evitar a qualquer custo que espirros sejam desferidos na direção de outras pessoas e, também, o uso de álcool gel para esterilizar as mãos de todos.

Preparar todos os profissionais da escola para essa ação é um segundo e decisivo passo para que essa epidemia global seja contida e não faça mais enfermos e vítimas fatais. A continuidade da ação, enquanto o vírus estiver ativo, é de vital importância para que superemos essa crise de saúde pública globalizada.

E é justamente neste ponto, a globalização da doença, que está uma característica própria dos tempos que estamos vivendo e que, de alguma forma, tem gerado entre muitas pessoas algumas dúvidas, certo temor e até mesmo ações que denotam preconceito. Os sintomas do H1N1 (febre, tosse, garganta inflamada, dores no corpo, dor de cabeça, calafrios e fadiga... há ainda relatos de diarreia e vômitos) são muito parecidos com aqueles da gripe comum e o diagnóstico da gripe suína é bastante difícil até mesmo para experientes profissionais da saúde. A doença foi detectada quanto aos seus diferenciais a partir de abril deste ano, tendo surgido inicialmente nos Estados Unidos, México e Canadá. De abril para cá, tendo passado apenas 4 meses, o vírus Influenza A (H1N1) se propagou para todos os continentes, atingiu mais de 180 países e tornou-se global. Chegou aos quatro cantos do mundo.

É preciso compreender que diante das novas prerrogativas mundiais, caracterizadas pelo constante intercâmbio de pessoas, num ir e vir diário a partir de todos os países e continentes, a probabilidade de novas epidemias globais sempre existirá. A própria história, a partir de dois casos célebres, em que o mundo vivia uma constante de viagens intercontinentais, demonstra o fato e comprova a necessidade da ação conjunta dos países, orquestrada por órgãos e entidades internacionais, como a Organização Mundial de Saúde, da ONU, na luta contra tais epidemias globalizadas.

As viagens empreendidas pelos europeus ainda durante a Idade Média, rumo ao Oriente, em busca de especiarias e variados produtos que os enriqueciam em seu comércio interno, acabaram trazendo para o Velho Continente (a Europa) a Peste Negra. Outro momento histórico de vulto em que tal fato ocorreu foi a Gripe Espanhola, detectada em 1918 e que, de acordo com estudiosos, teria atingido os Estados Unidos, a partir da Europa, em virtude do envolvimento da nação norte-americana na 1ª Guerra Mundial e as constantes viagens empreendidas a partir de então.

De qualquer forma, o que se pretende demonstrar é que existe a necessidade de esforços reunidos por parte de todas as nações para que medidas sanitárias e de saúde pública sejam utilizadas para prevenir tais endemias, que em virtude das condições de globalização tendem a crescer.

João Luís de Almeida Machado é editor do Portal Planeta Educação (www.planetaeducacao.com.br) e doutor em Educação pela PUC-SP

ANEXO V – Cautela e caldo de galinha...

Artigo

Cautela e Caldo de galinha...

...não fazem mal a ninguém (dito popular)

Edgard Steffen

Alguém espirra. Ainda que não se conheça o espirrador, costuma-se dizer "Saúde!". De onde vem isso? Para alguns, da Idade Média, durante a Grande Peste. A peste - transmitida ao homem a partir de ratos, através de suas pulgas - apesar da alta letalidade, dava alguma chance de sobrevivência quando se manifestava por bubões (ingua) no pescoço, axilas e/ou região inguinal do paciente. Quando a *Yersinia pestis* comprometia o pulmão, tornava-se independente da pulga para passar do doente ao suscetível. E o pior: a peste pneumônica não dava chance de sobrevivência ao pestado. Gritar "saúde!" seria auspício "tomara que você não esteja com peste...". Subliminamente, talvez quisessem completar "para que você não me passe a doença!".

Outra versão reza que o exclamativo "Saúde!" teria surgido com o pavor que a chamada Gripe Espanhola desencadeou na população. A letalidade era dez, ou mais vezes, superior à da atual pandemia "suína". O significado (tomara que você não esteja doente) e a intenção (para que eu não me contamine) seriam os mesmos.

Em artigo anterior* relatei que o apelido "espanhola" (escrescia-se Hespânia e hespanhola) teria sido cunhado porque a doença chegou, ao Brasil, trazida por navio de imigrantes ibéricos. Hoje, estou mais convencido de que a origem do nome está ligada à 1ª Grande Guerra. Enquanto os países envolvidos na conflagração procuravam esconder suas baixas, a neutra Espanha não teve essa preocupação e divulgou estatísticas reais de doentes e mortos, no que incluíram a figura ilustre de seu Rei D. Alfonso XIII.**

A "Hespanhola" pegou a comunidade médica de calças curtas. Estatísticas divergem, conforme a fonte consultada, mas o Brasil teria perdido 300 mil almas; entre elas figuras eminentes como o futebolista Belfort Duarte, a educadora Anália Franco e o reeleito Presidente da República Rodrigues Alves (não chegou a tomar posse). Sorocaba, entre inúmeras

Nos tempos da 'hespanhola' pouco se sabia. Os órgãos de Saúde Pública limitavam-se a medidas risíveis como, por exemplo, recomendar caldo de galinha na prevenção e limonada purgativa no tratamento

veias mortas, teria perdido o médico dr. Alvaro Soares.

Hoje - aumentados os conhecimentos sobre o vírus causador e possibilidade em se produzir vacina eficaz, dentro de alguns meses - contamos com drogas antivirais para o (H1N1) e antibióticos para as complicações bacterianas. A OMS e o Center of Diseases Control (Atlanta - EUA) têm protocolos que padronizam medidas efetivas contra a pandemia. Essas medidas foram adotadas pela Vigilância Epidemiológica de nossa cidade, como bem demonstraram a enfermeira Consuelo Mattiello e o dr. Pedro Borges de Andrade Filho, convocados à Câmara Municipal para debater o problema.

Nos tempos da "hespanhola" pouco se sabia. Os órgãos de Saúde Pública limitavam-se a medidas risíveis como, por exemplo, recomendar caldo de galinha na prevenção e limonada purgativa no tratamento. Médicos e farmacêuticos prescreviam sais de mercúrio, quinine, laranja-da, suco de limão. Em consequência, o que se viu foi falta de laranja, limões e galinha, nas feiras, e alta nos preços do quinine e outros remédios, nas boticas. Um laboratório experto lançou mezinha com o sugestivo nome "Gripina"; seus donos, se não morreram de influenza, devem ter enriquecido.

Noventa anos se passaram desde que a "Espanhola" encerrou seu ciclo pandêmico. A mal apelidada "gripe suína" está aí a assustar todo mundo. O povo reclama da falta de atenção às suas justas aspirações de consultas, medicamentos e leitos hospitalares. Obitos em manchete na TV e nos jornais, filas nos ambulatórios, falta de insumos (medicamentos, máscaras, álcool-gel, etc.) são traduzidas - com ou sem justificativa - como falta de vontade ou competência para resolver a questão. Para os opositores, parece que os governos nada fazem. Aproveitadores surgem com novas dietas e novos remédios para atrair prosélitos às suas crendices e caixas registradoras.

Na verdade, nesses dois anos em que o vírus A (H1N1) irá circular entre nós, o que podemos recomendar é muito parecido com os tempos da espanhola: evitar aglomerações, abster o aperto de mão, lavar as mãos com frequência, isolar no domicílio quem apresente sintomas respiratórios... tudo isso é cautela. O resto... bom, o resto é caldo de galinha.

(*) Você, os 3 Presidentes e a Gripe - Cruzeiro do Sul, 30/04/2005
(**) Sclar, M. - A Fúria da Gripe Espanhola - www.hist.abril.com.br

Edgard Steffen é médico pediatra (edgard.steffen@gmail.com)

Quarenta ano depois

Como sempre ocorre quando um evento completa quarenta anos sem ser esquecido ou perder o significado, a Feira de Artes e Música de Woodstock (realizada entre 15 e 18 de agosto de 1969, na cidade de Bethel, Nova York) está sendo festejada pela imprensa com uma série de artigos e reportagens.

Woodstock está para a cultura pop e o comportamento de toda uma geração como a pisada do homem na Lua (que também completou quarenta anos) está para a história da exploração científica. Um momento que, sem procurar por isso, conseguiu sintetizar o espírito daquela juventude em todo seu vigor e criatividade.

O festival foi um grito de conformismo de jovens emparedados entre a possibilidade de envelhecer sem alegria, dentro de um sistema que elegeu o consumo como expressão máxima da realização humana, ou morrer espetados em armadilhas de bambu, lutando contra os vietcongs no outro lado do mundo.

Comumente, Woodstock é apontado como uma referência sociocul-

tural em que o “pular fora”, a busca de estados mentais alterados pelas drogas e a negação de valores tradicionais, atitudes típicas dos hippies, convive lado a lado com um ativismo embrionário, presente na luta pelos direitos civis, contra a guerra do Vietnã e

Woodstock é apontado como uma referência sociocultural em que o “pular fora”, a busca de estados mentais alterados

pelas drogas e a negação de valores tradicionais, atitudes típicas dos hippies, convive lado a lado com um ativismo embrionário

como as drogas, viraram pesadelos. Outros azedaram quando os astros do rock começaram a andar de limusine e se distanciar do espírito rebelde que era a alma da contracultura. Mas o principal, a celebração da juventude e da liberdade, continua sendo um motivo de inspiração para quem viveu aquela época, e até para quem chegou depois.

A dura decisão dos pais

Está difícil para a população, assustada com o perigo da gripe suína, entender onde as autoridades pretendem chegar com as medidas de prevenção ao contágio pelo vírus A(H1N1). A Prefeitura de Sorocaba cancelou os shows das comemorações dos 355 anos da cidade, para evitar as aglomerações de pessoas, mas manteve o reinício das aulas para esta segunda-feira, nas 126 escolas da rede municipal.

Ora, se instalar saboneteiras com álcool e caprichar na limpeza são medidas suficientes para evitar o alastramento do vírus, por que não fazer o mesmo nos teatros e recintos de shows, e manter a programação? Por outro lado, se eventos artísticos (alguns em locais abertos e com duração máxima de duas horas) são considerados propícios ao contágio, o que dizer de salas de aula em que os alunos compartilham o mesmo ambiente por mais de cinco horas, todo dia?

Qual é a lógica de uma profílexia que cancela eventos artísticos, onde só vai quem quer, e libera as atividades nas escolas, onde a presença é obrigatória?

É uma situação delicada para os pais, que precisam decidir com a responsabilidade que só eles detêm - moral e legalmente - se mandam os filhos para a aula ou os mantêm em casa, com o risco de perderem provas e até o ano letivo. Caberá aos pais decidir se confiam ou não confiam nas autoridades, conscientes de que estas se mostram, no mínimo, confusas sobre o melhor a fazer.

Editorial

Férias prolongadas

Os responsáveis pelas redes municipal e estadual de ensino, escolas particulares, universidades públicas e faculdades privadas ouviram a voz da prudência e adiaram, por prazos variados, a volta às aulas que deveria acontecer na última semana. No Colégio Politécnico de Sorocaba - Jornal Cruzeiro do Sul - FUA, que havia iniciado suas atividades no dia 23, o calendário também foi revisado, e os alunos voltaram a entrar em férias, até o dia 17 de agosto. Em Votantim, as atividades da rede municipal e creches foram suspensas no mesmo dia em que haviam sido iniciadas (27/07), devido à confirmação do primeiro diagnóstico de gripe suína no município.

É possível que essas decisões ainda precisem ser revistas, com o prolongamento das férias por mais algumas semanas, dependendo de dois fatores principais: a duração da estação fria, que geralmente se estende por todo o mês de agosto, e as condições de alastramento da gripe, cujos casos ainda se multiplicam sem dar sinais de estabilização. Na

sexta-feira, divulgou-se um novo balanço das mortes, segundo o qual o Estado de São Paulo registrou 37 falecimentos desde 30 de junho. Desses, 27 (72%) foram registrados entre os dias 23 e 31. São Paulo já é o Estado com maior número de óbitos, em todo o país.

Esses números não são motivo para pânico, mas indicam que é necessário ter cautela. Nos últimos dias, o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, foi pessoalmente à imprensa para tentar tranquilizar os brasileiros, apresentando números segundo os quais a letalidade do vírus Influenza A(H1N1) (gripe suína) e da gripe sazonal (comum) são muito semelhantes. Especialmente no Brasil, país cuja letalidade do H1N1 é até agora uma das mais baixas do mundo, a gripe suína não tem provocado proporcionalmente mais mortes do que aquelas que já

eram registradas normalmente todos os anos, por complicações decorrentes de gripes comuns.

Entretanto, isso não significa que não se devam tomar cuidados, ou que a gripe não seja perigosa. Boleto divulgado na sexta-feira pelo Ministério da Saúde confirma que o risco de morte aumenta em 3,46 vezes, se apenas um dos fatores de risco estiver presente. Diversos casos de gestantes vitimadas pela doença foram registrados nos últimos dias, evidenciando que a gestação está entre os fatores de risco, assim como a hipertensão e as cardiopatias (doenças do coração).

Desencontros em postos de saúde e nas recepções dos hospitais, como aqueles registrados por este jornal na semana passada, não ajudam a criar um clima de segurança na população.

O adiamento das aulas é medida de bom senso, diante dos riscos que

ainda nem parecem ter sido exatamente delimitados, e da possibilidade de não ampliar a transmissão do vírus, com contágio menor não só para os estudantes, mas para toda a população. Todos sabem que o vírus da gripe é transmitido com maior facilidade em ambientes fechados, como salas de aula. Mesmo em lugares ventilados, porém, é possível que se dê a contaminação, já que o vírus pode sobreviver muitas horas em objetos como maçanetas e barras de apoio de ônibus, de onde são levados pelas mãos para o nariz, a boca e as vias respiratórias.

Enquanto os estudantes estejam em casa, ao menos não haverá um fator maior de propagação do vírus do que já houve em junho, durante as férias escolares. É claro que o adiamento das aulas bagunça os calendários e compromete, por antecipação, as férias do final do ano. Mas, por outro lado, a população ganha um pouco mais de tranquilidade para atravessar o período mais difícil da gripe, que, segundo todos os especialistas, são estes dias mais frios.